

AS DIMENSÕES BIO-PSICO-SOCIAIS DOS  
PAPÉIS SEXUAIS

Adilson Novaes Motta

Orientador: Eliezer Schneider

FEV  
200  
7RETO

AS DIMENSÕES BIO-PSICO-SOCIAIS DOS  
PAPÉIS SEXUAIS

Dissertação submetida como requisito  
parcial para obtenção do grau de  
Mestre Adilson Novaes Motta

RIO DE JANEIRO

FUNDACÃO GETÚLIO VARELA

INSTITUTO DE ESTUDOS AVANÇADOS EM EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO

1966

AS DIMENSÕES BIO-PSICO-SOCIAIS DOS  
PAPEIS SEXUAIS

Adilson Novaes Motta

Orientador: Eliezer Schneider



Dissertação submetida como requisito  
parcial para obtenção do grau de  
Mestre em Educação.

RIO DE JANEIRO  
FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS  
INSTITUTO DE ESTUDOS AVANÇADOS EM EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO  
1987



Desejo expressar a minha sincera homenagem à figura humana extraordinária e ao brilhantismo de um autêntico "*scholar*":  
Prof. Eliezer Schneider, meu orientador.

A Fátima, companheira e  
incentivadora, e aos  
meus filhos: Leonardo,  
Adriano e Marcus, por  
tudo que me inspiram.

## SUMÁRIO

	Pág.
APRESENTAÇÃO .....	1
CAPÍTULO I	
IDENTIFICAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DOS PAPÉIS SEXUAIS	4
Definindo socialização .....	4
Identificação .....	6
Identificação e imitação .....	7
Consequência da identificação .....	9
Tipificação sexual .....	9
Padrões de desenvolvimento de papéis sexuais .....	12
1) Desenvolvimento de constância de gênero .....	13
2) O desenvolvimento de estereótipos de papéis sexuais .....	16
Os estereótipos sexuais na vida adulta .....	22
Estereótipos de papéis sexuais: dados conclusivos	26
Desenvolvimento do comportamento de papel sexual..	31
Masculinidade e feminilidade .....	33
Adaptação e transcendência aos papéis sexuais.....	36
Papéis sexuais na vida adulta .....	37
O ESTUDO DAS DIFERENÇAS SEXUAIS NO COMPORTAMENTO..	39
Abordagem introdutória: diferenciação homem-mulher	39
As bases biológicas das diferenças sexuais .....	41
A diferença sexual normal .....	41
1. Sexo genético (ou cromossômico) .....	44
2. Sexo gonádico .....	45
3. Sexo somático .....	45
3a. Genitália interna .....	45
3b. Genitália externa .....	48
3c. Caracteres sexuais secundários .....	48
4, 5 e 6 - Sexos legal, de criação e psicossocial	50
Diferenciação sexual anormal: (os estágios interse xuais) .....	51
1) Anormalidades genéticas (aberrações cromosso- mais). Estudo de dois exemplos .....	51
Síndrome de Klinefelter .....	51
Síndrome de Turner .....	55
2) Anormalidades hormonais: (dois exemplos) ....	58



	Pág.
Síndrome Adrenogenital (Hiperplasia virilizante das supra-renais .....	58
Síndrome de feminilização testicular .....	62
Transexualidade e mudança de sexo .....	69
DIFERENCIAÇÃO SEXUAL NO CÉREBRO .....	71
Os aspectos endócrinos da diferenciação sexual humana .....	71
Fatores sociais e biologia .....	78
Socialização dos papéis sexuais .....	79
Modelação seletiva .....	80
Diferenças sexuais na cognição .....	83
Diferenças sexuais na personalidade e motivação...	86
Diferenças de classe social e as diferenças sexuais	90
CAPÍTULO II	
TEORIAS DA IDENTIFICAÇÃO E TIPIFICAÇÃO SEXUAL ....	93
Teorias psicanalíticas da identificação: Freud ...	93
A posição falocêntrica de Freud .....	99
Teorias de aprendizagem social da identificação...	105
A pesquisa de Sears .....	105
A pesquisa de Gewirtz .....	107
A teoria de Bandura .....	109
Teoria cognitivo-desenvolvimental da identificação e tipificação sexual .....	115
CAPÍTULO III	
1a. PARTE	
AS BASES CULTURAIS DAS DIFERENÇAS SEXUAIS: ABORDAGEM TRANSCULTURAL .....	120
2a. PARTE	
A CULTURA SEXISTA NO BRASIL: UMA VISÃO HISTÓRICO - CULTURAL .....	140
O discurso sexista na Europa: séculos XVIII e XIX	140
CULTURA BRASILEIRA: A ESTRUTURA FAMILIAR NO BRASIL	143
Brasil Colonial .....	143
Brasil hoje .....	145
O papel da educação formal nos papéis sexuais: uma visão histórico-cultural .....	146

	Pág.
A educação formal da mulher brasileira de hoje.....	153
Linguagem e sexismo: a ideologia do duplo valor e de submissão .....	159
Linguagem e objetificação da mulher .....	161
Os estereótipos de papéis sexuais na literatura: a poesia e o machismo .....	166
As origens da misoginia: a mulher como ser amaldiçoado .....	167
A poesia: o mítico e o simbólico (a literatura reencontra o mito) .....	170
O Marianismo no Brasil: sua influência sobre a produção literária sexista .....	171
Machismo e racismo: a figura da mulata .....	172
O estudo dos mitos e lendas brasileiras: a Antropologia simbólica e os padrões sexuais nos cultos afro-brasileiros .....	175
Cultura sexista no Rio Grande do Sul: a figura do "matcho" .....	177
CONCLUSÃO .....	180
BIBLIOGRAFIA .....	181



## RESUMO

Esta dissertação intitulada "*As Dimensões Bio-Psico-Sociais dos Papéis Sexuais*" é baseada numa pesquisa bibliográfica, de caráter multidisciplinar, e apresenta os seguintes objetivos:

- 1) efetuar um estudo sobre as dimensões biológicas dos papéis e dos estereótipos sexuais;
- 2) apresentar as principais teorias sobre a origem dos papéis e dos estereótipos sexuais;
- 3) destacar os mais importantes estudos sócio-culturais que privilegiem a origem dos papéis e dos estereótipos sexuais;
- 4) localizar nas diversas manifestações culturais (literatura, arte, música e linguagem) dados que esclareçam a origem dos papéis e dos estereótipos sexuais na cultura brasileira;
- 5) abordar, objetiva e criticamente, o machismo, ou sexismo típico brasileiro; causas e consequências.

Na medida em que nos propusemos a atingir os objetivos citados, constatamos que o nosso ponto de partida seria a sobrevivência dos estereótipos. Em outras palavras, a importante questão da origem dos estereótipos seria o nosso filão. Afinal de contas, se o estereótipo e a reali

dade não apresentam correlação, como aquele sobrevive? Da mesma maneira, de onde se originam as diferenças sexuais observadas?

Na tentativa de respondermos à pergunta, procuramos estudar as três dimensões, que consideramos fundamentais, a saber:

- 1) a dimensão biológica
- 2) a dimensão psicológica
- 3) a dimensão social.

and reality keep no correlation; how does the first survive?  
By the same token, where do observable sex differences  
come from?

As an attempt to reply to this question, we have  
made a study of the three basic dimensions, namely: the  
biological, the psychological, and the social one.

## APRESENTAÇÃO

Título: "AS DIMENSÕES BIO-PSICO-SOCIAIS DOS PAPÉIS SEXUAIS"

As constantes mudanças nas relações sociais, imprimidas pelo rápido avanço tecnológico, ensejaram o surgimento de questões, que apesar de antigas, causaram importante impacto sobre as ciências que por elas se interessam.

Nos últimos vinte anos, questões tais como o feminismo, o racismo, o homossexualismo, etc. assumiram lugar de destaque junto aos meios de comunicação de massas e se tornaram assuntos de discussões acadêmicas nas áreas de Sociologia, Antropologia, Psicologia, Literatura, etc. A multidisciplinaridade que esses problemas envolvem mobiliza um acervo de informações o mais vasto, decorrendo daí uma ampla frente de pesquisa.

O tema do nosso trabalho, um estudo dos papéis sexuais, é um desses assuntos que, por sua dimensão histórica, reveste-se da maior importância. Destacamos aqui a dimensão histórica por considerá-la continente: o biológico, o psicológico e o social estão inseridos num contexto histórico (em níveis diacrônicos ou sincrônicos). Ademais, estudar-se os papéis sexuais é, em última análise, traçar uma história que envolve inúmeras facetas e dimensões, que sofrem rápidas variações em curto espaço de tempo, em diversos contextos sociais.



O estudo dos papéis sexuais vem sendo alvo de muitas pesquisas, por muitas razões, inclusive o movimento feminista. Hoje sabemos muito mais sobre o assunto do que há menos de uma década, ao mesmo tempo, e inevitavelmente, podemos estar certos de que já estamos desatualizados em relação ao que, no momento em que escrevemos, está sendo pesquisado.

Num país de grande tradição machista como é o Brasil, o estudo dos papéis sexuais torna-se extremamente atraente, embora reconheçamos as dificuldades. Acreditamos que os inúmeros problemas de ordem política, econômica, social, etc. seriam razão bastante para que se estudasse o problema dos papéis sexuais e as origens dos estereótipos sexuais, senão vejamos.

Com uma população menor de 18 anos, que atinge a impressionante marca dos 50% da população total, concluímos imediatamente que dois fatores concorrem para isto, de um lado a explosão demográfica e de outro a falta de educação de base nas classes menos favorecidas. E é exatamente nestas classes onde o machismo atinge a sua plenitude: filhos em grande número simbolizam virilidade, sem se considerar aqui a possibilidade de virem a se tornar mão-de-obra marginal a serviço dos próprios pais. Por outro lado, a mulher dessas classes exerce uma cidadania de segunda classe, atuando como legitimadoras do machismo, sem exercício de qualquer direito e sem qualquer possibilidade de reivindicação.

Retomando-se o assunto da explosão demográfica,



observaremos que a necessidade de gerar empregos a cada ano (um milhão no Brasil), conduz a um alto índice de subempregos, pela carência de qualificação. Neste processo a mulher é sempre a maior sacrificada: é discriminada para o exercício de determinados cargos e, na maioria das vezes, recebe menores salários, mesmo quando qualificada. Aqui a dita "fragilidade feminina" é a forma racional de negação da discriminação.

É inegável o valor dos movimentos feministas brasileiros, muitas conquistas vêm tendo curso nos últimos dez anos, nos mais diferentes campos de atividade. Não negamos a autenticidade do discurso feminista brasileiro, mas questionamos o fato de estar este ao alcance das mulheres de classes subprivilegiadas ou se estas são manipuladas por grupos mais bem aparelhados intelectual e ideologicamente; afinal a tutela é tão consagrada no Brasil quanto o cafezinho, o futebol ou a feijoada.

## CAPÍTULO I

### IDENTIFICAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DOS PAPÉIS SEXUAIS

#### Definindo socialização

Os seres humanos vivem em sistemas sociais com regras e normas que especificam modos de comportamento. Como bebês, crianças adolescentes e adultos aprendemos a nos comportar de maneira considerada adequada pela sociedade. O termo socialização, embora de difícil definição, refere-se a que, porque e como aprendemos a conduta social.

Para os propósitos do presente trabalho, apresentamos uma definição que nos parece mais adequada, a de Brim (1966, ap. Meyer e Dusek, 1979):

*"the process by which individuals acquire the knowledge, skills, and dispositions that enable members of groups and the society."*

Esta definição diz que o indivíduo deve aprender certas condutas.

Há duas teorias relacionadas à natureza da aprendizagem: teoria cognitivo-desenvolvimental e teoria da aprendizagem. Sua mais importante implicação para a socialização é a distinção entre aprendizagem e desempenho, isto é, como as crianças aprendem comportamentos sociais adequados e por que os aprendem. O "como" refere-se a processos psicológicos subjacentes à socialização, ao passo que o "por que" refere-se à especificação de processos que determinam o comportamento do indivíduo. Como ou de que maneiras as crianças comportam-se como seus pais? E por que assim o fa

zem? De que maneiras meninos e meninas comportam-se de formas diferentes? O que os conduz a isto?

Retornando-se a definição de Brim, concluímos que a socialização é um processo no qual o comportamento do indivíduo muda de acordo com os padrões sociais, ou seja, comportamento que é aceitável num ponto do ciclo de vida de um indivíduo pode ser inaceitável em fase posterior. À medida em que as crianças crescem, esperamos que seu comportamento mude em conformidade com o seu nível de maturidade. Ademais, vale a pena destacar-se que o comportamento específico que se espera depende da cultura; a cultura muda e, da mesma maneira, mudam as nossas expectativas relacionadas ao comportamento das crianças de diferentes idades.

A socialização é uma via de mão dupla, na medida em que exige mudança de ambas as partes: pais e filhos. Por exemplo, à medida em que as crianças crescem, espera-se que elas demonstrem mais independência; ao mesmo tempo os pais devem aprender a agir diferentemente com relação às lutas de seu filho pela independência. Goslin (1969, p. 6) enfatiza a importância do estudo dos componentes interacionais das relações interpessoais, observando que cada participante influencia o comportamento do outro e que o ensino e a aprendizagem do papel social caminham lado a lado.



## Identificação

Freud (1921) foi o pioneiro a usar o conceito de identificação para descrever como as crianças pensam, comportam-se e sentem-se como uma outra pessoa (modelo). Os mais importantes modelos para as crianças menores são seus pais, ao passo que para as crianças maiores a identificação não se dá somente com os pais mas também com os pares, tais como, colegas de classe, ou com outros adultos: professores, por exemplo. Elas também identificam-se com amplas classes de pessoas que se enquadram num agrupamento comum, tais como do sexo masculino ou feminino, adolescentes ou colegas de escola.

Segundo Meyer e Dusek (1979, p. 245):

*"All the models with which the child may identify share the common element of similarity to the child (Lynn, 1969).*

*If the child perceives some similarity between himself or herself and some model, then he or she is more likely to identify with that person. This the child's perception of similarity forms the basis for identification."*

As pesquisas demonstram que a semelhança entre o observador e o modelo aumenta a probabilidade de que o observador imite o modelo (Bandura, 1969); Gewirtz, 1969). Ao imitar um modelo, a criança pode aprender novo comportamento; daí ser a identificação freqüentemente considerada como uma das mais básicas formas de a criança tornar-se socializada.

A semelhança entre o comportamento da criança e do adulto fornece evidência da existência da identificação. A imitação diferenciada da mãe e do pai pela criança ilus-

tra o poder da identificação na aprendizagem do comportamento tipificado pelo sexo.

Erikson (1971) considera a identificação da criança com o genitor do mesmo sexo como um evento importante dos anos pré-escolares. Kagan (1971) define a identificação em termos da teoria da aprendizagem, vendo-a também como um desenvolvimento do período pré-escolar:

*"A identificação é, em parte, a crença de de uma pessoa de que certos atributos de um modelo (por exemplo, pais, irmãos, parentes, pares e figuras de ficção) também são possuídas por ela. Um menino que compreende que ele e o pai partilham do mesmo nome, tem feições faciais parecidas e fica sabendo pelos parentes que tem temperamento forte, desenvolve uma crença de que ele é igual ao pai. Quando esta crença em similaridade é acompanhada de experiências emocionais vicárias na criança, e que são apropriadas para o modelo, dizemos que a criança se identifica com o modelo."* (Kagan, 1971, p. 57; grifo no original)

De acordo com Kagan (1971), quatro processos interrelacionados estabelecem e fortificam a identificação:

- 1) As crianças acreditam que partilham de atributos físicos ou psíquicos com o modelo;
- 2) As crianças sentem emoções semelhantes às que o modelo está sentindo;
- 3) As crianças desejam ser como o modelo;
- 4) As crianças se comportam como o modelo.

### Identificação e imitação

Identificação não é simplesmente imitação, tanto um quanto o outro refere-se à semelhança de comportamento entre a criança e um modelo. A criança imita e admira o



modelo no processo de identificação. A criança pode imitar qualquer um de uma ampla gama de modelos, mas seleciona apenas certos modelos. É a imitação de modelos selecionados, tais como os pais, dentre tantos outros adultos que indica a identificação e a distingue da simples imitação.

A atenção seletiva a modelos específicos tem duas importantes consequências que ajudam na distinção entre identificação e imitação. Em primeiro lugar, a criança *corresponde* a um número maior de comportamentos de modelos selecionados do que a dos não-selecionados; como consequência, a criança adquire um conjunto mais detalhado de comportamentos do modelo selecionado, mais do que comportamentos de outros modelos potenciais. Este detalhe pode incluir tanto os padrões motores em massa quanto os gestos mais delicados, uso de expressões verbais, inflexão vocal e maneirismos típicos do modelo.

Em segundo lugar, a criança tende a atribuir valor aos comportamentos do modelo em situações específicas, isto é, se o modelo for competente, a criança mais provavelmente aprenderá um comportamento adaptativo por aquela situação; se incompetente, a criança poderá não aprender como lidar com a situação de maneira adequada.

A atenção seletiva a modelos específicos tem sua base no primeiro contacto da criança com o adulto, mais especificamente com os pais. O controle que têm os pais sobre as recompensas e sobre o ambiente indubitavelmente ensina a criança a lhes dar atenção especial; além disso, os pais ensinam a criança a observar outras pessoas mais sele

tivamente, mostrando-lhe seus comportamentos adequados ou inadequados. Assim, a criança aprende a selecionar modelos para imitar e com quem se identificar.

### Consequência da identificação

A socialização resultante da identificação parece ser automática (Bandeira, 1969) e resultar de processos outros que não o treinamento deliberado da criança. Esta função da identificação manifesta-se de duas maneiras: primeiro, a criança desenvolve um papel sexual, um conjunto de padrões comportamentais consistentes com os papéis masculino ou feminino atribuídos pela sua própria cultura; segundo, a criança desenvolve um superego, ou consciência moral, que internaliza os padrões sociais e éticos de conduta.

Para atender ao proposto pelo presente trabalho, discutiremos somente a tipificação sexual.

### Tipificação sexual

Mariana, com 5 anos de idade está brincando de "casinha" com Tiago. "Eu sou a mãe", diz ela, enquanto se ocupa da cozinha, faz a limpeza e cuida de seus "bebês", ao mesmo tempo em que Tiago pega uma pasta e "sai para trabalhar". Um minuto depois volta, senta-se à mesa e diz: "Estou com fome. Onde está o jantar?"

Na brincadeira, Mariana e Tiago exemplificam os resultados da tipificação sexual, o processo pelo qual as crianças adquirem o comportamento e as atitudes considera-

dos por sua cultura como caracteristicamente masculinos ou femininos. Mariana absorveu pelo menos um valor da sua sociedade, a crença de que "o lugar da mulher é no lar". Tia go aceitou a noção de que a masculinidade adulta envolve sair de casa para trabalhar e voltar à casa para comer a comida preparada por uma mulher.

A tipificação sexual é, no entanto, muito mais profunda do que este exemplo inocente indica. Envolve os próprios motivos, emoções e valores que nos ajudam a dirigir nossa vida desde a primeira infância até o túmulo. A maioria de nós cresce com noções fortemente definidas do comportamento, opiniões e emoções que são apropriados aos sexos masculino e feminino. As crianças desenvolvem estas noções muito cedo e seus padrões de papel sexual permanecem estáveis através da vida.

A tipificação sexual refere-se à aquisição, por parte da criança, de motivos, atitudes, valores e comportamento considerado pela cultura como masculino ou feminino. Esta aprendizagem inicia-se na infância quando os pais rotulam a criança como menino ou menina e passam a responder à criança de acordo com o seu sexo (se menino ou menina). Através dessas diferentes respostas e expectativas de comportamento diferente da parte de meninos ou meninas, os pais moldam o comportamento da criança de acordo com padrões considerados apropriados ao seu sexo.

A maioria das culturas vê o papel masculino como controlador, independente, assertivo, competitivo, agressivo e manipulador do ambiente. Ao passo que o papel feminino



no é visto como passivo, dependente, nutriente, não-agressivo e cálido, entretanto, em algumas culturas, esses papéis são invertidos, indicando que os seres humanos não são estritamente destinados biologicamente a certos papéis sexuais unicamente pelo gênero.

Segundo Meyer e Dusek (1979, p. 348):

*"The cross-cultural study of sex-typing and sex-role development (Barry, Bacon Child, 1957; Block, 1973) proves to a large extent that the most important determinant in the acquisition of sex roles is the historical context of the culture, and the resultant training undergone by the child."*

Tanto o homem quanto a mulher podem assumir o papel agressivo ou passivo numa sociedade. O movimento feminista é baseado na noção de que muitas se não todas as diferenças de comportamento do homem e da mulher deve-se às influências da socialização que fizeram com que o papel feminino fosse restrito e subserviente. Um dos objetivos desse movimento consiste em estabelecer uma atmosfera cultural na qual as mulheres estejam à vontade para escolher papéis alternativos. Se a cultura é um determinante tão forte de papéis sexuais como muitos acreditam, surgem daí várias questões interessantes, como por exemplo: como as preferências por papéis sexuais alternativos relacionam-se às práticas educativas dos filhos, aos papéis sexuais tradicionais e às expectativas sociais sobre os padrões de comportamento que diferenciam os sexos? Uma mãe que trabalha influenciará a sua filha no sentido de ter uma carreira?

Em oposição às influências culturais há a tese que pelo menos algumas diferenças sexuais em comportamento

têm base biológica. Vejamos o que dizem a este respeito Meyer e Dusek (1979, p. 348):

*"Data on stress in infants and life expectancy, for example, show that males are much more to prenatal and postnatal difficulties and illnesses than are females. In general, females can withstand pain and stress better than males. Girls are "ready" for school earlier than boys, at least in terms of their psychomotor and perceptual motor abilities. Females also mature earlier than males the same age. Might there not be other biological differences between the sexes that relate more directly to behavior? And in what ways do the biological differences that we know exist between the sexes relate to differences in sex-typing and in its result, the sex-typed roles that we have?"*

### Padrões de desenvolvimento de papéis sexuais

Devemos aqui estudar três linhas desenvolvimentais, separadamente:

1) o denominado conceito de gênero, isto é, desenvolvimento da compreensão por parte da criança de que ela é um menino ou uma menina;

2) o desenvolvimento dos estereótipos dos papéis sexuais, ou seja, idéias sobre como se supõe que homens e mulheres devam ser;

3) o desenvolvimento de padrões distintivos diferentes de comportamento próprio para cada sexo, por exemplo, brincar com "brinquedos de menino" ou com "brinquedos de menina", ou escolher companheiros do mesmo sexo para brincar.



### 1) Desenvolvimento de constância de gênero

Cabe aqui perguntar quando uma criança passa a compreender que é menino ou menina. A resposta em muito dependerá da complexidade de nosso conceito de gênero. Aqui examinaremos três níveis de complexidade que se desenvolvem em seqüência.

Em primeiro lugar há a *identidade do gênero*, a capacidade da criança de corretamente atribuir o seu próprio sexo e o de outras pessoas.

Um aspecto importante da crescente familiaridade da criança quanto aos estereótipos de papéis sexuais é a aprendizagem da identidade de gênero (Mussen, 1969). Num estudo com crianças de dois, dois e meio e três anos de idade, Thompson (1975) achou que crianças de dois anos e meio eram capazes de identificar retratos ou figuras de gente ou bonecos como pertencentes a um ou outro sexo. As crianças de dois anos, no entanto, foram inconsistentes na aplicação de rótulos de gênero a elas próprias. Ao passo que as de dois anos e meio puderam não somente identificar o gênero como também categorizar-se corretamente como sendo do sexo masculino ou feminino. Elas também sentiram ser mais semelhantes a bonecos que tivessem características do seu próprio sexo do que bonecos do "sexo" oposto ao seu. Estas crianças estavam claramente cientes do seu próprio sexo. Elas também demonstraram estar cientes da tipificação cultural do sexo nas roupas e objetos domésticos. As crianças de três anos facilmente identificaram o sexo de outra pessoa, assim como o seu próprio sexo e a tipifi-

cação sexual. Elas preferiram objetos "bons" de "mesmo se xo" e pareceram ter aceito seu próprio rótulo de gênero e o incorporou no seu próprio comportamento de papel sexual. Daí a identificação de gênero precede à tipificação sexual e à aprendizagem de comportamento sexual tipificado. Uma vez que a identificação de gênero é uma tarefa que requer avaliação cognitiva por parte da criança, estas descobertas sugerem que o desenvolvimento cognitivo pode ser um com ponente importante para a aprendizagem dos papéis sexuais.

Williams et al. (1975) usaram uma técnica de histórias com gravuras para avaliar estereótipos sexuais em classes de jardim-da-infância, 2a. série do 1º grau e 4a. sé rie do 1º grau, envolvendo meninos e meninas. As crianças de jardim-da-infância mostraram-se altamente cientes dos tradicionais esterótipos sexuais e as de 2a. série mostra ram-se ainda mais cientes. As da 4a. série, todavia, não demonstraram aumento desta ciência. Além disto, o conheci mento de estereótipos sexuais por partes de crianças de 4a. série era incompleto; elas não atingiram os melhores resul tados no questionário de avaliação. Os investigadores sü gerem que muitos traços não se tornam sexualmente tipifica dos até a adolescência, em particular aqueles que são de difícil definição, tais como frívolo, envergonhado e pre sunçoso. Tanto neste estudo como em outros (Mussen, 1969), as crianças de ambos os sexos aprendem o estereótipo mascu lino antes do feminino. Williams et al (1975) sugere como explicação que os indicadores de estereótipo masculino (ex. agressivo, espalhafatoso, aventureiro) têm mais óbvios re-

ferentes comportamentais do que os indicadores de estereótipos femininos (ex. gentil, sonhadora, sofisticada).

Em segundo lugar, há a estabilidade de gênero, que envolve a compreensão de que se tem o mesmo gênero por toda a vida. Segundo Bee e Mitchell (1984) isto foi medido através de pesquisas que continham itens de perguntas tais como: "Quando você era pequenininho, você era um menininho ou uma menininha?" ou: "Quando você crescer, você será uma mamãe ou um papai?" Este aspecto do conceito geral de gênero, ainda segundo Bee e Mitchell (1975), pare-ce se desenvolver aproximadamente aos quatro anos e meio, embora a época varie um pouco de criança para criança. Conclui-se que a compreensão da estabilidade de gênero por parte da criança parece vir depois da sua compreensão de identidade de gênero.

E, finalmente, existe o desenvolvimento da verdadeira constância do gênero, compreendido pela maioria das crianças por volta dos cinco ou seis anos. Esta constância pode ser considerada como uma espécie de conserva-ção, isto é, um reconhecimento de que alguém permanece do mesmo gênero, mesmo que pareça mudar usando roupas dife-rentes ou tendo diferentes comprimentos de cabelo.

Slaby e Frey (1975) exploram o desenvolvimento da constância de gênero, para eles a criança desenvolve pri-meiramente a identidade de gênero (conhecimento do gêne-ro dos outros e do seu próprio), seguida pela estabilida-de de gênero (conhecimento de que cada um será do mesmo gênero quando crescer) e depois a consistência de gênero



(saber que cada um não mudará de gênero ao mudar de tarefa ou de roupa). Ainda segundo esses pesquisadores, o conceito completo de gênero não se desenvolve até a idade escolar. Daí podermos supor, e com certa segurança, que os choques nesta idade com os papéis e estereótipos sexuais, na escola e em outras partes, podem ser críticos na formação de papéis sexuais diferenciados e de comportamento diferentes.

Segundo Slaby e Frey (1975), esta sequência de desenvolvimento se relaciona ao desenvolvimento de competência cognitiva e à seleção que faz a criança de modelos de *emulação*.

## 2) O desenvolvimento de estereótipos de papéis sexuais

Quais são as fontes de informação sobre os papéis sexuais para as crianças da idade escolar? Obviamente, os pais continuam a desempenhar algum papel, mas, como a quantidade de tempo que as crianças passam com os pais depois da idade de seis anos declina marcadamente, há provavelmente outras influências mais importantes. Os professores desempenham um importante papel, assim como livros, a televisão e outros meios de comunicação.

Nos Estados Unidos foram feitas várias revisões de livros, em especial os de leitura, nas escolas elementares, os pesquisadores Saario, Jacklin e Tittle, 1973; Lee e Gropper, 1974 (ap. Bee, 1978, p. 28) relatam que há estereótipos sexuais claros retratados nestes livros. Há relativamente poucos personagens femininos nas leituras infan-

tis e estes inclinam-se a mostrar-se menos esforçados fisicamente, menos construtivos e produtivos, piores em resolver problemas, mais conformados. As mulheres frequentemente mostram o caráter caseiro e não exterior ou de trabalho. Quando os personagens femininos estão envolvidos na ação das histórias, a maioria das coisas sucede à mulher como resultado do acaso ou de fatores fora de seu controle; para os homens, nas histórias infantis, acontecem boas coisas devido às suas próprias ações. Estas descrições das mulheres foram mais claras nos leitores de terceira série do que nos leitores de primeira, sugerindo que o papel sexual estereotipado pode tornar-se mais forte através do curso.

Para Bee (1978, p. 28):

*"a estereotipia direta do sexo por parte dos professores na sua interação com as crianças é mais complexa. Lee e Gropper, revendo esta evidência, concluem que os professores desejam que tanto as meninas quanto os meninos sejam organizados, conformados e dependentes. Talvez porque os meninos são menos aquiescentes, os professores dirigem seus esforços de socialização mais para os meninos, dando atenção e mais reprimendas aos meninos. Há também evidência de que as crianças percebem os professores como gente que prefere mais as meninas do que os meninos.*

Lee e Gropper sintetizam:

*"Dados como estes indicam que os meninos e as meninas não têm um igual acesso às expectativas do professor típico sobre o papel do aluno. Faz-se pressão sobre os meninos para se acomodarem a um papel de aluno que entra em conflito com o seu próprio papel sexual e, talvez algo ainda mais pernicioso sobre as meninas, para que não se desviem do seu papel feminino. (Lee e Gropper, 1974, p. 389)."*

Fica claro que os professores estão enfatizando os papéis femininos tradicionais no seu comportamento frente as meninas. Ainda segundo Bee (1978), as mensagens para os meninos são mais confusas porque sofrem um reforço direto para as mesmas espécies de comportamento conformista e dócil que são valorizadas nas meninas, mas também recebem mais críticas.

Segundo Bee (1978, p. 28):

*"Para complicar ainda mais as coisas, eu lembraria que tanto os meninos quanto as meninas na escola observam muitas mulheres (professoras) desempenhando um papel competente e orientado para a realização. Assim, a estereotipia do papel sexual no comportamento do professor, a diferença dos manuais, está cheia de mensagens confusas quanto ao comportamento apropriado para os sexos."*

A informação do papel pela televisão se assemelha mais aos livros, ao retratar homens e mulheres de forma altamente estereotipada. Stein e Friedrich, 1975 (ap. Bee, 1978, p. 28) revisaram esta evidência e concluíram que as mulheres sofrem uma sub-representação em qualquer tipo de papel na televisão (isto também vale no caso dos livros) e seus papéis tendem a não ser "efetivos" ou competentes. A maioria das mulheres aparece em casa, ou em empregos, de alguma forma subservientes aos papéis masculinos. Nos programas infantis, os homens aparecem como mais agressivos e mais construtivos, enquanto as mulheres aparecem como mais passivas.

É Bee (1978, p. 29) que conclui:

*"O que estas análises sugerem é que as informações que as crianças recebem sobre os*



*papéis sexuais 'apropriados' são moderadamente consistentes e altamente estereotipadas desde a idade escolar."*

De acordo com Meyer e Duseck (1979), diversos estudos recentes envolvem mudanças nos estereótipos de papéis sexuais. Estes autores citam as pesquisas de Broverman et al. (1970, 1972) na qual cerca de 100 colegiais do sexo masculino e 100 do sexo feminino foram primeiramente solicitados a elaborar uma lista de características que diferenciam homens de mulheres. Uma lista dos traços mencionados foi então elaborada e foi aplicada a 74 colegiais do sexo masculino e a 80 do sexo feminino. Dos 60 itens da lista, 41 foram identificados como indicadores de comportamento sexual tipificado, estimada uma concordância de 75% entre indivíduos do mesmo sexo. O gráfico (reproduzido de Meyer e Dusek, 1979, p. 349) mostra os itens que fazem discriminação entre os sexos, divididos naqueles em que o traço masculino é visto como mais desejável e naqueles em que o traço feminino é visto como mais desejável. Um maior número de traços masculinos foram considerados mais desejáveis que os femininos. É interessante que quando solicitados a indicar o grau em que um item era característico de um homem adulto, tanto homens quanto mulheres demonstraram um alto grau de concordância. O mesmo se passou com os itens que caracterizavam a mulher adulta. Em outras palavras, tanto homens quanto mulheres concordaram quanto aos traços que eles consideravam masculinos e quanto aos que consideravam femininos. Baseados nesta e noutras descobertas Broverman et al (1972) concluem que existe acordo geral, ao lado de sexo, idade, religião, es

tado civil e nível educacional, quanto às características dos papéis sexuais que diferenciam homens e mulheres. Ademais, os traços masculinos foram mais altamente valorizados que os femininos.

Summary of Research on Sex Differences		
BELIEFS NOT SUPPORTED	WELL-ESTABLISHED SEX DIFFERENCES	AREAS WITH AMBIGUOUS OR TOO LITTLE EVIDENCE
<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Girls are more "social" than boys.</li> <li>2. Girls are more "suggestible" than boys.</li> <li>3. Girls have lower self-esteem.</li> <li>4. Girls are better at rote learning and simple repetitive tasks that require higher-level cognitive processing and the inhibition of previously learned responses.</li> <li>5. Boys are more "analytic."</li> <li>6. Girls are more affected by heredity, boys by environment.</li> <li>7. Girls lack achievement motivation.</li> <li>8. Girls are auditory, boys visual.</li> </ol>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Girls have greater verbal ability than boys.</li> <li>2. Boys excel in visual-spatial ability.</li> <li>3. Boys excel in mathematical ability.</li> <li>4. Males are more aggressive.</li> </ol>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Tactile sensitivity</li> <li>2. Activity level</li> <li>3. Fear, timidity, and anxiety</li> <li>4. Competitiveness</li> <li>5. Dominance</li> <li>6. Compliance</li> <li>7. Nurturance and "maternal" behavior</li> </ol>

SOURCE: Compiled from Maccoby, E. E., and Jacklin, C. N. The psychology of sex differences. Stanford: Stanford University Press, 1974.

Fonte: Meyer e Dusek (1979, p. 349).

Sex-Role Stereotypes	
COMPETENCY CLUSTER: MASCULINE POLE IS MORE DESIRABLE	
FEMININE	MASCULINE
Not at all aggressive	Very aggressive
Not at all independent	Very independent
Very emotional	Not at all emotional
Does not hide emotions at all	Almost always hides emotions
Very subjective	Very objective
Very easily influenced	Not at all easily influenced
Very submissive	Very dominant
Dislikes math and science very much	Likes math and science very much
Very excitable in a minor crisis	Not at all excitable in a minor crisis
Very passive	Very active
Not at all competitive	Very competitive
Very illogical	Very logical
Very home-oriented	Very worldly
Not at all skilled in business	Very skilled in business
Very sneaky	Very direct
Does not know the way of the world	Knows the way of the world
Feelings easily hurt	Feelings not easily hurt
Not at all adventurous	Very adventurous
Has difficulty making decisions	Can make decisions easily
Cries very easily	Never cries
Almost never acts as a leader	Almost always acts as a leader
Not at all self-confident	Very self-confident
Very uncomfortable about being aggressive	Not at all uncomfortable about being aggressive
Not at all ambitious	Very ambitious
Unable to separate feelings from ideas	Easily able to separate feelings from ideas
Very dependent	Not at all dependent
Very conceited about appearance	Never conceited about appearance
Thinks women are always superior to men	Thinks men are always superior to women
Does not talk freely about sex, with men	Talks freely about sex, with men
WARMTH-EXPRESSIVENESS CLUSTER: FEMININE POLE IS MORE DESIRABLE	
FEMININE	MASCULINE
Doesn't use harsh language at all	Uses very harsh language
Very talkative	Not at all talkative
Very tactful	Very blunt
Very gentle	Very rough
Very aware of feelings of others	Not at all aware of feelings of others
Very religious	Not at all religious
Very interested in own appearance	Not at all interested in own appearance
Very neat in habits	Very sloppy in habits
Very quiet	Very loud
Very strong need for security	Very little need for security
Enjoys art and literature	Does not enjoy art and literature at all
Easily expresses tender feelings	Does not express tender feelings at all easily

SOURCE: Broverman, I. K., Vogel, S. R., Broverman, D. K., Clarkson, F. E., and Rosenkrantz, P. S. Sex role stereotypes: a current appraisal. *Journal of Social Issues*, 1972, 28, p. 63.

Fonte: Meyer e Dusek (1979, p. 350).



### Os estereótipos sexuais na vida adulta

Bee (1978, p. 17) cita artigo de Broverman, Vogel, Clarkson e Rosencratz no qual a literatura sobre os estereótipos sexuais foi bem revista e dele várias conclusões foram tiradas.

Em primeiro lugar os padrões de papel sexual e os estereótipos são consistentes transversalmente em sexo, idade, religião e educação. As características percebidas pelos adultos de ambos os sexos como traços "masculinos" formam uma espécie de grupo de "capacidades" incluindo independência, objetividade, atividade, competição, processos de pensamento lógico, habilidade de negócios, sociabilidade, espírito de aventura, capacidade de tomar decisões facilmente, auto-confiança, atuação de liderança e ambição. Já as mulheres são avaliadas ou percebidas de forma consistente como inferiores nestas características, mas são vistas como superiores num grupo de "calidez e expressividade" que inclui gentileza, tato, consciência dos sentimentos alheios, delicadeza, loquacidade e habilidade de expressar sentimentos ternos. A concordância sobre a estereotipia sexual destes traços está extremamente significativa, apesar da reavaliação dos papéis sexuais que modernamente vigora em alguns segmentos da sociedade.

As qualidades de "calidez e expressividade" também são vistas como desejáveis, mas comparativamente, há menos qualidades "femininas" estereotipadas percebidas como boas ou desejáveis.

Broverman e outros, 1970, ap. Bee (1978, p. 18) demonstraram que os profissionais de saúde mental mantêm esta concepção assimétrica da excelência dos estereótipos masculino e feminino. Psicólogos, assistentes sociais e outros profissionais de saúde avaliam o adulto sadio e o homem sadio de forma semelhante, mas não vêem a mulher sadia como possuidora das mesmas qualidades do adulto sadio. Assim, as características geralmente desejáveis para qualquer adulto serão provavelmente qualidades masculinas este reotipadas. De uma certa maneira, quanto mais a mulher se adapta ao estereótipo feminino, tanto menos é considerada "saudável" pelos profissionais em saúde mental.

Pelo exposto, concluímos que não só existem estereótipos de papel sexual, persistentes e consistentes em nossa cultura, como estes estereótipos também são tendenciosos em favor dos homens; a maior quantidade de qualidades masculinas é mais valorizada do que as qualidades femininas.

Estes estereótipos começam muito cedo, de acordo com pesquisas realizadas. Urberg e Labouvier Vilef (1976 ap. Bee, 1978, p. 18) constataram consistente estereotipia em estudantes de 7a. série. Etangh e Rose (1975, ap. Bee, 1978, p. 18) descobriram que os estudantes de 7a. série, especialmente os meninos, avaliaram histórias ostensivamente escritas por autores masculinos como mulheres e mais interessantes do que as mesmas histórias com nome de um autor feminino. Williams, et al (1975, ap. Bee 1978, p. 18) tentavam ver qual a menor idade em que se pode detectar este es

tereótipo de papel sexual e puderam constatar um estereotipia clara desde a segunda série. Já os alunos de jardim-da-infância demonstraram uma fraca estereotipia. Pôde também ser constatado neste estudo alguma evidência de que o estereótipo masculino forma-se mais cedo e com mais firmeza do que o feminino, porque os traços como agressão, força, independência e capacidade decisória são todos claramente vistos como qualidades masculinas por parte das crianças, enquanto que muitas das qualidades femininas testadas tinham uma estereotipia mais fraca, mesmo na 4a. série.

Parece-nos importante avaliar a extensão em que estes estereótipos correspondem à "realidade" das diferenças sexuais que já sublinhamos. Na realidade há alguma correlação, que não é nada perfeita. A mulher estereotipada é menos independente, menos lógica e menos competitiva do que o homem, todavia, analisando-se os dados disponíveis, será constatado que nada disso vem a ser uma diferença "real", consistente.

Outro ponto que merece avaliação é a dúvida de que estes estereótipos afetam o comportamento de alguma forma. A evidência limitada sobre o impacto dos estereótipos de papel sexual no comportamento sugere que embora os adultos estejam cientes da existência do estereótipo e possam fornecer informações sobre ele, se interrogados sobre o homem "típico" ou "ideal" e a mulher "típica" ou "ideal", a maioria se distingue deste quadro estereotipado. Rosencratz e outros (1968, ap. Bee 1978, p. 19) descobriram que os estudantes de 2º grau se avaliavam de for



ma menos extrema do que avaliavam o homem ou a mulher "típica". Constataram também que há um elo entre os estereótipos e o comportamento que se demonstra no fato de as mulheres que se percebem como superiores nas dimensões de competência incluídas no estereótipo masculino provavelmente terem menos filhos do que as mulheres inferiores no item de competência.

### Estereótipos de papéis sexuais: dados conclusivos

Slaby e Frey (1975) exploram o desenvolvimento da constância de gênero. Aham que a criança desenvolve primeira a identidade de gênero (o conhecimento do gênero dos outros e do seu próprio), seguida pela estabilidade de gênero (conhecimento de que cada um será do mesmo gênero quando crescer) e depois a consistência do gênero (saber que cada um não mudará de gênero ao mudar de tarefa ou de roupa). O conceito completo de gênero não se desenvolve até quatro anos e meio para cinco e, em algumas crianças, até os cinco anos e meio.

Mischel (1970), enfatiza os papéis da imitação e do reforço direto e também Kohlberg (1966), que sugeriu uma abordagem "cognitivo desenvolvimentista".

Mischel enfatiza primariamente o papel do aprendizado pela observação. A criança aprende os comportamentos apropriados ao tipo de sexo através do exemplo. Ele enfatizou o papel do exemplo assinalando que o simples reforço dos comportamentos apropriados ao sexo não explica a variedade e complexidade do conceito de papel sexual que a criança adquire. Para Mischel a imitação tem importância capital e sugere que a criança imita os indivíduos que considera semelhantes a ela. Supõe também que as crianças recebem um reforço direto para imitar os modelos do mesmo sexo.

Comparando-se as posições de Mischel e Kohlberg, constatamos que este assume a posição de que o conhecimento do gênero é um desenvolvimento cognitivo que se efetua

antes que ocorra qualquer prefiguração sexual significativa, já aquele admite que a criança é recompensada por imitar os modelos do mesmo sexo e que os conceitos de gênero e papel sexual desenvolvem-se como resultado deste amoldamento.

Slaby e Frey (1975) mostram, por exemplo, que as crianças com um conceito de gênero completo possivelmente atentam mais para uma figura do mesmo sexo num filme do que as crianças menos adiantadas no conceito de gênero. Isto apoia a asserção de Kohlberg de que a imitação dos modelos do mesmo sexo e que os conceitos de gênero e papel desenvolvem-se depois do desenvolvimento de constância de gênero.

Maccoby e Jacklin (1974) fizeram uma revisão dos estudos realizados sobre a imitação, concluíram que as crianças menores de seis anos mostram, de fato, preferência por brinquedos "apropriados ao sexo" e agrupamento com companheiros do mesmo sexo e, portanto, já está ocorrendo algum tipo de prefiguração sexual. Estes dados mostram que a prefiguração sexual precoce provavelmente não está ocorrendo devido a uma imitação dos modelos do mesmo sexo.

Resta-nos perguntar então de onde vêm as diferenças de comportamento. Para as diferenças primárias, a resposta vem a ser bem simples: talvez meninos e meninas sejam criados de maneira diferente em forma sistemática e esta seja, talvez, a origem das diferenças na idade pré-escolar. Esta é uma noção lógica e, parece bastante razoável para muitas pessoas. É razoável se supor que há



diferenças sistemáticas no tratamento aos dois sexos durante os primeiros anos.

Inúmeras pesquisas confirmam a existência de diferenças consistentes no tratamento acima referido (Bee, 1984). Por exemplo, lida-se com os meninos de forma mais rude do que com as meninas; os pais se empenham em brincadeiras mais rudes e físicas com os meninos do que com as meninas. Os pais percebem as meninas como mais frágeis e se preocupam mais com os seus danos físicos. Há alguma evidência de que os pais pressionam para um comportamento que seja consistente com os estereótipos de papel sexual. Em particular no caso dos meninos, os pais dos pré-escolares ou de crianças mais velhas ficam aflitos com a possibilidade de que o filho escolha atividades ou brinquedos "femininos". Os pais são especialmente propensos a sentimentos fortes quanto à importância do comportamento apropriado de papel sexual por parte dos filhos. As filhas vivenciam alguma pressão deste tipo, mas aparentemente em menor extensão. Assim os comportamentos do papel sexual apropriados são importantes para os pais, e só podemos supor que este sentido de importância seja refletido de algum modo no comportamento dos pais para com os filhos.

Slaby e Frey (1975) realizaram estudo que parece mostrar que não ocorre um desenvolvimento completo e sutil do conceito de gênero até a idade escolar. Daí podermos supor, e com certa segurança, que os choques nesta idade com os papéis e estereótipos sexuais, na escola e em outras partes, podem ser críticos na formação de papéis sexuais

diferenciados e de comportamento diferenciais.

Quais são as fontes de informação sobre os papéis sexuais para as crianças da idade escolar? Seguramente, os pais continuam a desempenhar algum papel, mas, como a quantidade de tempo que as crianças passam com os pais declina marcadamente, há provavelmente outras influências mais importantes. Os professores, assim como livros, a televisão e outros meios de comunicação desempenham importante papel.

Várias pesquisas confirmam que há estereótipos sexuais claros retratados nos livros didáticos (Bee, 1984) especialmente livros de leitura de classes elementares. Há relativamente poucos personagens femininos nos textos infantis e estes tendem a mostrar-se menos agressivos, menos construtivos e produtivos, menos esforçados fisicamente, piores em resolver problemas, mais conformados. A mulher sempre demonstra um caráter caseiro. Quando os personagens femininos estão envolvidos na ação das histórias infantis, a maioria das coisas ocorre à mulher como resultado do acaso ou de fatores fora do seu controle; já para o homem, há sempre um papel heróico: as coisas lhe ocorrem graças às suas próprias ações (geralmente de bravura, coragem e despreendimento).

Quanto à estereotipia direta do sexo por parte dos professores na sua interação com crianças é mais complexa. Os professores desejam que tanto as meninas quanto os meninos sejam organizados, conformados e dependentes. Talvez porque os meninos são menos aquiescentes, os professores diri-

gem seus esforços de socialização mais para os meninos, dando-lhes mais atenção e reprimendas. As mensagens para os meninos são mais confusas porque sofrem um reforço direto para a mesma espécie de comportamento conformista e dócil que são valorizadas nas meninas, mas também recebem mais críticas. Tanto os meninos quanto as meninas observam muitas mulheres (professoras) desempenhando um papel competente e orientado para a realização. Desta forma, a estereotipia do papel sexual no comportamento do professor, diferentemente dos livros, está cheia de mensagens confusas quanto ao comportamento apropriado para os sexos.

A informação do papel sexual pela televisão se assemelha mais aos livros, ao retratar homens e mulheres de forma altamente estereotipada. As mulheres sofrem uma subrepresentação em qualquer tipo de papel na televisão (válido também para os livros) e seus papéis tendem a não ser "efetivos" ou competentes. As mulheres, na sua maioria, aparecem em casa ou em funções de alguma maneira subservientes aos papéis masculinos. Nos programas infantis os homens aparecem como mais agressivos e mais construtivos, enquanto que as mulheres aparecem como *deferentes* e passivas (Bee, 1984).

Para Bee (1984), as informações que as crianças recebem sobre os papéis sexuais "apropriados" são moderadamente consistentes e altamente estereotipadas desde a idade escolar. Parece-nos que as crianças começariam a incorporar gradualmente estes vários traços dos estereótipos em seus próprios conceitos de papel sexual e de gênero após



os primeiros anos de infância. Na adolescência são visíveis algumas diferenças no comportamento em direção a estes estereótipos, embora as diferenças reais no comportamento da vida real sejam bem menores do que estes estereótipos sugerem. Acreditamos que os estereótipos sexuais são mais extremos do que a imagem que as pessoas fazem de si próprias. Diríamos que as várias fontes de pressão social empurram a criança, se bem que não em todo percurso, para as percepções estereotipadas dos papéis sexuais.

Concluimos dizendo que algumas das diferenças sexuais observadas têm origem biológica e são acentuadas por pressões sociais de vários tipos. Alguns dos estereótipos sobre diferença sexual no comportamento simplesmente não combinam com o comportamento das pessoas reais no mundo real e, assim, apesar das pressões sociais inerentes à estereotipia em filmes, televisão e livros, nem todos os estereótipos são profecias auto-realizáveis. Encontramo-nos de certa forma, atrasados quanto ao entendimento de como todos estes processos funcionam, mas estamos adiantados na nossa compreensão da natureza das próprias diferenças.

### 3) Desenvolvimento do comportamento de papel sexual

Segundo Bee e Mitchel (1984, p. 447):

*"O modo mais simples e comum de se estudar a questão do desenvolvimento do comportamento de papel sexual é o de se examinar as preferências infantis por brinquedos. Por exemplo, se observarmos crianças brincan-*

do numa sala cheia de brinquedos, quais elas escolheram? Aproximadamente aos dois ou três anos há diferenças sexuais consistentes na escolha de brinquedos. As meninas brincam com vários tipos de brinquedos de "casinha", inclusive arrumar, costurar, cozinhar, etc. Os meninos brincam com revólveres, caminhões e ferramentas de carpintaria.

Outro meio de examinar o comportamento do papel sexual em crianças pequenas é a observação de suas escolhas de companhia para brincar. As crianças preferem consistentemente brincar com outras do mesmo sexo? A resposta parece ser afirmativa. A partir, aproximadamente, dos três ou quatro anos de idade, crianças pré-escolares geralmente preferem brincar com crianças de seu próprio sexo, e esta tendência se fortifica ainda mais quando chegam à idade escolar."

Ao concluirmos, tentaremos estabelecer relações entre os três padrões que acabamos de estudar. É-nos óbvio que essas três cadeias desenvolvimentais apresentam-se relacionadas umas às outras. Até que uma criança possa dizer com segurança se um seu par de brincadeira é uma menina ou um menino não se pode esperar que escolha parceiros do seu próprio sexo. Parece-nos que as duas coisas desenvolvem-se aproximadamente numa mesma época. Da mesma maneira, seria de esperar que os estereótipos de papel sexual ficassem mais claros à medida que o conceito que a criança tem de gênero avançasse, isto é exatamente o que ocorre. As crianças que têm conceito de gênero mais amadurecido também enquadram-se em estereótipos sexuais mais acentuados. É provável que eles se desenvolvam paralelamente, já que se nos torna muito difícil destacar o que ocorre primeiramente. A criança nota diferenças físicas entre homens e mulheres e observa também (ou fazem-na observar) diferença de atitudes, ocupação ou, até mesmo, sentimentos.

É importante, entretanto, que se questione alguns pontos. Vejamos, por exemplo, as nítidas diferenças sexuais na preferência por brinquedos, esta se desenvolve muito cedo - mais cedo do que a identidade de gênero! Afinal de contas, por que os meninos escolhem caminhões, armas, etc. enquanto as meninas escolhem bonecas? E Bee e Mitchell (1984, p.448) respondem:

*"Acreditamos que grande parte das informações a este respeito não sejam confiáveis. Talvez a resposta esteja na escolha dos presentes feitos pelos pais e parentes que já comportam uma escolha com base na diferença sexual. Isto, acreditamos, tem como consequência a diferenciação sexual precoce quanto às preferências por brinquedos. Parece-nos interessante que fossem efetuados estudos com famílias onde um esforço consciente fosse feito no sentido de não fornecer brinquedos sexualmente estereotipados, para que se constataste se essas crianças teriam menos preferência por brinquedos supostamente próprios do seu sexo."*

### Masculinidade e feminilidade

Até recentemente a maioria dos psicólogos acreditava que o comportamento masculino e o feminino fossem exatamente opostos. Em outras palavras, se os homens são fortes as mulheres devem ser fracas; e se as mulheres são bondosas os homens devem ser cruéis. A perspectiva era de que todo traço de personalidade tinha dois lados - um masculino e outro feminino. Quanto mais um homem exibisse traços masculinos, mais "macho" ele seria, e quanto mais uma mulher exibisse traços femininos, mais "fêmea" seria. Muitos testes de personalidade dentre os mais famosos e mais geralmente usados têm escalas "M-F" (masculinidade-feminilidade) ba



seadas nessa concepção teórica. Como exemplo desses instrumentos, apresentamos alguns itens do Questionário sobre Papéis Sexuais de Spence e Helmreich, 1978.

#### Escala M

Nada independente	A, B, C, D, E	Muito independente
Muito passivo	A, B, C, D, E	Muito ativo
Pode tomar decisões facilmente	A, B, C, D, E	Tem dificuldade para tomar decisões

#### Escala F

Muito rude	A, B, C, D, E	Muito emotivo
Nada emotivo	A, B, C, D, E	Muito delicado
Nada prestativo	A, B, C, D, E	Muito prestativo

Essa teoria parece muito razoável e se ajusta a algumas de nossas idéias comuns sobre a personalidade de homens e mulheres. Por outro lado, se pensarmos nas pessoas que realmente conhecemos, é provável que os homens efetivamente "masculinos" tenham alguns traços "femininos", como delicadeza ou bondade. Mulheres muito "femininas" geralmente mostram traços de personalidade "masculinos" como coragem e segurança. Todavia, parece-nos muito difícil explicar essas contradições com uma teoria que afirma que a masculinidade e a feminilidade são polos opostos.

Em vista desse problema, alguns pesquisadores têm recentemente usado uma nova abordagem para o estudo dos tipos sexuais. Tal abordagem baseia-se na idéia de que há dois conjuntos bastante separados e independentes de comportamento, um que chamamos "masculino" e outro que chamamos "feminino". O conjunto masculino diz respeito principalmente à competência - a capacidade de planejar, organi-

zar e realizar. O conjunto feminino, de outra parte, diz respeito a emoções - cuidado de outros, bondade e dependência. Embora haja certa interpretação entre os dois, basicamente estamos falando sobre dois tipos de traços de personalidade completamente diferentes.

Toda pessoa tem alguns traços desses dois conjuntos de comportamento, mas diferentes pessoas têm diferentes quantidades de cada conjunto. Um homem típico, por exemplo, poderia ter muitos traços masculinos e poucos femininos, sendo a mulher típica exatamente o oposto.

Vejamos esses dois tipos de maneira ilustrada:

#### MASCULINIDADE

	Metade superior	Metade inferior
Metade Superior	Andrógino	Feminino
Metade Inferior	Masculino	Indiferenciado

Até agora, essa perspectiva não é diferente das teorias de opostos mais antigas, que descrevemos acima. O que há de novo é a compreensão de que algumas pessoas têm ao mesmo tempo muitos traços masculinos e muitos traços femininos, os denominados andróginos. E, logicamente, algumas pessoas têm ao mesmo tempo poucos desses traços de comportamento e se tornam indiferenciadas. Em suma, uma pessoa pode ser masculina, feminina, ambas as coisas ou nenhuma delas - a perspectiva dualista da masculinidade e feminilidade.

## Adaptação e transcendência aos papéis sexuais

Investigações recentes (Bem et al., 1974), focalizaram o conceito de androginia e a transcendência aos papéis sexuais. A androginia refere-se à adaptação aos papéis sexuais. De acordo com Bem (1977, p. 6):

*"It is possible for an individual to be both assertive and compassionate, both instrumental and expressive, both masculine and feminine, depending upon the situational appropriateness of these various modalities; and it further implies that an individual may even blend these complementary modalities in a single act, being, for example to fire an employee if the circumstances warrant it but with sensitivity for the human emotion that such an act inevitably produces."*

O conceito de androginia sugere que um indivíduo pode expressar tanto traços masculinos como femininos, dependendo da situação.

O conceito de transcendência dos papéis sexuais é bastante similar ao de androginia. Ele considera que o gênero atribuído é irrelevante para a nossa orientação na vida, que, de maneira ideal, deveria ser flexível e dinâmico. A pessoa deveria ser capaz de se engajar numa ampla extensão de estilos de vida e comportamento, limitada tão-somente pelo indivíduo e suas necessidades.

Hefner (1975, ap. Bee, 1984) apresentou uma teoria de estágios representando o desenvolvimento da transcendência ao papel sexual. No estágio 1, a criança tem uma concepção indiferenciada dos papéis sexuais e dos comportamentos sexualmente tipificados - ele ou ela não tem conhecimento da atribuição às pessoas de comportamento diferenciado.



do com base no sexo. A criança então aprende a observar as dicotomias existentes na sociedade e gradativamente começa a perceber a existência de uma dicotomia masculino-feminino e que comportamentos adequados relacionam-se ao sexo de uma pessoa. No estágio 2, dá-se a polarização, a criança se identifica com o papel sexual socialmente determinado e aprende os comportamentos apropriados ao seu sexo. A criança aceita os papéis sexuais convencionais e rejeita o papel do sexo oposto. O que é mais importante, a criança aprende que (ele ou ela) não tem escolha, porque a sociedade a coloca num lado ou noutro da dicotomia de gênero. O estágio 3 é denominado transcendência do papel sexual. Aqui, o indivíduo aprende a mover-se livremente entre as características e o comportamento relacionado a um ou outro sexo, dependendo da situação. A adesão rígida ao comportamento sexualmente tipificado cai à medida que o indivíduo transcende os estereótipos sexuais. De acordo com Hefner (1975) existe pouco apoio para uma transição contínua entre os estágios 2 e 3 atualmente (a nível da sociedade americana).

#### Papéis sexuais na vida adulta

Acreditava-se, até recentemente, que os comportamentos masculino e feminino fossem opostos, isto é, se os homens são fortes as mulheres são fracas; sendo as mulheres bondosas os homens devem ser "durões", e assim por diante. A perspectiva era de que todo traço de personalidade apresentava dois lados: um masculino e outro feminino. "Macho" seria o homem que mais exibisse traços masculinos, em con -

traposição "fêmea" seria a mulher que exibisse traços femininos.

Esta teoria é de certa forma razoável e se ajusta a algumas das idéias que compartilhamos sobre a personalidade de homens e mulheres. Por outro lado, é bem provável que, dentre pessoas de nossa relação; existam homens realmente viris que tenham traços "femininos", como delicadeza ou bondade. Mulheres muito "femininas" podem também, por sua vez, apresentarem traços "masculinos" como coragem e segurança. Torna-se-nos difícil explicar essas contradições com uma teoria que afirma que a masculinidade e a feminilidade são polos opostos.

Alguns pesquisadores têm usado mais recentemente uma nova abordagem para o estudo dos tipos sexuais, baseada-se na idéia de que há dois conjuntos bastante separados e independentes de comportamento, um que se denomina "masculino" e outro "feminino". O conjunto masculino relaciona-se principalmente à competência, aqui entendida como sendo a capacidade de planejar, organizar e realizar. Por sua vez, o conjunto feminino relaciona-se mais às equações, tais como cuidado de outros, bondade e dependência. Apesar de haver uma certa interpenetração entre os dois, estão-se falando basicamente de dois tipos de traços de personalidade, completamente diferentes. (Bee, 1984)

As pessoas têm alguns desses dois conjuntos de comportamento, mas diferentes pessoas têm diferentes quantidades de cada conjunto. Por exemplo, um homem típico poderia ter muitos traços masculinos e poucos traços femi

nicos, sendo a mulher típica exatamente o oposto. Certo é que esta perspectiva em nada difere das antigas teorias de opostos, vistas anteriormente. O que há de novo é a compreensão de que algumas pessoas têm ao mesmo tempo muitos traços masculinos e muitos femininos - são os andrôginos. Em contrapartida, algumas pessoas têm ao mesmo tempo muito pouco desses traços - são os indiferenciados. De maneira mais simples, podemos dizer que uma pessoa pode ser masculina, feminina, ambas as coisas ou nenhuma delas, tal como vimos em linhas anteriores.

## O ESTUDO DAS DIFERENÇAS SEXUAIS NO COMPORTAMENTO

### Abordagem introdutória: diferenciação homem-mulher

Na tentativa de fornecer uma descrição simples das diferenças entre o comportamento de homens e mulheres, surgiu a tese das bases biológicas das diferenças sexuais (psicosssexuais). Em contrapartida, Mead (1933) sustentou que muitos traços da personalidade, senão todos, a que chamamos masculinos e femininos estão ligados tão superficialmente ao sexo quanto à roupa, às maneiras e ao penteado que uma sociedade, num dado período, atribui a um ou outro sexo.

A teoria de que as diferenças sexuais no comportamento relacionam-se intimamente às diferenças biológicas no cérebro, ou na composição hormonal do corpo, leva-nos a crer que os pais não desempenham qualquer papel no ensinar os seus filhos a exhibir uma pauta comportamental caracteristicamente masculina ou feminina.



Os que defendem a base biológica para as diferenças de sexo afirmam que as mulheres são "naturalmente" propensas à passividade, submissão e criação dos filhos. Que no dizer de Beauvoir (1949) é uma produção da civilização (como um todo), uma criatura intermediária entre o macho e o eunuco que é descrita como feminina. Ao passo que os homens têm de ser agressivos e dominantes.

Storr (1969) considera a natureza biológica do homem e da mulher bem exemplificada pelo espermatozóide ativo, precipitando-se agressivamente para o óvulo, passivamente receptivo, considera doentes psíquicas as mulheres dominadoras que estão mais interessadas no seu progresso social e profissional do que no cuidado da casa e dos filhos. Neste contexto, uma das vantagens do método transcultural é poder demonstrar que o considerado discordante ou "doente" numa sociedade pode ser considerado prática comum noutra.

Maccoby e Jacklin (1974) concluíram que as características de ousadia e agressividade física dos meninos, em média superiores às das meninas, estão profundamente arraigadas e que elas poderiam ter origem genética.

Para Wilson (1981) a hipótese do ambientalismo total tornou-se mais improvável com as recentes evidências da biologia dos intersexuais, os quais são geneticamente femininos, mas adquirem características da anatomia masculina.

Ao se discorrer sobre comportamento masculino e feminino, deve-se fazer referência ao que se denomina iden

tidade sexual, isto é, o gênero ou sexo do qual uma pessoa se considera membro. Deve-se também fazer referência ao comportamento de papel sexual para descrever o padrão de conduta que se espera convencionalmente de um indivíduo de um determinado sexo.

A noção de comportamento de papel sexual suscita problemas, já que diferentes grupos, dentro de uma mesma sociedade, têm distintas idéias sobre o que é comportamento masculino ou feminino. Portanto, carece de sentido a descrição de um indivíduo de um grupo de acordo com os padrões de masculinidade ou feminilidade de um grupo diverso.

Em seguida, estudaremos os fatores biológicos (hormonais e genéticos) e da criação, assim como a sua contribuição para o temperamento final de homens e mulheres.

## O ESTUDO DAS DIFERENÇAS SEXUAIS NO COMPORTAMENTO AS BASES BIOLÓGICAS DAS DIFERENÇAS SEXUAIS

### A diferença sexual normal

Os costumes sociais, a lei e, por que não, os dicionários reconhecem a existência de dois sexos. Na grande maioria dos casos o sexo se apresenta de tal forma a dispensar definição.

A cada sexo correspondem morfologia somática particular, genitália externa, gônadas e gametas específicos, determinadas características comportamentais e posição definida no contexto social. Os termos masculino e feminino

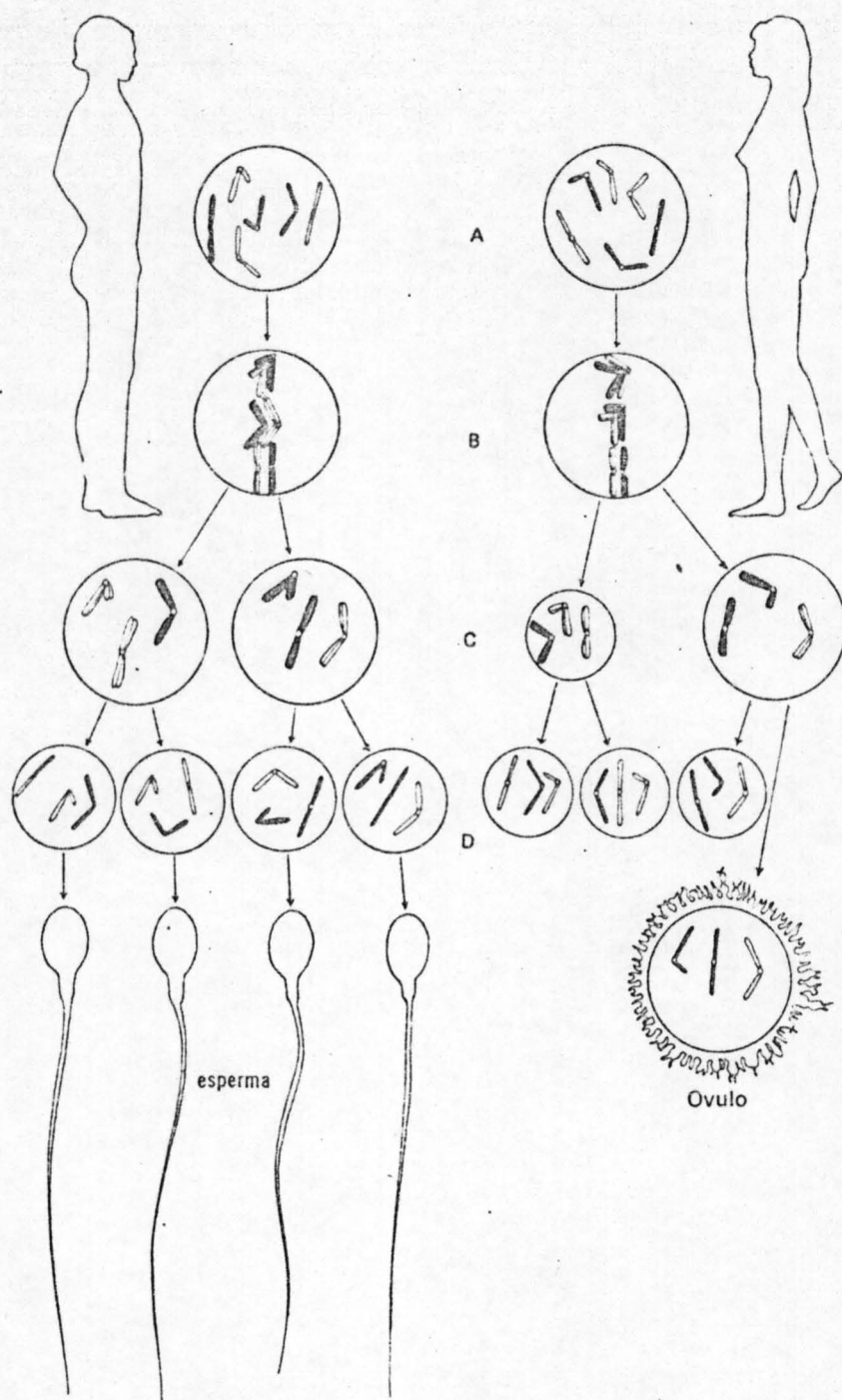
são considerados opostos na medida em que os atributos de um deles implicará na ausência obrigatória dos recíprocos. O sexo é um todo, embora com vários aspectos o indivíduo é homem ou mulher e, ao se caracterizar como uma das duas hipóteses, passa a ter todos os atributos deste sexo.

Na realidade, o sexo do indivíduo resulta de diversos componentes, geralmente, todavia nem sempre, harmônicos. Um óvulo X foi fecundado por espermatozóide cuja meiose (ver figura 1) o deixará com cromossomo Y. Resulta o ovo XY. Em seu desenvolvimento intra-uterino diferenciam-se gônadas e demais órgãos, internos e externos de caráter masculino. Ao nascer, é reconhecido como menino, registrado com nome de menino e assim é criado e educado. Desde a infância, vai adquirindo hábitos masculinos. Ele se considera menino e assim é tratado. Na puberdade acentua-se o desenvolvimento dos órgãos genitais, surgem barba, a voz engrossa e ele se afirma como rapaz. Procura namorada, casa, tem filhos, é um homem.

Numa seqüência histórica equivalente à do homem, uma menina foi concebida pela união de óvulos X com espermatozóide que, pela meiose, ficara reduzido a X. Ela é XX; menina, moça e mulher.

A evolução das gônadas e dos demais órgãos sexuais dá-se no embrião e no feto, no sentido de determinação cromossômica original. O registro civil, a família, a escola, moldam as características psíquicas enquanto os hormônios, secretados pelas gônadas, acentuam a diferenciação somática, confirmando e reforçando o efeito sexualizante do meio social.





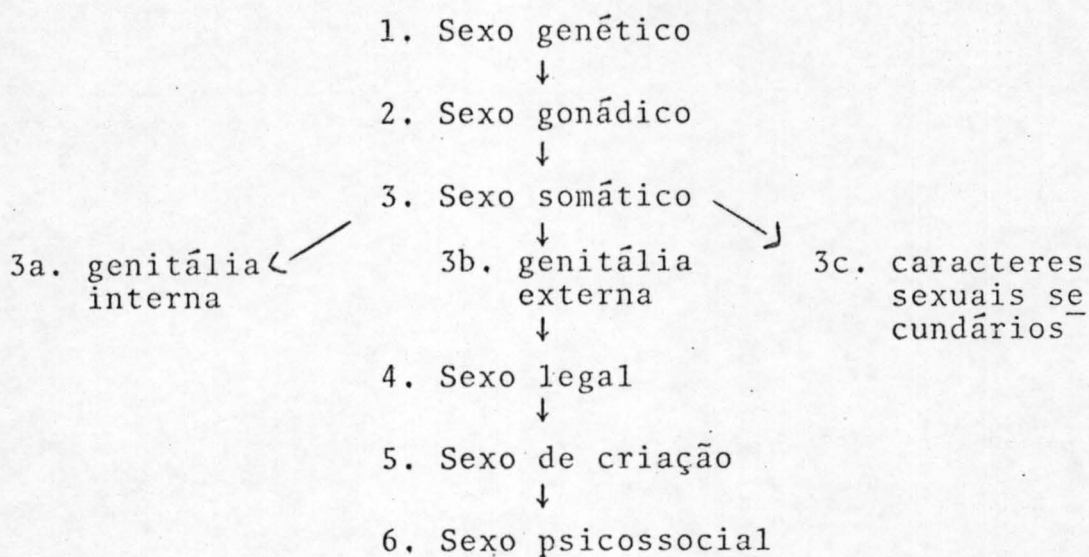
Meiosis, producción de espermatozoides o de óvulos.

Figura 1

Fonte: Sexualidade Humana, Jones et al. 1974, p. 136.

O sexo do indivíduo não é uma entidade em si, mas sim a resultante global de características diversas, até certo ponto independentes, não poucas vezes discordantes.

Aqui apresentamos os diferentes prismas pelos quais deve ser considerado o sexo (Nahoum, 1972).



### 1. Sexo Genético (ou cromossômico)

Temos os padrões normais 46 XX e 46 XY, isto é, 22 pares de autossomos (não-sexuais) e um par de cromossomos sexuais.

O maior dos cromossomos sexuais é o X e o menor o Y - a diferença genética entre homem e mulher é de apenas um cromossomo.

Apesar de pequeno o cromossomo Y tem grande função virilizante, sendo sua presença essencial para o desenvolvimento das estruturas testiculares, conforme veremos adiante. Por sua vez o cromossomo X é essencial à sobre-

vivência do indivíduo, um zigoto desprovido de um cromossomo X não é viável.

Ocasionalmente, o organismo contém células com diversos padrões, o que constitui os mosaicos, por exemplo; indivíduo X<sup>0</sup>/XX é aquele que tem algumas células x<sup>0</sup> e outras XX.

## 2. Sexo gonádico

As gônadas masculina e femininas derivam-se embriologicamente do mesmo local do organismo. Até a 6a. semana de vida intra-uterina não há diferenciação dessa estrutura. Em síntese, em seus primórdios o embrião não tem testículos, nem ovários. Tem gônadas indiferenciadas (ovo<sub>teste</sub>) que podem evoluir num ou outro sentido.

A direção do desenvolvimento da gônada primitiva é determinada pelos cromossomos. Além de um X (viabilizante) é necessário outro X para a diferenciação do ovário, mas o Y é de maior importância genética, existindo condicional diferenciação para o testículo (7a. semana) seja qual for o número de X concomitante. Assim têm testículos os indivíduos XY, XXY, XXXY, XXYY etc.

## 3. Sexo somático

### 3a. Genitália interna

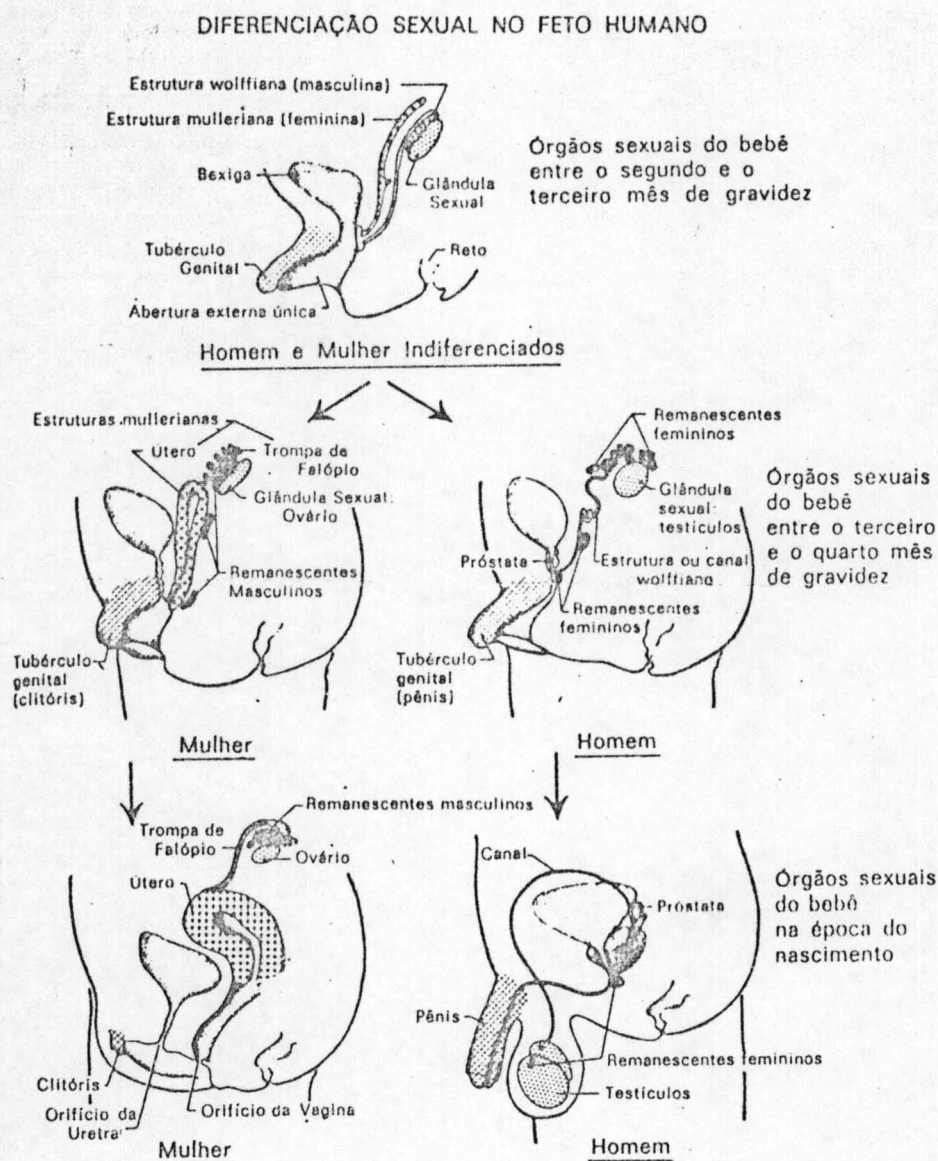
Assim como para as gônadas, o embrião, no que se refere à genitália interna de tipo masculino ou de tipo feminino; ele possui estruturas de Wolff e de Muller (formadas no embrião de 8 semanas).



Quando a diferenciação se dá no sentido masculino, envolvem as estruturas wolffianas; há regressão das mullerianas, das quais permaneceram também resquícios destas. Isso ocorre no 3º mês de gestação.

O que determina a evolução num ou noutro sentido é a presença de testículos, mediante substância organizadora (morfogenética) de origem desconhecida. Os ductos wolffianos dão origem ao sistema de ductos masculinos (epidídimos, vasos deferentes e vesículas seminais), já os ductos mullerianos vão se diferenciar em ovidutos, útero e parte superior da vagina. (Ver figura 2).

Em muitas espécies (ex.: coelho) é possível remover ou lesar a área da qual se derivam as gônadas sem interromper a gestação. Quando isto ocorre, independente do sexo genético, o embrião sem gônada desenvolve o sistema de ductos femininos (mullerianos), havendo degeneração dos masculinos (wolffianos). Concluimos portanto, que normalmente a presença de testículos funcionais reprime o desenvolvimento de ductos femininos e induz o desenvolvimento da genitália interna masculina. As gônadas femininas não necessitam estar presentes para que haja desenvolvimento de órgãos femininos - a presença de ovários não é determinante de diferenciação, vale apenas no que toca à fertilidade e características sexuais secundárias. A diferenciação dá-se no sentido mulleriano desde que não haja testículos, haja ou não ovários. Tanto o embrião normal com ovários, como aquele sem gônadas, evoluem no sentido de genitália interna do tipo feminino.



Três estágios de diferenciação normal dos órgãos sexuais. *Topo*: Entre o segundo e o terceiro mês após a concepção homem e mulher indiferenciados. *Centro*: Entre o terceiro e o quarto mês após a concepção a diferenciação entre homem e mulher em andamento. *Embaixo*: No nascimento diferenciação homem-mulher completa. Money, Hampson, e Hampson (1955). Cortesia do Bulletin of The Johns Hopkins Hospital.

Figura 2

Fonte: Money e Tucker (1981, p. 43).

É importante destacar que o efeito do testículo, no que toca à genitália interna, não é mediado por neurônios, mas pela substância organizadora (morfogenética) e seu efeito ocorre apenas no lado do testículo. Dessa maneira, conceito que tenha ovário de um lado e testículo do outro, terá estruturas internas masculinas do lado do testículo e femininas do lado do ovário. Em caso de ausência do ovário as estruturas tomariam a direção feminina não pela ausência do ovário, mas pela ausência de testículos.

### 3b. Genitália externa

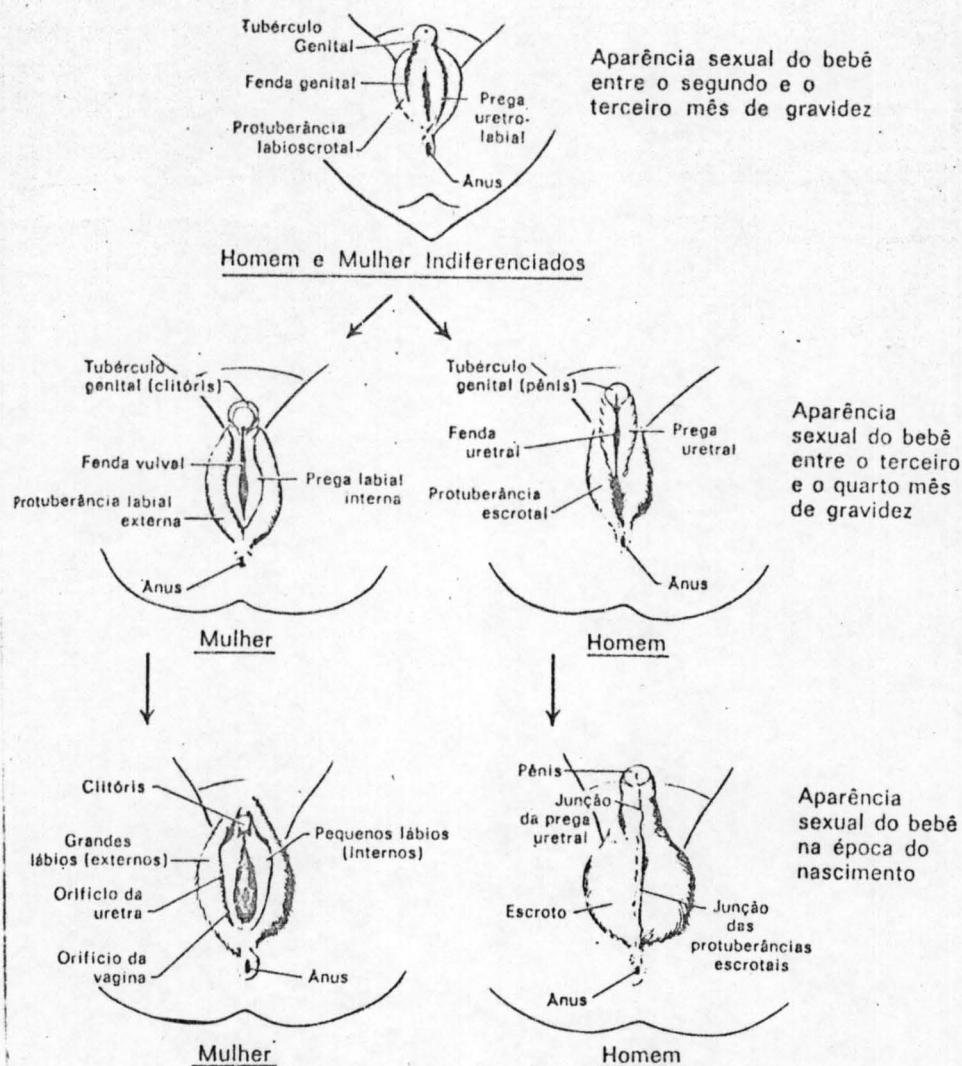
Após o 3º mês de gestação, nos fetos masculinos (com testículos), as células Leydig, encontradas em abundância, produzem um hormônio semelhante à testosterona. Esta secreção androgênica induz à fusão das eminências lábio-escrotais e crescimento do tubérculo genital (pênis). Se não houver efeito androgênico, a evolução dá-se no sentido feminino. Observe-se que não é necessário que haja hormônios estrogênicos; basta a ausência de androgênios. Em outras palavras, para a diferenciação feminina não há necessidade de fatos de feminização - basta a ausência de fator de masculinização. (Ver figura 3)

### 3c. Caracteres sexuais secundários

Pela primeira vez, nesta sequência, surge a necessidade, para a feminização, de fator feminino específico; os estrogênios. Já os caracteres sexuais secundários



# DIFERENCIAÇÃO GENITAL EXTERNA NO FETO HUMANO



Ao longo de toda a vida um homem normal retém vestígios das estruturas que poderiam ter se tornado um útero, trompas de Falópio e vagina superior. Uma mulher normal retém vestígios de estruturas que poderiam ter se tornado uma próstata, canal deferente e vesículas seminais. Money, Hampson, e Hampson (1955). Cortesia do *Bulletin of The Johns Hopkins Hospital*.

Figura 3

Fonte: Money e Tucker (1981, p. 49).

masculinos dependem de andrôgenos.

Em condições de normalidade, ao alcançar a puberdade a menina - pela entrada em função dos seus ovários, vê reforçada sua feminilidade. O mesmo sucede no menino por ação testicular.

#### 4, 5 e 6. Sexos legal, de criação e psicossocial

O aspecto dos órgãos sexuais externos de nascimento de uma criança, dita o sexo legal (ou civil). Um menino será criado com tal e uma menina também.

O menino, a menina, um e outro virão a desenvolver atitudes que lhe serão ensinadas e impostas - estimulando o que é próprio de um sexo e inibindo o que pertence a outro sexo porque é inadequado.

A educação formal e informal possuem um discurso adequado a cada sexo, por exemplo: "Homem não chora", "Isto não são modos de menina", etc.

Quando um indivíduo se auto-atribui um sexo e os outros lhe atribuem este mesmo sexo estamos diante do que se determina o sexo psicossocial, que é muito mais do que um sexo hormonal ou morfológico. Ser homem não é apenas ter um pênis, assim como vagina ou ovários não são suficientes para fazer uma mulher.

O sexo psicossocial é elaborado pela educação (formal e informal) e pela família. Varia no espaço e no tempo. Não é a mesma coisa ser mulher numa pequena cidade de interior do Nordeste ou numa cidade como o Rio de

Janeiro, a mulher brasileira da década de 30 não é a mesma que a dos anos 80.

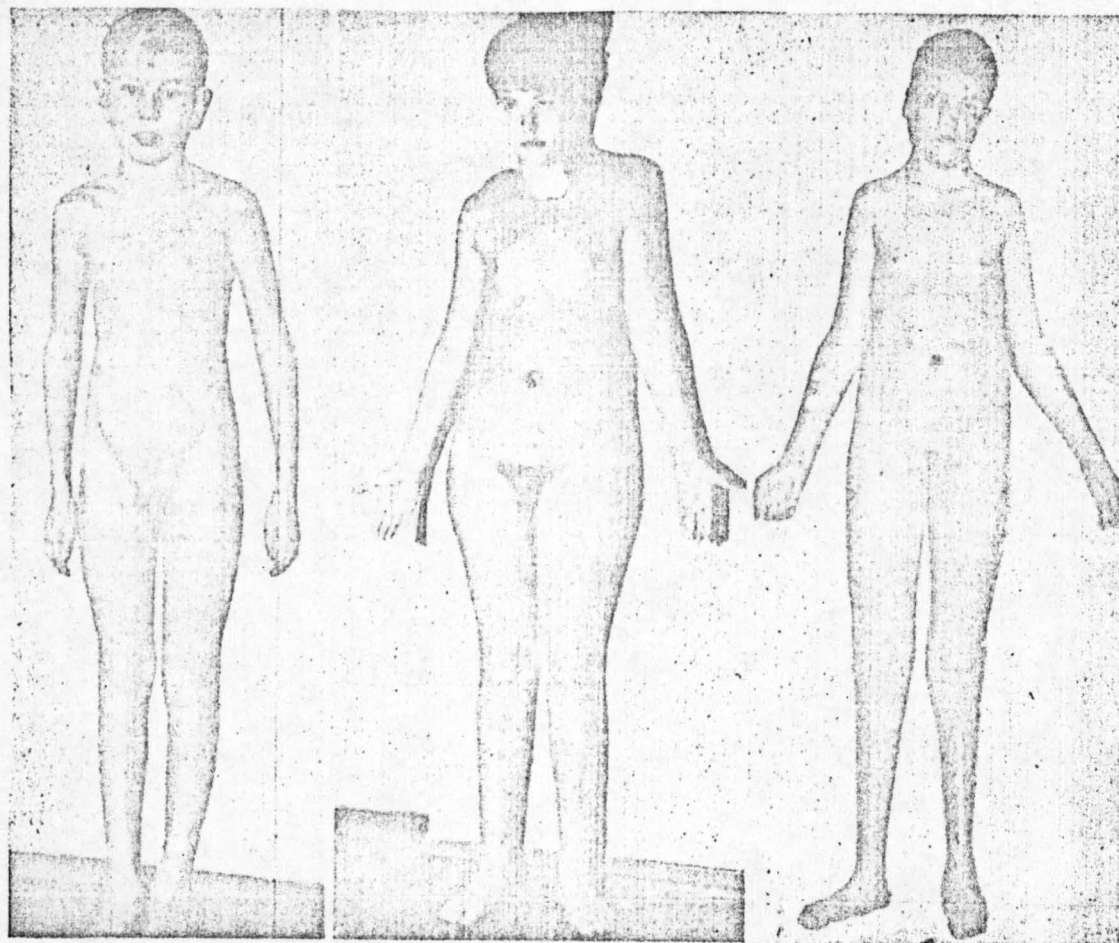
### Diferenciação sexual anormal: (os estágios intersexuais)

- 1) Anormalidades genéticas (aberrações cromossomiais). Estudo de dois exemplos.

#### SÍNDROME DE KLINEFELTER

Esta síndrome é o mais comum dos distúrbios dos cromossomos sexuais. Sua incidência é de 1 em 500 crianças de sexo masculino nascidas vivas. Há, nessa condição, a presença de um cromossomo X extra-numerário (45, XXY) e constatada, embora aproximadamente dez por cento dos casos sejam constituídos por formas variantes de mosaico (casos nos quais certas linhagens celulares no corpo possuem conteúdo cromossômico normal, enquanto que outras são anormais). A anatomia externa é completamente normal no menino recém-nascido portador desta síndrome e, a não ser que se esteja procedendo a triagem citogenética, o diagnóstico geralmente não é estabelecido antes do início da vida adulta. (Ver figuras 4 e 5). O comportamento na infância é tipicamente normal nos meninos Klinefelterianos, todavia há acordo geral de que existe maior incidência de retardamento mental neste grupo se compararmos à população geral. Na adolescência, podem ocorrer problemas, já que o desenvolvimento sexual é muitas vezes retardado por deficiência de testosterona. No adulto, a presença de testículos atroficos e conseqüentemente infertilidade estão associados a baixa libido e, muitas vezes, a distúrbios eréteis (impo

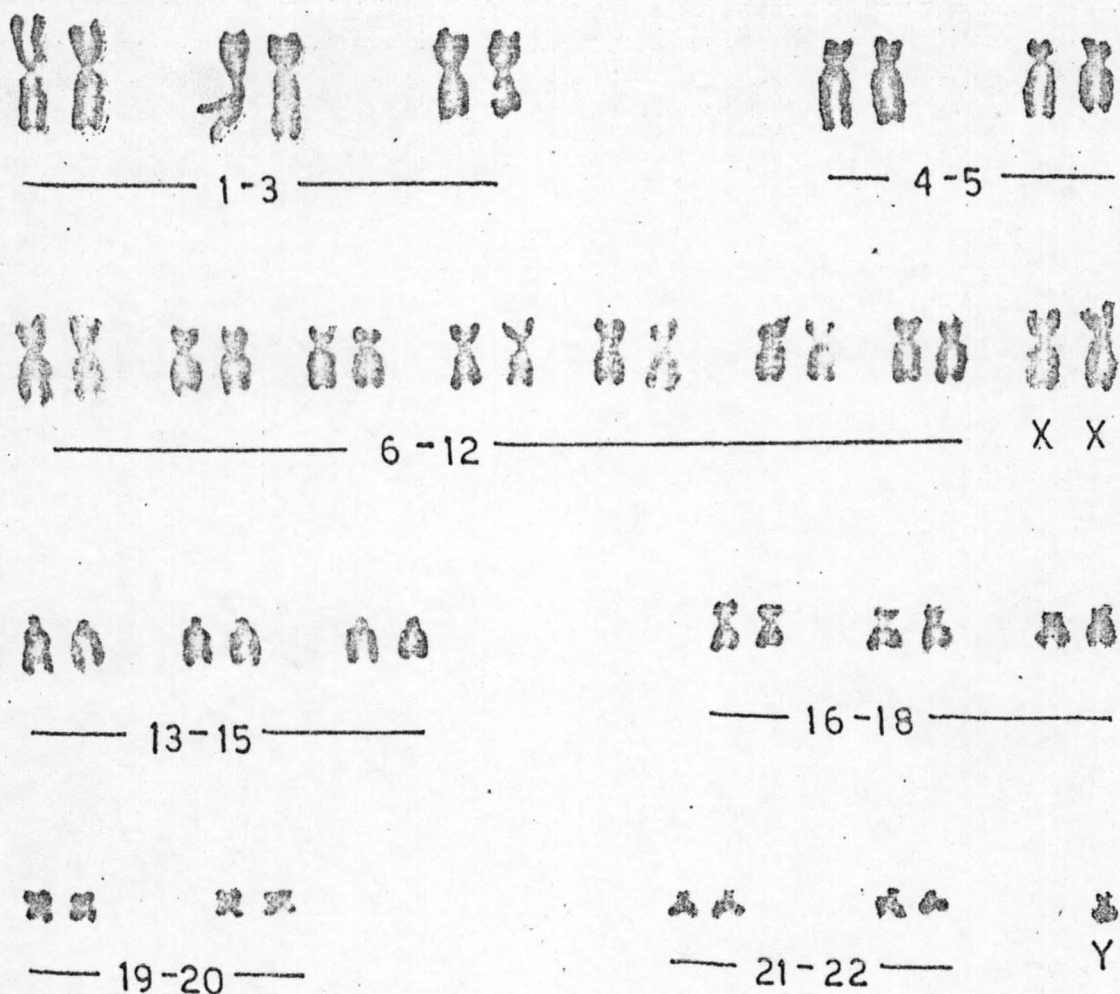




Três casos de síndrome de Klinefelter. As duas primeiras fotos são de indivíduos com cariótipo contendo 47 cromossomos (44 autossomos + XXY). O paciente à direita tem 49 cromossomos (44 autossomos + XXXxY). Notar: aparência pré-púbere normal no paciente de 11 anos de idade da foto à esquerda; a ginecomastia e o hipogonadismo do paciente de 15 anos de idade da foto central; a ausência de desenvolvimento sexual no paciente de 18 anos de idade da foto à direita. (De La CHAPELLE, 1963).

Figura 4

Fonte: Beiguelman (1967, p. 52).



Cariótipo mais freqüente nos casos de síndrome de Klinefelter (44 autossomos + XXY).

Figura 5

Fonte: Beiguelman (1967, p. 53)

tência). No entanto, o indivíduo é, na maioria das vezes reconhecido como sendo do sexo masculino, embora apresente testículos e pênis pequenos, ginecomastia, cintura afinada e etc.

Segundo alguns pesquisadores, os homens portadores dessa síndrome estão em risco de incidência aumentada de psicopatologia de quase qualquer tipo, inclusive a ocorrência esporádica de anomalias de identidade de gênero. Money (1970) especula que o cromossomo X extra - numerário encontrado nessa síndrome pode predispor o indivíduo portador a deficit ou perturbações psicológica originados durante o desenvolvimento.

Masters, Johnson e Kolodny (1982) destacam um interessante aspecto dessa síndrome, qual seja, o seu efeito sobre o comportamento adulto. É verdadeiro o fato, segundo estes pesquisadores, de que os estudos realizados em populações psiquiátricas e de presidiários concluíram que há maior porcentagem de Klinefelterianos do que se encontra na população geral. Todavia, relatam estes autores, o padrão mais típico de comportamento nos homens 47, XXY é uma tendência no sentido de passividade geral e falta de ambição, combinados com uma certa predisposição a surtos súbitos de agressão e violência. E relatam ainda que este padrão sofre dramática inversão quando se institui em portadores dessa síndrome, com deficiência de testosterona, uma terapia de reposição com testosterona. Como consequência desta adequada substituição hormonal, muitos desses homens têm libido aumentada e potência melhora

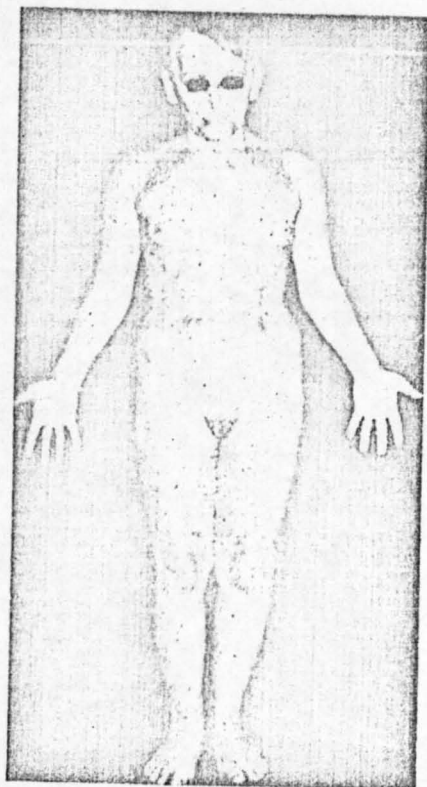


da, bem como melhor capacidade de decisão, elevação do sentido de auto-estima, enfim melhor ajustamento psicossocial. Existe vasta literatura sobre o fato de que, em animais, existe estreita correlação entre níveis de testosterona e comportamento agressivo, daí ser provável que o modelo humano, proporcionado por essa situação clínica, reflita o mesmo fenômeno geral.

### SÍNDROME DE TURNER

Quando há apenas um único cromossomo X, a ausência de um cromossomo sexual conduz à ausência de formação de gônadas normais. A Síndrome de Turner (45,X0) ocorre em aproximadamente uma em 2.500 crianças nascidas vivas de sexo feminino. Os aspectos físicos dessa síndrome são invariavelmente baixa estatura e ausência de fluxo menstrual (amenorréia) na adolescência e vida adulta. (Ver figuras 6 e 7).

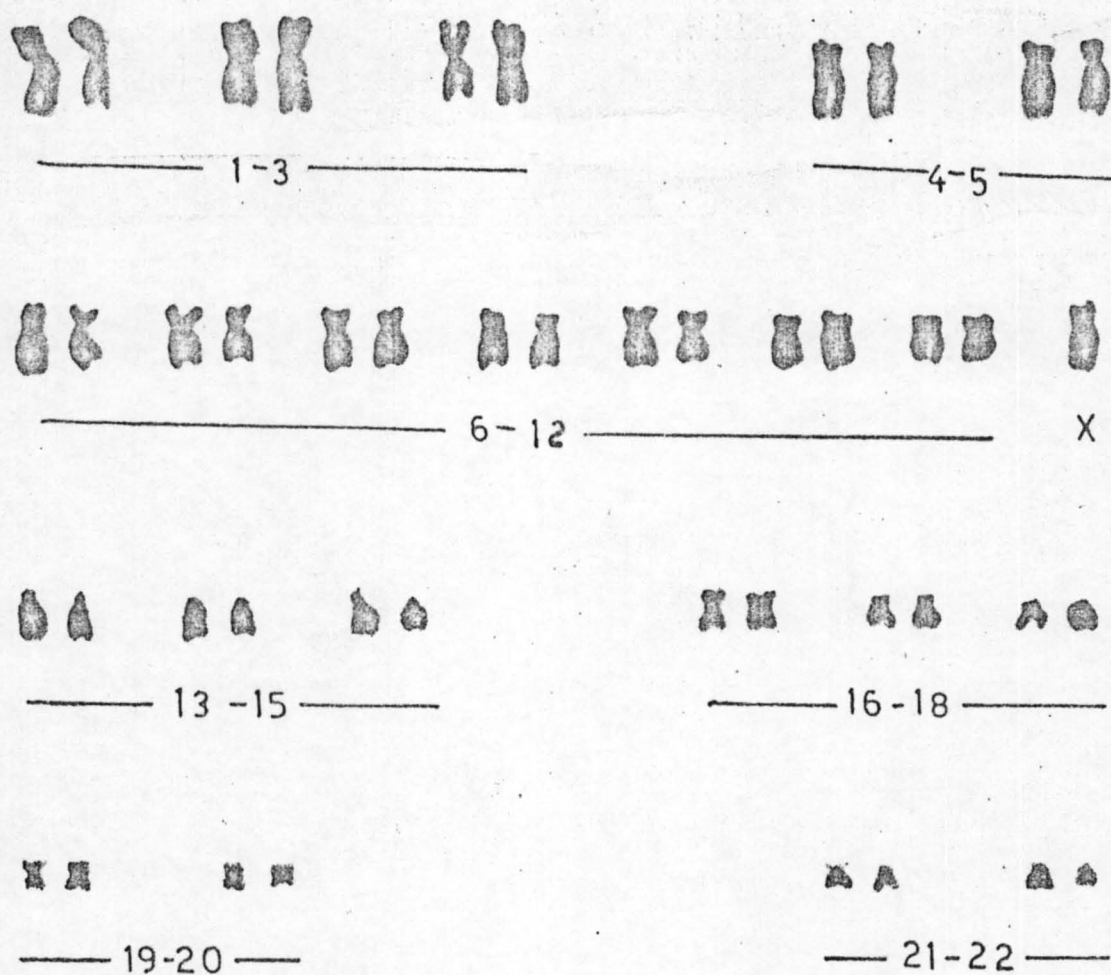
Quanto ao desenvolvimento das portadoras desta síndrome, estas apresentam desenvolvimento normal até a puberdade; as gônadas de estrias primitivas são incapazes de elaborar estrógenos e outros hormônios sexuais que desempenam importante papel durante a fase evolutiva pubertária. Isto conduz à ausência de menstruação, falta de desenvolvimento mamário e insuficiência do crescimento esquelético. A menarca (primeira menstruação) pode ser eficazmente de-flagrada por terapia cíclica com estrogênio, que também servirá para estimular o desenvolvimento mamário, porém esta mesma terapia hormonal não melhorará, de maneira geral, a



Mulheres com síndrome de Turner. Na foto superior, notar o pescoço curto e alado, o tórax em barril, a raridade de pêlos pubianos e a alopecia parcial (PADEH et al., 1964). Na foto inferior, notar o tórax em barril, o pêlvis andróide e a ausência de pêlos pubianos. (De La CHAPELLE, 1963).

Figura: 6

Fonte: Beiguelman (1967, p. 48).



Cariótipo mais freqüente entre as mulheres com síndrome de Turner.  
 Notar a presença de 45 cromossomos (44 autossomos + XO).

Figura 7

Fonte: Beiguelman (1967, p. 4)



significativa baixa estatura que é, definitivamente, a marca característica da síndrome de Turner. Indubitavelmente, problemas de ajustamento advirão deste quadro, que implica em um elenco sintomático de amplo espectro psicossocial.

As meninas portadoras de síndrome de Turner crescem segundo o que tem sido tradicionalmente encarado como tipicamente feminino, confirmando o conceito de que a identidade feminina de gênero pode desenvolver-se de modo relativamente normal, apesar da ausência de um segundo cromossomo X. O desenvolvimento de identidade de gênero depende, em grande parte de fatores de aprendizagem na infância, incluindo atitudes parentais e modelos de papéis, interação com o grupo de pares e a personalidade.

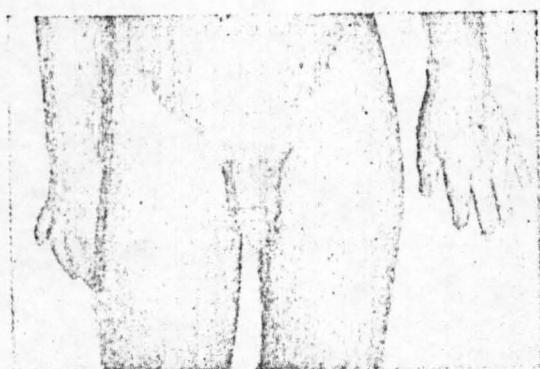
## 2) Anormalidades hormonais: (dois exemplos)

### SÍNDROME ADRENOGENITAL (Hiperplasia virilizante das supra-renais)

Os defeitos genéticos nos sistemas enzimáticos que controlam a produção de cortisol no córtex suprarrenal produzem seus efeitos sobre o desenvolvimento sexual pela ação hormonal nos períodos pré e pós-natal. Esta ação é decorrente do bloqueio em etapas bioquímicas na síntese de cortisol, o que leva à elaboração excessiva de outros hormônios suprarrenais devido à hipersecreção de ACTH. Esses hormônios são geralmente de natureza androgênica, ou seja virilizante. Quando essa exposição a níveis elevados de androgênios ocorre durante o desenvolvimento fetal

em mulheres genéticas, o efeito pode variar desde branda hipertrofia do clitóris até a formação de genitália externa de aparência masculina. (Ver figura 8). A natureza exata do efeito provavelmente reflete ao mesmo tempo a cronologia e a gravidade da exposição à androgenização excessiva em uma mulher genética portadora da síndrome adrenogenital (as estruturas sexuais internas se diferenciam do modo feminino normal, uma vez que não há substância inibidora dos ductos mullerianos produzida pelos suprarrenais). Há casos menos comuns de defeitos enzimáticos que conduzem aos pseudo-hermafroditismo masculino, a ausência de secreção de testosterona fetal resulta em ambigüidade genital externa ou aspecto feminino autêntico, porém, uma vez que a substância inibidora dos ductos mullerianos não está afetada, não se desenvolve o útero nem as trompas,

Master, Johnson e Kolodny (1982) relatam que numerosos investigadores estudaram os efeitos da síndrome adrenogenital em meninos que começaram a receber terapia hormonal em idade precoce, de modo que o principal período de exposição androgênica foi pré-natal. Nessas meninas constatou-se alta incidência de comportamento turbulento ou masculinizado, um padrão de alto dispêndio de energia em brincadeiras de níveis correspondentemente baixos de interesse por brincar com bonecas, cuidar de crianças, cuidados com a aparência física, assim como pouco ensino de papéis adultos como os de mãe e esposa. Essas meninas claramente se identificam como femininas, no entanto, e não apresentam fantasias de mudança de sexo. Acreditamos



Síndrome adrenogenital em dois irmãos. Na foto superior, a genitália externa de uma menina com dois anos de idade, afetada pelo síndrome. Na foto inferior observar a macrogenitosomia do irmão dessa menina, aos três anos de idade, também afetado pelo síndrome.

Figura 8

Fonte: Beiguelman (1967, p. 62).



que se possa avaliar essas diferenças de comportamento como variações dentro de uma faixa, de certa maneira aceitável, de comportamento feminino, levando-se em conta o contexto cultural em que se apresenta.

Money e Schwartz, citados por Masters, Johnson e Kolodny (1982) elaboraram um estudo sobre encontros, na moros e sexualidade com dezessete mulheres portadoras de síndrome adrenogenital que se submeteram a tratamento precoce, relataram que essas pessoas começaram a ter (encontros) em idade mais tardia do que suas pares não afetadas, tiveram dificuldade em formar amizades eróticas próximas, freqüentemente tenderam à fantasia ou experiência bissexual e evidenciaram alguma inibição da estimulação ou expressão erótica. Conforme citação de Masters, Johnson e Kolodny (1982, p. 47), isso parece confirmar um relato antecedente, que concluiu que 48 por cento das mulheres com síndrome adrenogenital, tardiamente tratadas, mostraram inclinações homossexuais em sonhos e fantasias e que 18 por cento tiveram experiência homossexual real, embora outro estudo, descreva dados conflitantes. Além dos efeitos da exposição pré-natal aos androgênios, a história de uma condição crônica exigindo cirurgia genital, uso contínuo de medicações e repetidos exames ginecológicos durante a infância e adolescência podem contribuir para algumas das constatações acima.

Os meninos que apresentam a forma mais comum de síndrome adrenogenital não sofrem efeitos adversos sobre o seu desenvolvimento sexual se receberem tratamento hor-

monal desde uma idade precoce. Na ausência deste tratamento, haverá puberdade tipicamente precoce além da baixa estatura. Não foram observados efeitos comportamentais nos meninos que foram expostos a elevados níveis de androgênios pré-natais.

As crianças portadoras dessa síndrome são quase sempre criadas como meninas, o que constitui medida bastante acertada, mesmo quando o diagnóstico é efetuado no nascimento. Esses homens genéticos com testículos, mas com aspectos externo feminino podem ter uma infância normal. Por ocasião da puberdade, os testículos funcionais produzem testosterona e melhores quantidades de estrogênio do que fariam em púberes normais de sexo masculino. Devido à insensibilidade ao androgênio, as alterações puberais masculinas habituais (aumento da massa muscular, voz mais grave e crescimento de pelos faciais) não ocorrem. Em vez disso, a combinação do estrogênio derivado da degradação metabólica da testosterona circulante é suficiente para estimular crescimento normal de mamas femininas. O resultado é um homem genético com características fortemente femininas numa ampla faixa de comportamento e atitudes.

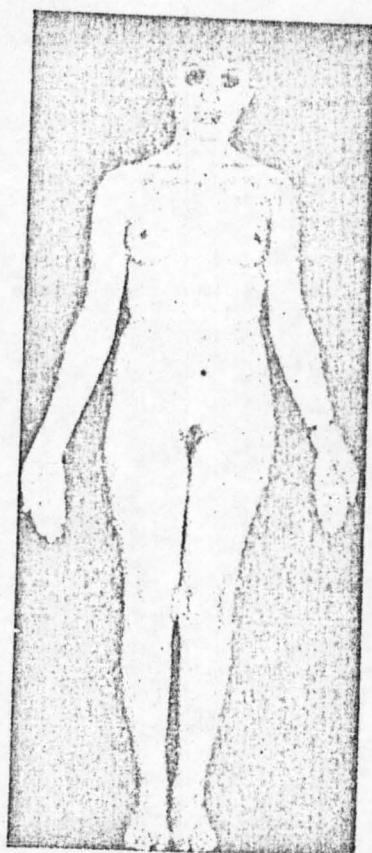
#### SÍNDROME DE FEMINILIZAÇÃO TESTICULAR

Trata-se de tipo raro de distúrbio, no qual em um feto masculino genético (46,XY), com produção testicular normal de testosterona durante o período crítico de diferenciação sexual, o desenvolvimento de órgãos geni-

tais externos masculinos não ocorre porque os tecidos do feto são insensíveis à testosterona que é produzida. Como resultado, a genitália externa desenvolve-se embriologicamente no sentido feminino, com a formação de lábios, vagina e clitóris. Com os testículos funcionais secretam substâncias inibidora dos ductos mullerianos que exerce atuação normal, as estruturas sexuais internas não se desenvolvem em útero, colo e trompas verdadeiras. A vagina apresenta-se encurtada, uma vez que o seu terço interior tem sua origem embriológica nos ductos mullerianos. Por outro lado, como a testosterona que é secretada não é capaz de produzir qualquer efeito histológico, os ductos wolffianos não se desenvolvem em estruturas sexuais internas masculinas normais. Quando da época do nascimento esses homens genéticos parecem mulheres normais. (Ver figura 9). Testículos verdadeiros e funcionais - freqüentemente são intra abdominais em recém-nascido do sexo masculino-podem ser indicadores de síndrome de feminilização testicular, que pode ser detectada por um cariótipo de padrão 46, XY, e com menor incidência, os testículos descem e podem ser palpados dentro dos lábios; nesse caso o diagnóstico pode ser estabelecido no momento do nascimento. O mais comum, no entanto, é o descobrimento no meio da adolescência quando a falta de menstruação, por ausência de útero, merece avaliação diagnóstica.

\*Estudos realizados sobre estados intersexuais de monstros mostram que na maioria dos casos, a direção das suas indicações sexuais é aquela na qual eles foram criados e não





Síndrome da feminização testicular.  
Os homens com esse síndrome têm aparência  
feminina normal, mas têm os testículos na  
cavidade abdominal ou na região inguinal.

Figura 9

Fonte: Beiguelman (1967, p. 61).

do sexo de suas glândulas internas ou constituição cromossomial. Apesar de sua aparência bissexual, os intersexuais não são necessariamente bissexuais em seus impulsos. Pode-se esperar que seus impulsos sexuais sigam o padrão de suas glândulas sexuais internas, que aqueles com ovários desenvolveriam inclinações femininas, aqueles com testículos, inclinações masculinas e aquelas com glândulas mistas, características bissexuais. Isto, entretanto não funciona assim. Os impulsos sexuais de um intersexual são mais prováveis de se alinharem com o sexo no qual foi criado, em lugar de ser com aquele a que suas glândulas sexuais pertencem. Muitos deles são criados como menino ou menina com base numa decisão arbitrária, feita imediatamente após inspeção genitária. As vezes, a decisão contraria o verdadeiro sexo ao qual pertencem suas glândulas internas (genitália interna). Quando isto ocorre, a criação é mais provável de triunfar sobre as glândulas sexuais. Ellis, citado por West (1971, p. 58) demonstrou esta questão resumindo da literatura médica todos os casos que ele pôde encontrar, onde uma constituição glandular intersexual e preferências sexuais fossem ambas conhecidas. Ele encontrou 84 casos, assim distribuídos:

Criado como	Gônadas							
	Masculinas Homem-mulher		Femininas Homem-mulher		Mistas Homem-mulher		Total Homem-mulher	
Atraídos por homens	0	19	0	3	0	11	0	33
Atraídos por mulheres	11	2	5	0	18	3	34	5
Bissexual	0	1	0	2	0	0	0	3
Imaturos	0	1	0	1	5	2	5	4
Total	11	23	5	6	23	16	39	45

O quadro demonstra que de 39 intersexuais criados como homens, 34 demonstram impulsos sexuais definidos. Em todos 34 casos seus impulsos seguiram o padrão masculino normal, embora 23 tivessem gônadas mistas ou femininas. As inclinações de intersexuais parecem portanto, correlacionar-se com a sua criação do que à constituição hormonal. Money e Hampson, citados por West (1972, p. 159), confirmam que, salvo exceções ocasionais, o psiquismo dos pacientes intersexuais seguem o sexo de criação, mesmo nos casos em que seus cromossomos e as características predominantes de sua genitália externa e seus órgãos reprodutores internos sejam de sexo oposto. Esta é uma forte evidência em favor do ponto de vista de que a hetero e homossexualidade são atitudes psicológicas adquiridas através de treinamento e não respostas automáticas, pré-programadas pela constituição física. Esses autores pesquisadores também comentam o fato de que o sexo prescrito e o sentido de identidade de gênero são estabelecidos em torno dos dois ou três anos de idade; as tenta



tivas de mudança desta identidade sexual tornam-se mais difíceis após esta idade. A teoria de que preferências sexuais surgem do treinamento social é consistente com a observação de que tais preferências são decididas, e provavelmente fixadas por toda vida, nos primeiros anos de vida.

West (1972, p. 159) cita os trabalhos de pesquisadores britânicos que chamam a atenção para as exceções à regra geral. Crianças criadas contrariamente ao seu gênero biológico às vezes demonstram sinais de comportamento do seu verdadeiro sexo, por exemplo tendências masculinas e preferência por urinar em pé da parte de supostas meninas. Berg e outros, também citados por West (1972, p.160) relatam a história de um rapaz portador de hipospádia (deformidade genital masculina que se caracteriza pela localização do meato uretral em outra parte do pênis que não a usual) que foi inadequadamente criado como menina até a puberdade. Ele aceitou plenamente a sua posição feminina, brincava com bonecas, etc. e tornou-se alvo da atenção médica por causa da alteração vocal pubertária. Uma intervenção cirúrgica bem sucedida restaurou a deformação da genitália e, apesar de sua idade relativamente avançada, o menino demonstrou um desejo surpreendente de abandonar coisas femininas e tomar o seu rumo como um rapaz, e houve surpreendente mudança nas suas fantasias, que passaram a apresentar conteúdo masculino em respostas a testes psicológicos. Considerando-se quão frequentemente crianças de constituição normal demonstram interesses homossexuais ou tornam-se insatisfeitas com os seus papéis sexuais, seria de

surpreender se o mesmo não ocorresse ocasionalmente entre intersexuais.

Pode-se concluir que o cromossomo sexual assim como anomalias endócrinas não desempenham papel significativo quanto a causa ou causas do homossexualismo. Os homossexuais raramente apresentam essas condições e intersexuais geralmente não apresentam homossexualidade (se com isto se quer designar impulsos sexuais contrários ao do sexo de criação). Mas isto não fecha a questão, já que relevantes aberrações cromossomiais permanecem sem descoberta até agora. Muitos gens anormais podem estar contidos no interior de um único cromossomo e os gens contidos em outros cromossomos que não os sexuais podem ser responsáveis por uma predisposição ao homossexualidade.

Um outro dado de evidência em favor de um cromossomo não identificado é o trabalho de Slate, citado por West (1972, p. 161), que descobriu uma tendência estatística de serem os homossexuais masculinos os filhos mais novos de mães idosas, isto é que nasceram em anos avançados do ciclo reprodutivo de suas mães.

O mesmo ocorre em indivíduos com aberrações cromossomiais, tais como a síndrome de Klinefelter ou Mongolismo. No entanto, esta observação nada mais é do que sugestiva, uma vez que se pode explicá-la do ponto de vista psicossocial. Se a atitude materna é um importante fator, podemos bem imaginar que os filhos mais novos de mães idosas sofrem o grande risco de serem "sufocados" e tratados externamente como bebês e daí serem levados à homossexuali

dade.

### Transexualismo e mudança de sexo

A maioria dos homossexuais, na realidade, não se identificam com o sexo oposto. Os homens que imitam os trejeitos ou se vestem com trajes femininos para excitar os seus amigos homossexuais geralmente não pretendem perder suas figuras de homem ou mudar suas genitálias. Na realidade, na ocorrência dessas transformações, eles deixariam, de imediato, de atrair os seus pares homossexuais. Isto é, seu efeminamento é um tanto superficial, um verniz, trata-se de uma nova expressão do tipo de atenção que eles desejam e não um interesse autêntico de troca de sexo. Isto também se aplica às lésbicas masculinizadas, que não se interessam em tornar-se homens, mas suplantar os homens, especialmente em relação a admiradoras femininas.

Existe, todavia, uma minoria de homossexuais que gostam de pensar em si mesmos como pertencentes ao seu oposto. No homem isso se manifesta como uma paixão por afazeres domésticos, cosméticos e vestimentas femininas. Se mantêm relações sexuais com outros homens eles insistem em adotar o papel passivo - o único apropriado à sua "feminilidade". Na maioria dos casos, no entanto, o seu interesse maior é por atividades homossexuais. Às vezes o desejo insaciável pelo papel do sexo oposto vai além do travestismo e o indivíduo insiste que realmente está mudando de sexo, ou que lhe atribuíram o sexo errado quando do seu nascimento. Eles vivem sempre a cata de médicos que lhes



façam cirurgias de remoção das características sexuais in desejáveis e clamam por uma troca de sexo, nas suas certi dões de nascimento e pelo reconhecimento de seu status por empregadores, instituições governamentais, etc. Esta preo cupação com mudança de sexo é tecnicamente conhecida como *transexualismo*. De fato, em tais casos, um exame médico invariavelmente irá constatar características de normalidade biológica e maturidade sexual, não havendo, portan - to, qualquer base física para tal reivindicação. Housden (citado por West p. 62) encontrou, entre setenta e cinco indivíduos transexuais e travestis, apenas cinco casos de anomalias físicas. Ele concluiu que a causa básica é qua se sempre psicológica, e que os médicos que incentivam a mudança de sexo entre esses indivíduos prestam-lhes um grande desserviço.

O transexualismo é uma condição de certa maneira rara que quase sempre começa a manifestar-se antes da puberdade. É bastante diferente da homossexualidade comum e, embora possa ser acompanhada de sentimentos homoe - róticos isso não ocorre necessariamente. Embora a psicoterapia prove-se ineficaz em casos de transexualismo, uma intervenção cirúrgica pode, na melhor das hipóteses, trans formar um corpo normal numa pálida imitação de um do sexo oposto. O processo de transformação de um homem numa mulher, além de ser demorada, envolve considerável sofrimen - to e grande risco. O resultado final poderá possivelmen - te permitir ao indivíduo transformado a simulação de có - pula, mas é bem provável que se prove dolorosa e insatis -

fatória, devido à falta de tonus muscular e suprimimento nervoso da vagina artificial. O esqueleto masculino, incluindo pés grandes, laringe grande e voz profunda e muitos outros sinais inalteráveis de masculinidade que permanecem, confirmam o quão incompletas são essas transformações.

Em vista de todas essas desvantagens, podemos querer saber porque os cirurgiões tentam essas operações. Uma razão é que os pacientes forçam a situação através de ameaças de suicídio ou de auto-mutilação que necessitam de reparos cirúrgicos.

#### X DIFERENCIAÇÃO SEXUAL NO CÉREBRO

##### Diferenciação sexual no cérebro: os aspectos endócrinos da diferenciação sexual humana

Os hipotálamos masculino e feminino diferem no que se refere à secreção cíclica do hormônio liberador das gonadotrofinas na mulher em relação à sua liberação fixa e contínua no homem. Nos primatas parece que essa modificação não reflete qualquer diferença qualitativa no desenvolvimento hipotalâmico entre macho e fêmea; ele se deve antes simplesmente ao fato de que grandes quantidades do hormônio feminino dominante, o estrógeno, podem estimular a liberação de hormônio luteinizante, e quanto à testosterona pode somente inibi-la. Desta maneira, foi demonstrado que a administração de estrógeno ao macaco castrado produzia picos de hormônio luteinizante indistinguíveis dos mostrados pelas fêmeas.

A situação pode ser bastante diferente em relação ao comportamento sexual no qual diferenças qualitativas podem ser produzidas durante o desenvolvimento; macacas (fetos) que receberam testosterona no final da vida intra-uterina mostraram não somente genitália externa masculina, mas pronunciado comportamento sexual masculino quando atingiram a idade adulta. Relacionado com isto está a questão de se a exposição aos androgenos durante a vida intra-uterina é necessária para o desenvolvimento de outros padrões além dos sexuais. A resposta é positiva; por exemplo filhotes de macaca virilizados manifestam alto grau de comportamento tipo masculino durante o desenvolvimento, nas brincadeiras.

A evidência em relação a seres humanos é muito reduzida; talvez o grupo mais bem estudado tenha sido o de dez mulheres jovens que foram acidentalmente virilizadas durante o final do desenvolvimento intra-uterino porque suas mães receberam hormônios sintéticos para prevenir o aborto (progestina) que não se sabiam serem androgênicos a esse tempo. Ao nascimento, elas apresentavam genitália externa masculina (clitôris aumentado e um escroto fechado vazio), mas genitália interna normal; isto foi corrigido cirurgicamente bastante cedo durante a infância, e seu comportamento durante os próximos cinco a quinze anos foi estudado cuidadosamente e comparado com um grupo controle semelhante em todos os aspectos possíveis. Alguns dos comportamentos dessas jovens diferiu dos apresentados pelas do grupo-controle; por exemplo, elas tomavam parte em ati



vidades ao ar livre mais rudes e mais acrobáticas. Não obstante, baseados nesse estudo e em muitos outros semelhantes, as conclusões que se fica tentado a chegar são que os mais poderosos fatores que determinam o gênero de identidade e comportamento são os experimentais e os sociais; essas influências são exercidas sobre uma gama de potencialidades que são, de alguma forma influenciadas pela exposição pré-natal (no homem) ou pela falta de exposição (na mulher normal) à testosterona.

Ficou claramente demonstrado pelos experimentos de Harris e Michael, (ap. Levine, 1966, p. 88) que os hormônios sexuais podem agir diretamente sobre o cérebro. Eles inseriram no hipotálamo de fêmeas de gatos uma forma sintética de estrógeno (o estulbestrol) e descobriram que o hormônio desencadeava comportamento sexual feminino completo, embora os gatos não apresentassem sinal fisiológico de estro.

Em experimentos semelhantes, com machos, Julian M. Davidson (ap. Levine, 1966 p. 88) demonstrou que a implantação de testosterona no cérebro de um rato macho castrado elicitaria comportamento sexual masculino, embora não houvesse, novamente, qualquer sinal de efeito sobre a anatomia do sistema reprodutivo masculino.

Se o cérebro se diferencia em tipos masculino e feminino, não poderá essa diferença refletir-se em outros campos de comportamento que não o sexual? Poucos experimentos foram feitos, visando a essa questão; todos sugerem que outras formas de comportamento podem, sem dúvida, ser

influenciadas pelo tratamento hormonal durante o período crítico da diferenciação sexual.

Parece-nos oportuno proceder a um exame dos efeitos da testosterona no comportamento não sexual. A testosterona parece construir o principal determinante biológico do impulso sexual em ambos os sexos.

A testosterona ativa o cérebro para causar desejo erótico e motivação e, ao mesmo tempo, prepara o meio sanguíneo para o orgasmo genital - produção do esperma, ereção, ejaculação, etc. Há, porém, evidência recente que indica que os efeitos do androgênio sobre o comportamento podem estender-se além do que é especificamente erótico e influenciar também a alteração gnósica e a agnosia espacial. A atitude de predomínio, e grau de energia, bem como o apetite, o metabolismo e a "agressão", também, parecem ser reforçados pelo andrôgeno.

Estudos de animais e de seres humanos sugerem que quando o cérebro de um indivíduo está imerso num meio, contendo elevada concentração de andrôgeno (ou de alguma forma, uma média alta de andrôgeno-estrôgeno), além dos efeitos libidinosos, ele (ou ela) tende a comer mais, a tornar-se mais forte e mais musculoso e a agir com maior energia. O indivíduo tem menos probabilidade de intimidar-se, fica mais afeito a entrar em competições e, o que é mais interessante, mais propenso a vencê-las. Descobriu-se num estudo que o comportamento, criminoso, na adolescência tem correlação com o alto nível de testosterona. Em contraste, o baixo nível de andrôgeno tem possibilidade de redu-

zir o grau de raiva, agressão e energia de uma pessoa, tornando-a mais responsiva aos estímulos ambientais, mais sensível a dor e ao contacto e mais interessada em crianças e nos cuidados e atividades maternas.

No homem adulto normal, a testosterona é produzida principalmente pelos testículos, menos de cinco por cento é originária do córtex supra-renal. A taxa média de produção desse hormônio em homens adultos é de 6 a 8mg por dia. Existe uma variação diurna nas contrações circulantes de testosterona, com concentrações máximas na parte da manhã (antes das 10h).

As pesquisas mais modernas vêm demonstrando que deficiências acentuadas de testosterona no homem são geralmente acompanhadas por diminuição de libido e disfunção erétil, quadros estes que apresentam melhora uma vez se restaure as concentrações hormonais normais. Ademais, a próstata e as vesículas seminais dependem de androgênios, o volume de líquido seminal diminui sempre que houver déficit de testosterona. No entanto, contrário ao pensamento mais geral, os portadores de disfunção erétil, na sua maioria, apresentam níveis normais de concentrações de testosterona, o que demonstra serem as disfunções desse gênero, sobretudo, de natureza psicogênica.

Até o presente, a relação entre os hormônios e o comportamento sexual não se encontra claramente compreendida. Em uma variedade de espécies animais não primatas, as concentrações plasmáticas de testosterona aumentam após o coito ou a ejaculação, fenômeno este não encontrado em ma-



cacos, onde nem a testosterona nem o hormônio luteinizante aumentam significativamente.

A respeito de seres humanos, os resultados têm sido conflitantes, alguns pesquisadores não viram correlação positiva entre os níveis de testosterona e a atividade sexual ou o interesse; enquanto outros constataram aumento dos níveis de testosterona, após masturbação durante e após o coito, e em resposta a exibição de filmes eróticos. Existem muitas outras evidências indicadoras, o que agrava ainda mais as dificuldades metodológicas que envolvem pesquisas dessa categoria.

Na mulher, a regulação endócrina é um pouco mais complexa do que no homem, já que a mulher passa por uma série de alterações hormonais de natureza cíclica, desde a primeira menstruação (menarca) até a época da menopausa.

Certas evidências indicam que a receptividade sexual e o comportamento iniciador da mulher podem ser máximos por ocasião da ovulação. Foi constatada maior frequência de atividade sexual durante todo o ciclo menstrual em mulheres cujos níveis de testosterona periovulatórios atingiram picos mais altos do que em um grupo de mulheres com picos periovulatórios de testosterona mais baixos.

É possível, conforme relatos de alguns autores, que a olfação desempenhe um papel adicional na relação entre o comportamento humano e alterações neuroendócrinas. Entretanto, não há certeza quanto ao grau de importância que a olfação pode ter como mecanismo ocasional de excitação sexual. Em grande variedade de espécies animais foram

identificadas substâncias químicas que servem como meio de comunicação entre membros de uma mesma espécie: os feromônios. A identificação de substâncias químicas semelhantes nas secreções vaginais humanas serve de base para algumas especulações acerca de possibilidade que teriam os fenômenos de desempenhar um possível papel na sexualidade humana. Apesar do vasto número de pesquisas, é muito pouco provável que os feromônios de atração sexual se encontrem em operação nos seres humanos.

Com essas observações, não pretendemos sugerir que tais influências hormonais sejam as principais determinantes do comportamento sexual de um indivíduo. Claro está, por exemplo, que as tendências do comportamento determinadas pelo andrôgeno podem ser menores quando comparadas com as tremendas e poderosas influências psíquicas que governam os sentimentos e comportamento global de uma pessoa. No entanto, não se pode ignorar tais influências, que parecem existir e podem ser mais importantes do que anteriormente imaginadas.

É inegável o alto valor de toda uma linha de pesquisa que vem se desenvolvendo todos esses anos nessa área específica das influências neuroendócrinas, mas devemos tê-las como parte integrante de um contexto bem mais amplo e complexo que é a interação dos fatores psicossociais e biológicos para, determinação, dos comportamentos, atitudes e atributos que constituem a sexualidade humana e, por vezes tem consequências surpreendentes.

Pela facilidade com que podem ser medidos, os fe

nômenos biológicos não são mais bem compreendidos do que fenômenos comportamentais - são, na verdade, duas forças que interagem como um complexo conjunto de vetores.

### Fatores sociais e biologia

As pesquisas efetuadas por Money e al. (1955, 1972) demonstram que as influências hereditárias no desenvolvimento dos papéis sexuais podem ser modificadas por fatores sociais. Muitas das mulheres androgenizadas estudadas por Money tinham sistema reprodutor interno normal, mas genitália externa anormal. Embora estas moças demonstrassem interesse em casar-se e em ter filhos e embora namorassem como outras moças, também comportavam-se de maneiras tipicamente consideradas como não-femininas. Em outras palavras estas moças aprenderam - foram socializadas - a desempenhar um papel feminino apesar das anormalidades biológicas; isto é, as influências culturais e sociais venceram as anomalias biológicas.

Money et al. (1972) também estudaram crianças que, ao nascerem tiveram determinação de sexo errada, em função das anomalias genitais externas. Bebês masculinos com padrões cromossômiais anômalos foram criados como meninas, assim como os bebês femininos foram criados como meninos. Em todos os 19 casos estudados, a criança aprendeu a comportar-se de maneira consistente com o sexo determinado, que era oposto ao sexo genético.

Conclui-se daí que a socialização superou os atributos biológicos. Não importa quais sejam as predisposi-



ções biológicas para diferentes comportamentos entre os se xos, os fatores sociais ainda terão influência. Os fato - res biológicos podem predispor um indivíduo a se comportar de formas que a sociedade as rotule de masculinas ou femi - ninas - por exemplo, agressivamente ou docilmente - mas a situação social do indivíduo irá moderar estas predisposi - ções. Consequentemente, a socialização desempenha um pa - pel crítico no desenvolvimento dos papéis sexuais; pode in clusive ter um papel oposto ao do sexo biológico.

#### Socialização dos Papéis sexuais

O estudo da aprendizagem de papéis sexuais enfa - tizou os fatores de socialização. Como foi apontado por Bandura (1969), as razões para se adotar esta perspectiva são óbvias quando se considera que imediatamente após o nascimento a criança recebe um nome indicativo do sexo, é vestida com roupas adequadas à tipificação do sexo e ganha brinquedos também sexualmente tipificados. Mais tarde, cor tes de cabelo, colegas de brincadeira e comportamentos re - forçados, tudo reflete aprendizagem de papéis sexuais.

Os teóricos da psicanálise admitem que a crian - ça aprende o papel sexual através da identificação com o genitor do mesmo sexo. Os teóricos da aprendizagem social traduziram o conceito de identificação para a noção de imi tação dos pais (Mischel, 1970; Bandeira, 1969; Gewirtz, 1969) e enfatizam o treinamento parental do comportamento sexualmente tipificado. Admite-se que as predisposições biológicas não são críticas na determinação do papel se -

xual aprendido pela criança, mas sim a socialização da criança, através tanto do treinamento deliberado quanto da modelação, que constitui a principal influência na aquisição de um papel sexual pela criança.

Aqui estudaremos um importante aspecto da interação pai-filho que julgamos ser necessário para a identificação e para o desenvolvimento dos papéis sexuais.

### Modelação seletiva

Vários investigadores sugeriram que as crianças imitam com mais presteza um modelo do mesmo sexo do que um do sexo oposto (Bandura, 1969; Mischel, 1970). Apoiando esta hipótese Grusek e Brinker (1972, ap. Meyer e Dusek, 1979) verificaram que, para as crianças entre 5 e 7 anos de idade, o sexo do modelo relacionava-se significativamente com a quantidade de material lembrado. Os meninos lembraram-se do comportamento do modelo masculino bem melhor do que os femininos, já as meninas demonstraram uma tendên-cia menos clara, embora presente, para se lembrar do comportamento de um modelo feminino melhor do que um masculino. E esses pesquisadores chegam à conclusão de que as crianças são socializadas para observar mais detalhadamente o comportamento de pessoas do mesmo sexo.

Slaby e Frey (1975) testaram a noção de que o conceito de gênero da criança se relaciona com atenção seletiva aos modelos de mesmo sexo ou de sexo oposto. Eles relatam que a preferência que tem a criança de prestar

atenção a modelos do mesmo sexo aumentava à medida que as crianças tornavam-se mais cientes da sua própria constância de gênero. De fato, a constância de gênero era um melhor preditor quanto a atenção dada ao comportamento do modelo do que a idade. Estes resultados destacam a importância de componentes cognitivos na socialização (Kohlberg, 1966). À medida que as crianças se maturizam cognitivamente, elas adquirem uma idéia mais clara de gênero e, desta maneira, prestam atenção maior ao comportamento de outros do mesmo gênero. Neste estudo, tanto os meninos quanto as meninas demonstraram quantidades semelhantes de constância de gênero e um aumento semelhante na atenção ao modelo de mesmo sexo. A identificação com o genitor do mesmo sexo pode simplesmente refletir o desenvolvimento cognitivo da criança sobre noções de gênero.

Nem todas as pesquisas, todavia, apoiam a hipótese de que as crianças imitam modelos do mesmo sexo mais que os do sexo oposto. Maccoby e Jacklin (1974) reviram 20 (vinte) experimentos sobre imitação infantil como resultado da exposição aos modelos masculino e feminino. De dessesseis destes estudos não forneceram qualquer evidência de que as crianças imitavam o modelo de mesmo sexo mais do que o de sexo oposto.

As primeiras aprendizagens de papel sexual não são simplesmente uma questão de a criança observar seletivamente o comportamento do modelo de mesmo sexo. Maccoby e Jacklin (1974) sugerem um modelo duplo da aprendizagem de comportamento sexual tipificado. Primeiramente, a cri



ança adquire uma certa quantidade de comportamentos sexuais que não são tipificados. Em segundo lugar, a criança seleciona o comportamento que é relevante a uma situação particular. Consequentemente, a aquisição de comportamento através da observação de modelos não é sexualmente tipificado, mas o desempenho de comportamento pode ser sexualmente tipificado. Por exemplo, se uma menina "sabe" que ela é uma "boa" menina, ela mais provavelmente irá se comportar de maneira mais feminina do que masculina. Isto não quer dizer que a menina não conhece comportamentos masculinos sexualmente tipificados. Antes, a menina irá fazer "coisas de menina" por que foi reforçada por comportamento apropriado ao sexo. Isto é verdadeiro também para os meninos e comportamento masculino.

A constância de gênero também se relaciona à tipificação sexual (Thompson, 1975). Uma vez que a constância de gênero reflete o desenvolvimento de competência cognitiva da criança, a cognição tem um impacto significativo na aprendizagem do comportamento social pela criança (Kohlbert, 1966). Parece-nos que a aprendizagem, seja através da imitação de um modelo, seja através de treinamento direto interage com a competência cognitiva da criança para determinar comportamento. Como resultado da interação destas influências observamos crianças comportando-se de maneira sexualmente tipificada.

### Diferenças sexuais na cognição

As conclusões mais antigas, no que toca à cognição, era de que as meninas são mais verbais, ao passo que os meninos apresentam melhor desempenho nas tarefas matemáticas. Supunha-se que as meninas se saíssem melhor nas tarefas verbais mais rotineiras; em contrapartida, supunha-se que os meninos seriam melhores em qualquer tipo de raciocínio, quer verbal ou matemático. Essas generalizações não resistiram à testagem de dados adicionais.

Encontra-se apenas uma diferença fraca em consistência entre os meninos e meninas nas habilidades verbais, pelo menos até a adolescência (ver quadro 1, reproduzido de Bee, 1979, p. 6). Maiores habilidades verbais são frequentemente, mais evidentes entre as moças mais velhas e mulheres. Quanto à habilidade matemática chega-se a semelhante conclusão: há pouca ou nenhuma diferença sexual nesta área até a adolescência. Mesmo entre adultos, a diferença habitual que favorece os homens é, com frequência, bem pequena.

Não há nenhuma forte evidência de que as meninas tenham habilidade consistentemente menor em tarefas de raciocínio e nem se constatou que sejam piores em tarefas "analíticas" ou de "rompimento de contextos". Vejamos o que nos diz Bee (1979, p. 4) a este respeito:

*"Por exemplo, em medidas de habilidade anagramática, em que o indivíduo deve formar novas palavras a partir de um dado conjunto de letras, ou de letras contidas numa palavra-chave, o indivíduo deve libertar-se do "contexto" de perceber as letras em configurações especiais. Nesta espécie de ta-*

Quadro 1

Quadro Resumido das Diferenças Sexuais em Habilidades Cognitivas\*

Característica ou habilidade	Idade dos indivíduos			
	0 - 1 ano	1 - 6 anos	6 - 12 anos	mais de 12 anos
Habilidade verbal	Talvez as meninas, alguns estudos mostram uma maior vocalização para as meninas	Ligeira margem para as meninas até os 3 anos, quando há diferença, os meninos retomam aos 3 anos	Nenhuma diferença, exceto entre as crianças pobres, onde as meninas são mais altas	Meninas e mulheres são melhores numa variedade de tarefas verbais na adolescência posterior e no período adulto, incluindo raciocínio verbal
Habilidades matemáticas	---	Nenhuma diferença, exceto entre grupos de classe social baixa, onde as meninas se saem melhor na contagem e equivalentes	Provavelmente nenhuma diferença, nenhum resultado consistente	Os meninos e os homens têm geralmente resultado mais alto em habilidades matemáticas na adolescência posterior e no período adulto, embora o tamanho da diferença varie
Habilidade espacial, incluindo testes de área de independência	---	Nenhuma diferença, embora as meninas possam se sair melhor nesta idade	Provavelmente nenhuma diferença, embora alguns estudos mostrem os meninos levemente na dianteira	Meninos e homens, a vantagem nesta área torna-se maior na adolescência e no período adulto

PERÍODO DO DESENVOLVIMENTO: QÜENTOS SEXUAIS

Romper o contexto	---	Nenhuma diferença	Dados insuficientes	Misto, em tarefas verbais de romper o contexto as meninas se saem bem ou melhor (p. ex. anagramas) em problemas espaciais mais duros, os meninos frequentemente marcam mais alto
Raciocínio e lógica	Nenhuma diferença no conceito de objeto	Nenhuma diferença nas tarefas de Piaget	Nenhuma diferença	Nenhuma diferença em tarefas de operações formais, em geral
Criatividade verbal	---	Nenhuma diferença	As meninas mais altas	Meninas e mulheres
Criatividade não verbal	---	Nenhuma diferença	Nenhuma diferença	Nenhuma diferença
Q.I. total ou equivalente	---	As meninas levam ligeira vantagem	Nenhuma diferença	Nenhuma diferença consistente
Grau escolar	---	As meninas melhor	As meninas melhor	As meninas melhor
Problemas escolares (p. ex., problemas de leitura)	---	Meninos mais	Meninos mais	Meninos mais

DIFERENÇAS SEXUAIS NO COMPORTAMENTO

\*A fonte primária para esta informação é Maccoby e Jacklin (1974), com dados de estudos mais recentes.

Fonte: Bee (1979, pp. 6 e 7).



refa analítica, quando há uma diferença sexual, as meninas se saem melhor. Mas para problemas como as tarefas do tipo jarra d'água de Luchins, que podem envolver alguma habilidade matemática ou talvez uma visualização espacial, os meninos frequentemente superam as meninas. Nesta tarefa pede-se ao indivíduo como conseguir uma quantidade X de água usando dois ou mais jarros de tamanhos diferentes. Nos primeiros problemas é necessário um procedimento mais extenso e incômodo, mas, a meio caminho das séries de problema, a tarefa se altera de forma que é possível resolver o problema simples e diretamente. É mais provável que os meninos percebam e alterem com maior rapidez para o modo mais simples, e, assim, "rompam o contexto" dos problemas anteriores. Embora pareça haver diferenças no tipo de tarefa executada pelos homens e pelas mulheres, não há uma superioridade global de um sexo ou de outro sobre as tarefas analíticas de raciocínio e lógica."

Coates (1974, ap. Bee, 1979) constatou que a diferença mais consistente no domínio das tarefas analíticas é na área de habilidades espaciais - por exemplo, visualizar a parte de trás das coisas ou manipular mentalmente com os objetos no espaço - na qual os homens são, de longe, superiores. No entanto, esta superioridade não se encontra regularmente nas crianças menores de 10 a 12 anos e há até mesmo alguma evidência de que num teste espacial envolvendo desencaixes, as meninas em idade pré-escolar se saíram melhor do que os meninos.

De modo geral, as diferenças sexuais na habilidade em vários tipos de tarefas intelectuais são comparativamente raras antes da adolescência; as maiores diferenças surgem na última fase da adolescência e nos adultos.

Segundo Bee (1978), mesmo quando surgem diferenças de forma, como nas habilidades verbais e espaciais, a

distribuição coincide posteriormente. Desta forma, há inúmeras meninas e mulheres com habilidade espacial excelente e muitos meninos e homens com habilidade espacial medíocre. A consistência da diferença requer uma explicação, mas o tamanho da diferença é, geralmente, muito pequeno.

No quadro 2 (reproduzido de Bee, 1979, p. 8), temos evidência adicional de que os processos cognitivo são os mesmos nos dois sexos. Não há nenhuma evidência de diferenças sexuais no desempenho de quaisquer tipos de tarefas de aprendizagem estudados e catalogados, os meninos e as meninas parecem possuí-lo em grau idêntico. O mesmo parece verdadeiro, em geral, quanto à memória, embora haja alguma indicação de que as meninas são um tanto melhores em memória verbal. Esta diferença não se encontra em todos os estudos; mas quando há uma diferença sexual são as meninas que se saem melhor. Todavia, a memória não-verbal não mostra esta diferença sexual.

#### Diferenças sexuais na personalidade e motivação

É na área das diferenças sexuais na personalidade e motivação que muitos mitos e estereótipos persistem - tes foram destruídos ou, pelo menos, suavizados, ante estudos e análises recentes dos dados. Verifica-se nos quadros 3 e 4 (reproduzidos de Bee, p. 9 e 10) que a única descoberta grande e consistente é que os homens são mais agressivos do que as mulheres (dados consistentes pelas idades, pelas tarefas e pelos tipos de agressão).

Quadro 2

Quadro 2. Quadro Resumido das Diferenças Sexuais no Aprendizado e na Memória\*

Características ou habilidade	Idade dos indivíduos			
	0 - 1 ano	1 - 6 anos	6 - 12 anos	mais de 12 anos
Tarefas de aprendizado, incluindo condicionamento, aprendizado de pares combinados, aprendizado de disparidades, aprendizado discriminativo, reforço parcial, retardar do reforço, aprendizado incidental de reversão, aprendizado de transferência não revertido, tarefas de probabilidade, aprendizado pela imitação	Nenhuma diferença	Nenhuma diferença	Nenhuma diferença	Nenhuma diferença, exceto que as mulheres adultas são um tanto mais rápidas no condicionamento palpebral, que pode ser resultado de uma maior ansiedade; quando a ansiedade se reduz, as diferenças sexuais no condicionamento desaparecem
Memória				
Memória verbal	—	Talvez as meninas	As meninas um tanto melhor	As meninas um tanto melhor
Memória para objetos ou dígitos	—	Nenhuma diferença	Nenhuma diferença	Nenhuma diferença
Memória para estímulos sociais (p. ex., rostos, nomes)	—	Nenhuma, poucos dados	Nenhuma, poucos dados	Nenhuma, dados insuficientes

\*A fonte primária para esta informação é Maccoby e Jacklin (1974), com dados de estudos mais recentes.

PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO: QUESTÕES SOCIAIS

Fonte: Bee (1979, p. 8).



Quadro 3 e 4

Quadro Resumido das Diferenças Sexuais na Personalidade\*

Característica ou habilidade	Idade dos indivíduos			
	0-1 ano	1-6 anos	6-12 anos	maior de 12 anos
Dependência (1) busca de proximidade dos adultos (2) busca de proximidade dos seus iguais (3) interesse amigável por companheiros da idade	Nenhuma diferença	Geralmente nenhuma diferença. Os meninos podem "depender" mais. Os meninos são um tanto mais "sociáveis", especialmente aos 2-4 anos; esta categoria não é mais alta para os meninos exatamente devido à brincadeira tumultuada, que não está incluída aqui.	Provavelmente nenhuma diferença. Nenhum dado satisfatório. Talvez os meninos algumas indicações de que as meninas têm algumas camaradagens íntimas, enquanto que os meninos ficam em grupos maiores.	— — Não está claro: as mulheres falam com mais frequência de gostar dos outros e da importância de gostar, mas não é óbvio que isto signifique um maior interesse amigável.
Proteção frente aos outros	—	Nenhuma diferença consistente no dar ajuda; de toda forma é rara a proteção nesta idade.	Não está claro: através das culturas, as meninas são frequentemente mais responsáveis pelos irmãos mais novos; estudos laboratoriais não mostram nenhuma diferença no dar ajuda.	Pouquíssimos dados: alguma evidência nova de que os homens são protetores em relação aos recém-nascidos, mas isto não vale para outros mamíferos.
Empatia	—	Nenhuma diferença	Nenhuma diferença resultados mistos	Nenhuma diferença clara

Característica ou habilidade	Idade dos indivíduos			
	0-1 ano	1-6 anos	6-12 anos	maior de 12 anos
Aquiescência e conformidade	—	As meninas são mais equiescentes às solicitações ou ordens dos adultos	Nenhuma diferença clara	Nenhuma diferença clara
Medo, timidez e ansiedade	Nenhuma diferença	Nenhuma diferença	As meninas frequentemente relatam mais medos, ou os professores avaliariam-as como mais temerosas, mas os registros de observações não mostram diferenças sexuais nesta idade quanto a comportamento temeroso e tímido.	
Tópico de ansiedade geral	—	Nenhum dado satisfatório na timidez ou medo: as meninas podem dizer-se mais temerosas.	As meninas registram mais ansiedade, mas há alguma evidência satisfatória de que os meninos são mais relutantes em relatar medos ou ansiedades.	
Tolerância e reação à frustração		Os meninos podem ter mais explosões de raiva ou de agitação do que as meninas; não está claro se os meninos respondem à frustração por barreiras de escape, dados conflitivos.	Nenhum dado satisfatório	Nenhum dado satisfatório
Choro	Nenhuma diferença consistente	Os meninos, em alguns contextos, alguns estudos mostram que as meninas choram mais quando separadas da mãe, outros mostram que os meninos em idade pré-escolar choram mais por frustração e as meninas por danos.		

Nível de atividade	Nenhuma diferença	Misto: os meninos, com frequência, são mais ativos, mas parecem ser assim quando estão em grupos de outros meninos; nenhuma diferença quando sozinhos; os meninos podem gastar mais tempo fora em atividades musculares maiores.	Talvez os meninos: resultados mistos; quando encontramos diferenças, elas mostram os meninos mais ativos, mais enérgicos.	Dados insuficientes: nenhuma diferença clara.
Agressão	—	Os meninos mais. Esta diferença é altamente consistente através das situações e tipos de agressão, incluindo agressão verbal: as meninas também são menos agredidas, de forma que os meninos são, com frequência, vítimas e agressores.	Os meninos mais.	Os meninos e homens mais.
Competição versus cooperação	—	Peros de menino-menino são mais competitivos do que pares de meninas.	Talvez os meninos.	Misto: provavelmente nenhuma, mas esta questão não foi bem colocada entre os adultos.
Dominância	—	Os meninos são vistos como "durões" pelos camaradas, desde a idade do maternal; as hierarquias de dominância estão presentes tanto para os grupos de meninos quanto de meninas.	Os meninos são vistos como "mais durões".	Provavelmente os homens: mas a dominância entre os adultos é menos generalizada através das situações; nos casamentos não há uma tendência clara pela os homens dominarem.

\*A fonte primária para esta informação é Maccoby e Jacklin (1974) com dados de estudos mais recentes.

As moças não estão mais voltadas para os estímulos e sugestões sociais e não são mais atenciosas com as pessoas. Segundo Bee, 1979, p. 5:

*"A falta de diferenças na responsabilidade a deixas sociais em inúmeras formas: as moças não são mais complacentes com os desejos dos outros (exceto durante um período na idade pré-escolar, quando são mais influenciadas pelas solicitações dos adultos) (Cantor, 1975); não são mais empáticas (ver Deutsch, 1975, para dados recentes); provavelmente não procuram mais companhias de adultos e é menos provável que busquem proximidade de seus iguais. E as meninas não são mais protetoras em relação a outras crianças menores ou criaturas desamparadas (embora a quantidade e qualidade de dados aqui seja pequena). Estas amostras de evidência tomadas em conjunto parecem mostrar que os homens estão igualmente interessados e atentos às sugestões sociais e são, pelo menos, igualmente bons na sua interpretação."*

Um outro mito que parece ter cedido à análise de Maccoby e Jacklin (1974) é o de que as meninas se orientam menos para as realizações. Estes pesquisadores constataram que tanto nas tarefas de desempenho como nos testes projetivos de motivação para a realização - as meninas são tão orientadas para a realização quanto os meninos. Ainda segundo estes mesmos pesquisadores, não parece haver nenhuma tendência consistente nas meninas para se esforçarem mais do que os meninos para a realização, de forma a atingirem notas sociais, tais como a aprovação.

Os dados estão abertos a várias interpretações e diferentes autores deram maior ou menor peso a estudo que mostram um tipo particular de diferença, todavia impressiona-nos a ausência de nítidas diferenças sexuais em áreas como dependência, passividade e motivações para realiza -

ções, quando se examina a totalidade de estudos de uma vez, como fizeram Maccoby e Jacklin (1974).

Parece-nos óbvio que antes de se despender uma grande quantidade de energia tentando explicar ou compreender as diferenças sexuais num determinado comportamento ou habilidade, deve-se estar seguro de que há uma diferença e de que é um fenômeno estável e reproduzível.

### Diferenças de classe social e as diferenças sexuais

As informações sobre diferenças de classe sexual com relação aos papéis sexuais apresentam-se em qualidade e quantidade muito abaixo do desejável, devido ao pequeno número de pesquisas realizadas nessa área. No entanto, parece-nos importante apresentar alguns resultados obtidos numa dessas poucas pesquisas.

Há provavelmente menos diferenças de classes sociais nos estereótipos sexuais do que seria de esperar. Acredita-se, de maneira geral, que as estereotípias de papéis sexuais sejam mais fortes e mais incidentes nas famílias da classe operária do que nas famílias da classe média. E essa crença é de certa forma confirmada por algumas evidências, como o fato de que as mães da classe média tendem mais a trabalhar fora do que as mães da classe baixa, embora, à primeira vista, pareça-nos que as necessidades financeiras destas últimas sejam provavelmente maiores.

Apesar do pequeno número de evidências dessas diferenças, detectadas nos questionários de estereótipos de



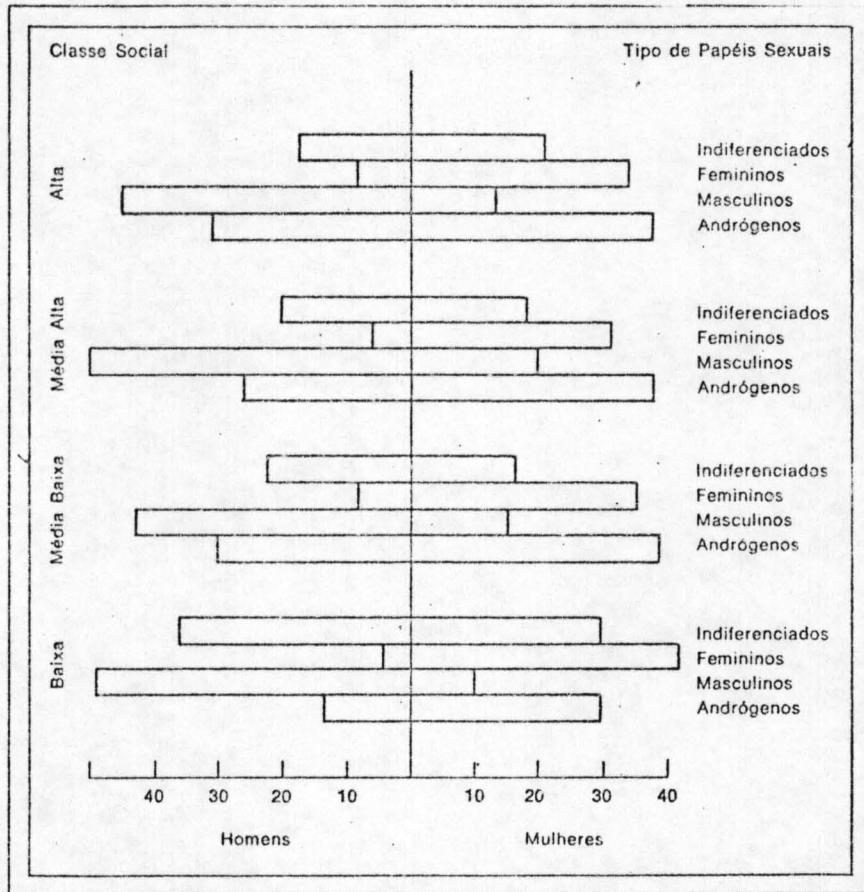
papéis sexuais, Bee e Mitchell (1984, p. 475) citam trabalho de Spence e Helmreich (1978) no qual verificaram que a única diferença patente de classe social foi uma tendência entre os adultos de classe social baixa a mostrar mais comportamento indiferenciado do que outros grupos (ver figura 3). De novo, há poucas evidências de grandes diferenças de classe social.

No Brasil, podemos citar o trabalho de Rose-Marie Muraro (1983), no qual ela conclui que há declínio do machismo urbano e dos tabus da virgindade e do casamento. Ela ainda afirma que estas tendências são mais feminino-urbanas do que masculinas e camponesas e também afirma que a maioria das mulheres gostaria de voltar ao tempo de solteira. Sobre isto, declara Chauí (1984, p. 222):

*"De nossa parte, não interpretaríamos esse desejo como diminuição do lugar imaginário e simbólico ocupado pelo casamento e pela família, pois o retorno à vida de solteira significa por um lado, retorno à vida familiar, mas não na situação de cônjuge e sim na de filha, e por outro lado, o desejo de uma sexualidade livre, isto é, não procriativa, ou pelo menos, sem a "dívida conjugal" e sem a obrigatoriedade de maternidade de numerosa prole."*

Chauí (1985) cita uma pesquisa feita nos bairros periféricos de São Paulo. À pergunta: qual a vantagem de ser homem? e mulher? Os homens consideram: não ter menstruação, não engravidar, não ser forçado à virgindade e à fidelidade conjugal, ter liberdade. As mulheres: ser mãe, ser sensível e ser frágil. Mas, à pergunta: qual a desvantagem de ser homem? E mulher? As respostas revelam um permanente conflito, não apenas entre homens e mulhe -

res, mas em cada um deles. Os homens respondem: ser o responsável pela família, não poder chorar, errar, ter medo nem fracassar. As mulheres: não ter liberdade, a dupla jornada de trabalho, o sexo quando não há vontade nem prazer, o excesso de filhos.



Diferenças de classe social em autodescrições de papéis sexuais. Embora as crenças populares nos levem a esperar uma estereotipia de papel sexual muito mais forte entre sujeitos de classe média baixa e os de classe baixa, os dados não parecem revelar isso. A única distinção parece ser que há mais sujeitos "indiferenciados" entre o grupo de classe baixa.

Fonte: Bee e Michell (1984, p. 475).

## CAPÍTULO II

### TEORIAS DA IDENTIFICAÇÃO E TIPIFICAÇÃO SEXUAL

#### Teoria psicanalítica da identificação: Freud

Freud foi o primeiro a formular uma teoria compreensiva da identificação; para ele havia dois tipos de identificação: o primeiro, identificação anaclítica, baseada no temor à perda do amor dos pais, é especialmente importante no desenvolvimento das meninas e a identificação com o agressor, às vezes denominada identificação defensiva, baseada no medo do pai poderoso, cujo objetivo era evitar a punição. Esta forma é particularmente importante no desenvolvimento dos meninos.

Segundo Freud, os pais eram os principais agentes socializantes e a internalização de seus valores pela criança equivaleria ao desenvolvimento do superego, que resulta da relação estabelecida entre a criança e os pais, através de complexo processo de identificação pelo qual a autoridade exterior é internalizada e nele desempenha o papel que geralmente se atribui à consciência moral. Freud acreditava que a identificação era igualmente importante no desenvolvimento do papel sexual.

Meninos e meninas identificam-se com os pais de formas um tanto diferentes. Devido à dependência inicial da criança, tanto os meninos quanto as meninas desenvolvem



forte ligação com aquele que lhes dispensa os cuidados primários, geralmente a mãe.

A identificação anaclítica começa quando a mãe deixa a criança e não atende as suas necessidades. Uma vez que a mãe não pode atender a criança constantemente, haverá momentos em que esta se sentirá com fome, sô ou em estado de tensão; estas ocasiões, segundo Freud, criam ansiedade com relação à perda dos cuidados maternos. Ao aprender a fazer algumas das coisas que a mãe faz, a criança pode ter essa ansiedade reduzida e reconquistar um sentido de segurança.

Freud acreditava que a identificação anaclítica era especificamente importante para o desenvolvimento das meninas. A teoria psicanalítica contemporânea (ver Baldwin, 1967; Langer, 1969, ap. Meyer e Dusek, 1979, p. 366) explica essa identificação da seguinte maneira, com cerca de três ou quatro anos, a menina desenvolve um forte afeto pelo pai, rivalizando a mãe pelo afeto do pai. Sentindo que isto poderá despertar ciúme em sua mãe, que por isso poderá rejeitá-la, ela desiste do forte desejo pelo pai e se identifica com a mãe. Esta identificação é devido ao medo à perda do amor materno. Ao se identificar com a mãe, a menina aprende padrões sociais (moralidade) da mãe assim como o papel sexual feminino.

A identificação nos meninos resulta da resolução do Complexo de Édipo. Com cerca de três ou quatro anos, o menino desenvolve o desejo de possuir a mãe e tornar-se ri

val do pai pelo amor da mãe, todavia ele percebe ser seu pai mais poderoso e daí passa a temer a retaliação do pai por causa dos seus desejos incestuosos. Teme ser castrado pelo pai (ansiedade da castração) e, para evitar essa punição, identifica-se com ele (identificação com o agressor) que por sua vez reduz sua ansiedade pela castração e o provê do mecanismo necessário para desenvolver uma compreensão do papel sexual masculino e das normas morais da cultura.

Para a identificação feminina, Freud criou uma noção homóloga à da castração: a inveja do pênis, que assume a mesma função no desenvolvimento da identificação na menina que a ansiedade da castração no menino. Segundo essa noção, no processo de se enamorar do pai, há por parte da menina o reconhecimento das diferenças biológicas entre si própria e seu pai e assim passa a sentir inveja das características masculinas. Ela então identifica-se com a mãe a quem, tal como ela, falta a genitália externa e a fazer isso, incorpora os valores maternos.

Resumindo-se: para Freud a identificação resulta do conflito edipiano e se apresenta tanto para o menino quanto para a menina. Para esta última, a identificação com a mãe evolui a partir de sua ligação primariamente amorosa com ela, fato este que não é comum entre os meninos, daí ser necessário um outro mecanismo. Como forma alternativa, Freud sugere a identificação com o agressor, perspectiva na qual a criança identifica-se com aquele que ela vê como mais poderoso.

Na realidade, parece-nos existir certa dificuldade com a noção de identificação de Freud, pois que este termo foi por ele empregado de duas formas distintas: referindo-se ao vínculo emocional da criança com os pais ou à semelhança de comportamentos. Sendo esta última o que hoje, provavelmente, designa-se por imitação.

Ao nosso ver, outra grande dificuldade do conceito de identificação em Freud, baseia-se na noção de um complexo de Édipo. A Psicanálise concebe que os desejos mais severamente reprimidos pela censura sejam precisamente aqueles que a moral individual e coletiva rejeitam com idêntico rigor, isto é, os desejos eróticos que são tanto mais incompatíveis com as exigências do Eu adulto quanto é fato provirem de um indestrutível fundo infantil. Por detrás dos desejos eróticos atuais, que de certo modo se realizam por astúcia no sonho, Freud descobre o desejo fundamental, o desejo escandaloso do incesto e do homicídio de que todo homem adulto se esqueceu que, no entanto, o liga eternamente ao passado. É uma revelação que explica, pela primeira vez, o sentido universal e a eternidade do drama de Édipo.

Marthe Robert (1968) apresenta, a este respeito, um excerto de Freud (p. 140) que aqui inserimos:

*"O seu destino comove-nos porque podia ter sido o nosso, porque ao nascermos o oráculo pronunciou contra nós a mesma maldição. Todos nós sentimos em face da mãe o primeiro impulso sexual e, em face do pai, o primeiro ódio. E os nossos sonhos testemunham que Édipo matando o pai (Laio) e casando com a mãe (Jocasta), não fez mais do que realizar o desejo da nossa infância. Mais*



felizes que eles e, a menos que sejamos neurópatas, conseguimos, porém, desligar da nossa mãe o desejo sexual e esquecer o nosso ciúme em face do pai. Apavora-nos a figura do homem que realizou o nosso sonho de infância e o pavor que sentimos é a medida do recalçamento que desde então exercemos contra tal desejo. Como Édipo, vivemos na inconsciência dos desejos ofensivos da moral a que a natureza nos obriga. Quando nos são revelados, preferimos desviar os olhos das cenas da nossa infância..."

Em interessante trabalho sobre o teatro grego, Brandão (1978) procura mostrar, tendo por base os trabalhos de Fromm e Bachofen, que o antagonismo e a hostilidade entre pai e filho, que são a grande constante da trilogia Sofocleana ("Édipo Rei", "Antígona" e "Édipo em Colono"), devem ser compreendidos como uma investida da derrotada ordem matriarcal contra a vitoriosa sociedade patriarcal.

Bachofen estuda o matriarcado como força político-social dentro da ginococracia, isto é, resulta da maternidade tomada como um princípio cujas conseqüências (amor, fraternidade, paz, igualdade e liberdade) teriam determinado a vida de povos ginococráticos.

Segundo Bachofen, em épocas muito remotas, as relações sexuais eram promíscuas e, por isso mesmo, só era indiscutível o parentesco matrilinear. Sabia-se quem era a mãe, jamais o pai, por conseguinte a consanguinidade era atribuída à mulher. A androcracia (o patriarcado) substituiu a ginococracia, subjugando a mulher e tornando-se o homem o dominador.

O sistema patriarcal assim estabelecido é caracterizado pela monogamia (pelo menos em relação à mulher), pela incontestável autoridade do pai numa família e pelo papel preponderante do homem numa sociedade hierarquicamente organizada.

O tema básico das três tragédias é o conflito entre pai e filho. Em "Édipo Rei", Édipo mata Laio, seu pai, que lhe tentara tirar a vida. Em "Édipo em Colono" este expande seu terrível ódio contra seus filhos (Etéocles e Polínice) e em "Antígona" aparece o mesmo ódio entre pai e filho (Creonte e Hêmon).

Sófocles busca explorar de forma brilhante em sua trilogia a luta contra a autoridade paterna e que esta tem suas origens no velho litígio entre os sistemas patriarcal e matriarcal. Édipo, Hêmon e Antígona, representantes da ordem matriarcal, atacam uma ordem social e religiosa baseada nos poderes e privilégios do pai, representados por Laio e Creonte (o protótipo de um líder fascista).

O mito de Édipo, assim compreendido, deve ser julgado como um símbolo, não do amor incestuoso entre mãe e filho, mas de rebelião do filho contra a autoridade paterna, num contexto social patriarcal.

Segundo Brandão (1978, p. 60):

*"O casamento de Édipo com sua mãe Jocasta é um elemento secundário da tragédia: apenas um dos símbolos da vitória do filho que ocupa o lugar do pai e, com isso, todos os privilégios deste."*

No mito, segundo os estudiosos, não há qualquer

indicação de Édipo apaixonar-se ou ter sido atraído por Jocasta. A única razão para o casamento de Édipo com Jocasta foi o trono de Tebas (o poder) do qual foi salvador.

Configura-se, portanto, a ambição pelo poder patriarcal, a necessidade que teve Édipo de exercer o poder e desfrutar dos privilégios dele advindos e não uma relação incestuosa em que o filho mata o pai por enamorar-se da mãe. Édipo matou Laio para que a sua ascensão ao trono de Tebas se tornasse mais fácil.

Concluimos com Fromm (1877, p. 103):

*"Talvez não esteja desligado dessas transformações sociais um progresso registrado na Psicanálise, que está começando a corrigir a idéia inicial de Freud sobre o papel central do vínculo sexual entre filho e mãe, e a resultante hostilidade em relação ao pai, antepondo-lhe a nova noção de que existe um intenso e primordial vínculo "pré-edipal" entre o bebê e a mãe, independentemente do sexo da criança (grifo nosso)."*

### A posição falocêntrica de Freud

Em sequência às fases oral e anal no desenvolvimento da sexualidade (época em que tanto o homem quanto a mulher apresentam tendências bissexuais), Freud postulou a ocorrência, entre os 3 e 4 anos, da fase fálica. Além da fase edípica, quando o menino descobre que a menina não tem pênis, ele supõe que ela, de alguma maneira, perdeu este órgão, que já constitui uma fonte de prazer para ele. A culpa relacionada às suas fantasias sexuais em relação à mãe, e seus consequentes desejos hostis concernentes ao pai, levam o menino a desenvolver ansiedades de castração. Como conse



quência, ele geralmente renuncia à masturbação e entra na fase de latência. Nesta fase, tendo se identificado com o pai não mais compete com este pela mãe.

Nesta fase, a menina descobre que não possui o pênis. Observa o prazer que o menino obtém de seu órgão genital, muito mais visível e acessível à manipulação, e desenvolve inveja do pênis, censurando a mãe pela falta deste e então substitui a mãe pelo pai, como objeto primário de amor. Assim, está agora competindo com a mãe. No decorrer normal dos acontecimentos, a menina entra na fase de latência, livre de perder o amor da mãe. A sua identificação com a mãe ocorre da mesma maneira como o menino se identificou com o pai.

De acordo com Freud, esta teoria tem importantes implicações para o desenvolvimento da personalidade feminina. A inveja do pênis permanece na menina como sentimento de inferioridade e uma predisposição ao ciúme; seu permanente desejo de possuir um pênis ou "dom superior" converte-se, na mulher madura, no desejo de um filho que traz consigo o pênis desejado (Freud, 1933). A mulher nunca é forçada de modo decisivo à renunciar às suas lutas edipianas, pela ansiedade de castração. Como consequência, o superego da mulher é menos desenvolvido e internalizado que o do homem.

Com a debilidade do vínculo da menina com sua mãe, e a crescente ligação com seu pai, começam a predominar as fantasias passivas em lugar das ativas. O desejo da menina de ser fecundada pelo pai é, nos termos de Freud, um desejo passivo e a feminilidade acarreta uma preferência por obje-

tos passivos, assim como uma tendência masoquista básica, inerente a todos os aspectos de satisfação sexual feminina. O clitóris é considerado um órgão que oferece satisfação ativa em vez de passiva, portanto, a autêntica identificação feminina envolve, segundo Freud, a renúncia à sexualidade clitoridiana pela sexualidade e orgasmo vaginais.

Para Freud, anatomia é destino. O destino para a mulher implica na compreensão de que lhe falta "o único órgão genital verdadeiro" (1932, vol. XXII, p. 139) e que ela é uma criatura mutilada (1925), que deve admitir o "fato de sua própria castração e a consequente superioridade do homem e sua própria inferioridade, mas se rebela com esses fatos desagradáveis (1932, vol. XXII, p. 139).

É Freud quem afirma:

*"As mulheres têm a esperança de algum dia obter um pênis à despeito de tudo... Não podemos nos permitir que sejamos hesitantes em expressar que o nível daquilo que é eticamente normal para as mulheres é diferente para os homens... Não podemos permitir que sejamos desviados de tais conclusões pelas negações das feministas que estão ansiosas por nos forçar a considerar os dois sexos iguais em posição e valor." (1925, vol. XIX, p. 179)*

As raízes históricas desse falocentrismo de Freud encontra-se nas discussões filosóficas dos séculos XVIII e XIX. De um lado, os representantes da filosofia de Iluminismo, que afirmavam não haver distinções inatas entre os sexos, que as diferenças porventura existentes eram, o que hoje denominamos, culturais. De outro lado, situavam-se os filósofos românticos, de princípios do século XIX, que ressaltavam o ponto oposto: defendiam as diferenças como resull

tado de determinismos biológico e fisiológico.

Freud tornou-se o representante mais destacado do ponto de vista dos românticos. Enquanto o argumento destes foi elaborado em linguagem filosófica, o de Freud se baseava na observação de pacientes pela Psicanálise. Para ele, as diferenças anatômicas entre os sexos era a causa de diferenças de caráter inalteráveis.

Parece-nos que talvez o ponto fraco mais flagrante da teoria freudiana, no que se refere à questão em foco (postura falocêntrica), seja aparentemente óbvio: para Freud, a sexualidade feminina consiste no malogro da sexualidade masculina e não no resultado de tendências primárias propriamente femininas.

Não desvinculada desta visão de sexualidade está a tendência persistente de Freud em ver os relacionamentos numa perspectiva patriarcal; o pai e sua autoridade patriarcal são considerados determinantes cruciais no desenvolvimento psicológico de um indivíduo. Freud via a análise como uma recapitulação desta relação.

Em consequência desta distorção central, muitas das conclusões de Freud relacionadas à sexualidade feminina são bastante questionáveis.

À guisa de fundamentação crítica, parece-nos oportuna a inclusão de alguns dissidentes da psicanálise freudiana, a saber: Reich, Adler e Jung e seus respectivos posicionamentos sobre a mulher.

Reich (1977) preocupava-se especificamente com a



opressão da mulher nas sociedades capitalistas do Ocidente e a entendia como sendo crucial às formações particulares de caráter desenvolvidas pela mulher. A sua formação marxista levou-o a ver os movimentos feministas de seu tempo — apesar de defendê-los — como fadados a um sentimentalismo burguês, a menos que repudiassem o capitalismo e assumissem uma perspectiva socialista.

Reich sugeriu que a passividade não é intrinsecamente feminina, mas constitui um produto social patológico. Foi bastante insistente quanto à classificação da vagina como órgão crucial de sensação do orgasmo feminino e não o clitóris. Aventou a hipótese de que o orgasmo vaginal poderia representar um estágio de evolução superior ao orgasmo do pênis, uma capacidade emergente em todos os seres humanos para a receptividade e união com um mundo numa forma maior de amor que ainda não experimentamos.

Adler (1973) faz uma sugestão um tanto radical, as diferenças entre os sexos resultam inteiramente de atitudes culturais e, estas mesmas atitudes, afetam profundamente o desenvolvimento de um indivíduo, desde o seu nascimento. Condenou veementemente a concepção social de que as mulheres são inferiores, que nada mais faz se não reforçar e perpetuar sistemas de dominação e privilégio masculinos.

Segundo Adler, uma menina vem ao mundo cercada de preconceitos que lhe roubam a crença em seu próprio valor, arruinando sua autoconfiança e destruindo sua esperança de vir, algum dia, a realizar algo de valor. As vantagens advindas da condição de homem causaram distúrbios de certa

gravidade no desenvolvimento das mulheres.

Para Jung (1967) a psiquê da mulher difere da do homem de forma básica; isto se manifesta nas diferenças entre a persona masculina e a persona feminina, assim como entre animus e anima. A persona feminina é a imagem adaptativamente organizada do "self" que a mulher apresenta ao mundo. É, em essência, um aspecto da personalidade socialmente determinada. As diferenças entre as personas masculina e feminina são determinadas por normas culturais e distinções de papéis. Animus e anima são imagens sexualmente determinadas que derivam da estruturação arquetípica da vida emocional e também de tendências reprimidas que derivam da estruturação arquetípica da vida emocional e também de tendências reprimidas do sexo oposto que foram expelidas da consciência.

Tal como Freud, Jung acentuou a natureza essencialmente bissexual de todo indivíduo, todavia ele atribui menor importância à natureza estritamente biológica da diferenciação sexual pela qual passa a personalidade em desenvolvimento. Os atributos da persona feminina e do animus são claramente distinguíveis dos atributos da persona masculina e anima. Segundo Jung, a anima tem um caráter receptivo, emocional e erótico, ao passo que o animus é princípio racionalizador e ativo. Estas naturezas do animus e anima complementam as diversas naturezas das personas masculina e feminina.

Ao examinarmos os pontos-de-vista não-freudianos, constatamos que alguns dos fenômenos que Freud tentou des-

crever parecem mais plausíveis quando despojados de sua distorção de masculino malogrado.

### Teorias de aprendizagem social da identificação

Os teóricos da aprendizagem social explicam a identificação empregando os princípios do condicionamento clássico e operante juntamente com a imitação. Esses teóricos re-definiram os conceitos em termos de S-R para testarem as hipóteses derivadas da teoria psicanalítica.

#### A PESQUISA DE SEARS

Um dos primeiros psicólogos a empregar a teoria da aprendizagem para investigar os conceitos psicanalíticos de socialização foi Robert Sears (1950). De uma maneira geral, sua pesquisa focalizava as relações entre a mãe e a criança; sua tese básica era que o desenvolvimento da personalidade da criança é determinado pelas práticas de criação dos pais.

Um corolário dessa hipótese é que as diferenças individuais de personalidade devem-se às diferenças na maneira como os pais criam seus filhos. Ao investigar essas práticas, Sears esperava obter '*insights*' no desenvolvimento da identificação.

A pesquisa de Sears incluiu: observação das interações pai-filho, entrevistas completas com os pais a respeito de suas técnicas de criação e de como eles percebiam o comportamento do seu filho e a observação das crianças in



teragindo com seus pares, em brincadeiras, na escola maternal e em tarefas experimentais.

Sears tentou relacionar tipos de pais, tais como restritivos ou permissivos, com a identificação e o desenvolvimento do papel sexual da criança. A tese básica que fundamenta essas investigações era que os pais moldam (ensinam) a dependência, a agressividade, consciência e a preferência pelos tipos de prática de criação que empregam.

Sears et al (1965) realizaram importante pesquisa e apuraram que as moças que adotavam uma conduta mais masculina, de acordo com as escalas administradas pelos experimentadores, eram propensas a manter relações cordiais, interativas, tolerantes e compreensivas com os pais. A apreciação dos pais levou-a presumivelmente a compartilhar do papel paterno (Booth, 1976). Tal conduta era também frequentemente afetada pelo sexo de um irmão mais velho. Quando a criança mais velha era do sexo oposto, a mais nova desviava-se no sentido do seu comportamento de papel sexual (Rosenberg, 1968, ap. Booth, 1976, p. 130).

Há uma tendência para que as moças recebam mais afeição de suas mães, as quais lhe dirigem a palavra com mais frequência. A elas se permite que sejam mais dependentes, mas a maior diferença parece residir na intolerância, por parte dos pais, de qualquer agressividade que elas manifestem (Sears et al, 1957).

Meyer e Dusek (1979, p. 369) fazem uma apreciação das investigações de Sears:

*"Generally speaking, the result of Sears' investigations provided little support for this thesis, largely because of the difficulties involved in relating global child-rearing variables to global measures of child behavior. More recently, researchers have shown that relating specific child behaviors to specific antecedents is a more fruitful way to investigate child development."*

## A PESQUISA DE GEWIRTZ

De acordo com Gewirtz (1969) a aprendizagem social, isto é, aprendizagem que envolve estímulos e respostas de pessoas que vivem e interagem numa dada cultura, segue os mesmos princípios da aprendizagem não social. Para descrever a socialização Gewirtz enfatiza o desenvolvimento de relações do tipo S-R no contexto do condicionamento operante.

O paradigma de condicionamento operante é o seguinte, segundo Gewirtz:

$$S^d \dots R \text{ ————— } \text{Reforço} \\ (S^r)$$

Um estímulo discriminativo ( $S^d$ ) deflagra uma resposta (R) que conduz a um reforço ( $S^r$ ). Este tipo de aprendizagem pode envolver uma quantidade de estímulos e respostas, a extensão da cadeia S-R depende da complexidade dos comportamentos a serem aprendidos. Usando estes princípios Gewirtz tentou explicar certos fenômenos da socialização, tais como identificação, dependência e *attachment*.

Para Gewirtz a criança adquire comportamentos sociais de duas maneiras, a primeira é através de condiciona-

mento instrumental direto. O agente de socialização — um dos pais, por exemplo — usa técnicas diferenciadas de reforço para ensinar a criança a emitir uma resposta específica. Em outras palavras, o socializador reforça positivamente a resposta que ele quer que a criança aprenda, e ignora ou pune outras respostas. Por exemplo, o pai pode responder positivamente ao pedido do filho se este for precedido pela expressão "por favor" e pode ignorar o pedido se a criança não usar esta expressão.

Os mesmos métodos podem ser usados para ensinar à criança habilidades mais complexas, tais como comportamento característico de papel sexual. As meninas podem ser ensinadas a fazer, estereotipadamente, coisas de menina; da mesma maneira aos meninos também podem ser ensinados comportamentos tipificados sexualmente através de recompensas ou punições parentais.

Segundo Gewirtz o uso da expressão "por favor" pela criança ou a sua conformação aos comportamentos sociais esperados, por sua vez, reforça o pai e seu uso dessas técnicas de treinamento. A criança, em última análise, atua como socializador do comportamento parental, isto é, à medida que os pais moldam seus filhos as técnicas empregadas são reforçadas pela aprendizagem da criança.

A socialização também ocorre através de imitação, termo usado pelos teóricos da aprendizagem para descrever o que Freud denominou identificação; Gewirtz acredita que a aprendizagem imitativa é extremamente importante na socialização, por que se torna generalizada numa ampla variedade



dade de comportamento. Trata-se da imitação generalizada, isto é, processos pelos quais as diferentes respostas de um modelo são emitidas pela criança numa variedade de situações. Embora poucas (ou nenhuma) dessas respostas sejam imediatamente reforçadas, elas são adquiridas da mesma maneira que o condicionamento instrumental. Em outras palavras, a aprendizagem imitativa é tida como um caso especial de aprendizagem instrumental.

### A Teoria de Bandura

A pesquisa e teoria de Bandura focaliza a aquisição de respostas através de aprendizagem observacional, aprendizagem responsável pela maneira na qual a criança modela seus pensamentos, sentimentos e ações segundo uma outra pessoa e que explica a identificação.

De acordo com Bandura (1969) pode ter diversos efeitos sobre o observador. Em primeiro lugar o observador pode aprender uma resposta inteiramente nova (um efeito de modelação). Este é um verdadeiro efeito de aquisição que Bandura denomina aprendizagem observacional. A observação de um modelo pode ter dois efeitos no desempenho de respostas já no repertório do observador. O primeiro é um efeito de inibição-desinibição. Após ter o modelo emitido uma resposta, o reforço experienciado inibe (se negativo) ou desinibe (se positivo) o observador na repetição da resposta. Uma segunda maneira na qual a observação de um modelo influencia o desempenho do observador numa res-

posta já aprendida é através de facilitação de resposta. Neste caso, o comportamento do modelo atua como um estímulo discriminativo para facilitar a ocorrência de uma resposta já existente no repertório do observador.

Vejamos um exemplo destes efeitos: consideremos um menino que imita o seu pai barbeando-se ou uma menina maquiando-se. Em ambos os casos, a criança aprendeu um comportamento imitativo ao observar um modelo. Uma vez que seja improvável que o repertório da criança já contenha este comportamento, este resultado denomina-se efeito de modelação.

Bandura diz que os mecanismos de aprendizagem observacional e imitação são amplamente responsáveis pela aquisição infantil do comportamento social, incluindo identificação e tipificação sexual. Para Meyer e Dusek (1979, p. 371):

*"Like Gewirtz, he believes that these mechanisms can account for identification better than psychoanalytic principles. The behavior observed is coded into a representational mediator that can be retrieved and reproduced in the presence of appropriate environmental cues. In other words, observational learning and imitation are the result of a number of psychological processes including attention, retention, motoric reproduction, and motivation."*

Dentre os teóricos da aprendizagem social, destacamos o importante trabalho desenvolvido por Walter Mischel (1972), que tenta aplicar a teoria da aprendizagem à aquisição do papel sexual e ao comportamento de papel sexual. Segundo suas próprias palavras:

*"Na teoria da aprendizagem social, os com-*

portamentos sexualmente tipificados, podem ser definidos como os que tipicamente eliciam diferentes recompensas para um sexo e para outro... De acordo com a teoria da aprendizagem social, a aquisição e o desempenho de comportamentos sexualmente tipificados podem ser descritos pelos mesmos princípios usados para analisar qualquer outro aspecto do comportamento do indivíduo... A tipificação sexual é um processo pelo qual o indivíduo adquire padrões de comportamento sexualmente tipificados: primeiro, ele aprende a discriminar entre padrões de comportamento sexualmente tipificados, depois a generalizar estas experiências de aprendizagens específicas a novas situações e, finalmente, a desempenhar comportamentos sexualmente tipificados." (Mischel, 1972, p. 37-38).

É provável que o processo inicial de discriminação leve vários anos; a criança tem que determinar se é um menino ou uma menina. À medida em que rótulos tais como "menino", "ele", etc. vão sendo freqüentemente usados pelos pais e outros, e a aprovação do uso correto desses rótulos para si mesma, a criança tenderá a fazê-lo. Mischel também sugere que a criança é sistematicamente reforçada pelos comportamentos adequados a seu sexo e por imitação ao genitor de mesmo sexo. Um dos conceitos fundamentais dessa teoria é que a criança é recompensada, de forma sistemática, por se comportar de maneira consistente ao seu sexo, por escolher brinquedos adequados, etc.

Passamos a um segundo processo desta teoria, o da imitação. Ao falar de identificação, Freud mencionava um processo pelo qual a criança incorpora todas as qualidades do indivíduo com o qual ele se identifica. Mischel não faz quaisquer suposições relacionadas a esses processos internos; em lugar disto, ele procura enfatizar o pon



to em que aquilo que observamos é a criança copiando os comportamentos e atitudes do adulto. Segundo ele, o termo imitação melhor descreve este processo. Para Bandura e Walters (1963) o termo aprendizagem observacional é o adequado para descrever tal evento.

Segundo pesquisas efetuadas pelos teóricos da aprendizagem social, existem determinadas regras que orientam o processo de imitação. Ficou demonstrado, por exemplo, que as crianças irão se modelar em função de um adulto que tenha poder sobre certas fontes, a saber, recompensas. Se, numa situação experimental, o homem demonstra ser mais poderoso do que a mulher, tanto os meninos quanto as meninas o imitarão e, quando ocorre de ser a mulher a mais poderosa, tanto os meninos quanto as meninas a imitarão. Assim, a imitação sexual cruzada, pode ocorrer — e ocorre — como uma função da relação de poder entre os membros do grupo. Para Mischel, semelhante fato ocorre numa família e que, por exemplo, uma criança cuja mãe é mais poderosa que o pai tenderá imitar àquela. No entanto, além desta tendência básica de imitar alguém que tem poder, a criança tem que lutar com as conseqüências diretas da sua imitação. Por exemplo, se uma menina imita o pai, mais poderoso, ela pode ser repreendida por mostrar um comportamento "de menino", ao passo que as imitações da mãe podem ser recompensadas. Desta maneira, gradualmente, ela é moldada para adoção do papel feminino.

Um dos pontos fortes desta teoria é que ela explica, com certa facilidade, as correlações particularmen-

te baixas entre os comportamentos tipificados. Isto é, um menino pode ser particularmente agressivo em uma dada situação e não em outra, mesmo sabendo que a agressividade é considerada uma característica desejável em meninos. Uma menina pode mostrar docilidade e dependência em uma situação e em outra, agressividade e independência.

De acordo com que acabamos de observar, estivesse Freud certo, com relação a um processo de identificação único, poderosos e fechado, então deveríamos esperar ver uma grande consistência de traços de comportamento em todas as situações.

Segundo Mischel, sendo a aquisição do papel sexual e do comportamento sexualmente tipificado basicamente governada pela imitação e pelo reforçamento, então o que devemos esperar é precisamente a inconsistência, pois é provável que uma criança seja recompensada por determinado comportamento em uma situação e não seja em outra.

No entanto, acreditamos haver algumas dificuldades observáveis no que Mischel expõe. Em primeiro lugar, ele não levou em consideração o progresso desenvolvimental, propondo que a criança é reforçada diferencialmente pela modelação do comportamento sexualmente apropriado e que ela tentará repetir as ações que produziram sensações agradáveis. Daí, não ser necessário que ela se assuma como menina e que ela seja reforçada por desempenhar um papel feminino; trata-se de generalização cognitiva importante, todavia dispensável.

Maccoby (1974) fez uma revisão de um grande nú-

mero de pesquisas sobre diferenças sexuais no relacionamento pais-filhos, concluindo que nos anos pré-escolares há muito poucas diferenças. Os meninos são tratados um pouco mais bruscamente e são mais passíveis de serem punidos fisicamente, enquanto que as meninas são mais protegidas de perigos físicos do que os meninos, mas, por outro lado, há poucas das diferenças esperadas. Aparentemente, os meninos não são mais sistematicamente recompensados pela agressividade do que as meninas, nem são mais recompensados por demonstrarem independência, pelo menos até aproximadamente 5 ou 6 anos. Concluimos citando Bee (1978, p. 227):

*"Mas o que dizer da imitação diferencial? Os meninos são mais reforçados por imitarem seus pais e as meninas por imitarem suas mães? Não sei de qualquer estudo desta questão em crianças pequenas, mas tem havido diversos estudos de crianças pequenas nos quais a tendência para imitar adultos (mulheres e homens) foi estudada; numa destas pesquisas não houve resultados de que os meninos pequenos imitassem mais os homens e as meninas pequenas imitassem mais as mulheres.*

*Assim, embora a perspectiva da aprendizagem social tenha considerável sentido, em termos intuitivos, ela não é bem fundamentada, pelos fatos disponíveis atualmente; não há boas evidências de que as crianças abaixo de 5 ou 6 anos sejam diferencialmente recompensadas por comportamentos sexualmente apropriados e não há boas evidências de que elas mostrem qualquer preferência para imitar modelos do mesmo sexo — sendo que ambos os processos deveriam ocorrer, se Mischel estivesse certo a respeito das origens do desenvolvimento de papel sexual. Ainda assim, permanece o fato de que por volta dos 5 ou 6 anos a criança está identificada com o seu próprio sexo, começou a mostrar forte preferência por brinquedos e atividades associadas a seu próprio sexo e se modela pelo pai ou adulto de mesmo sexo. Certamente, pode ser que os primeiros reforçamentos diferenciais sejam mais sutis*



*do que qualquer uma das pesquisas atualmente disponíveis tenha sido capaz de detectar é que, com o progresso das pesquisas, venhamos a descobrir de que maneira ocorrem as primeiras aprendizagens de papel sexual."*

### Teoria cognitivo-desenvolvimental da identificação e tipificação sexual

Kohlberg (1963) introduz o conceito cognitivo-desenvolvimental do papel sexual e, para tanto, começou pela seqüência desenvolvimental, apontando a importância do substrato cognitivo da seqüência. Como qualquer conceito, o de identificação sexual tem um componente cognitivo. Primeiro, a criança aprende o rótulo "menino", da mesma forma que aprende os rótulos "cadeira", "gato", "brinquedo", etc. No entanto, como os outros rótulos, o rótulo sexual não é usado consistentemente. No início, a criança usa o rótulo apenas para uns poucos objetos; ela pode empregar o rótulo "cachorro" para o cachorro preto da família, mas ser incapaz de aplicar este mesmo rótulo para, por exemplo, o cachorro da vizinha. Do mesmo modo, ela pode dizer que é uma menina, sem no entanto ser capaz de aplicar o mesmo rótulo corretamente a outras meninas que ela vê.

Posteriormente, como é verdadeira para outros conceitos, ela aprende as dimensões do conceito de "menina" e "menino" e aprende algumas situações que lhe levarão a reconhecer se uma nova pessoa é uma menina ou um menino, embora, neste estágio, aparentemente, ela não usa as dife-

renças genitais como dados em sua discriminação. Então, por volta dos 5 ou 6 anos, ao mesmo tempo que estão sendo aprendidas outras constâncias, como, por exemplo, a conservação, ela também concebe que ser uma menina é permanente.

Segundo Kohlberg, o desenvolvimento do conceito de identidade sexual segue a mesma progressão cognitiva básica de qualquer outro conceito e somente quando a criança chega ao estágio operacional concreto e tem desenvolvida uma noção de constância sexual é que há oportunidade para o desenvolvimento de uma preferência sexual real. Até que ela reconheça que tem um dado sexo permanentemente, não pode ser colocado o problema de adoção de um papel consistente com o seu sexo.

Para Kohlberg, a criança, após ter concebido que ela é permanentemente uma menina, começa a valorizar coisas femininas e a imitar comportamento das mulheres e de outras meninas. O que se coloca aqui é a noção de que as pessoas sempre dão um valor positivo ao que é consistente com a sua própria auto-imagem, isto é, pensamos que o que somos é que é bom e, tendo concebido nosso próprio sexo, valorizamos todas as coisas associadas a este sexo e começamos a imitar outros que são assim. De acordo com esta perspectiva, a ligação afetiva com o genitor de nosso sexo é *posterior* à imitação, e não anterior.

Kohlberg sistematizou as três perspectivas teóricas alternativas de forma bastante clara (ver figura). De acordo com a figura, Kohlberg coloca na sua teoria cognitivo-desenvolvimental as coisas invertidas em relação às pers

pectivas; ele sugere que primeiro a criança adota uma identidade sexual e então se identifica com o genitor de mesmo sexo.

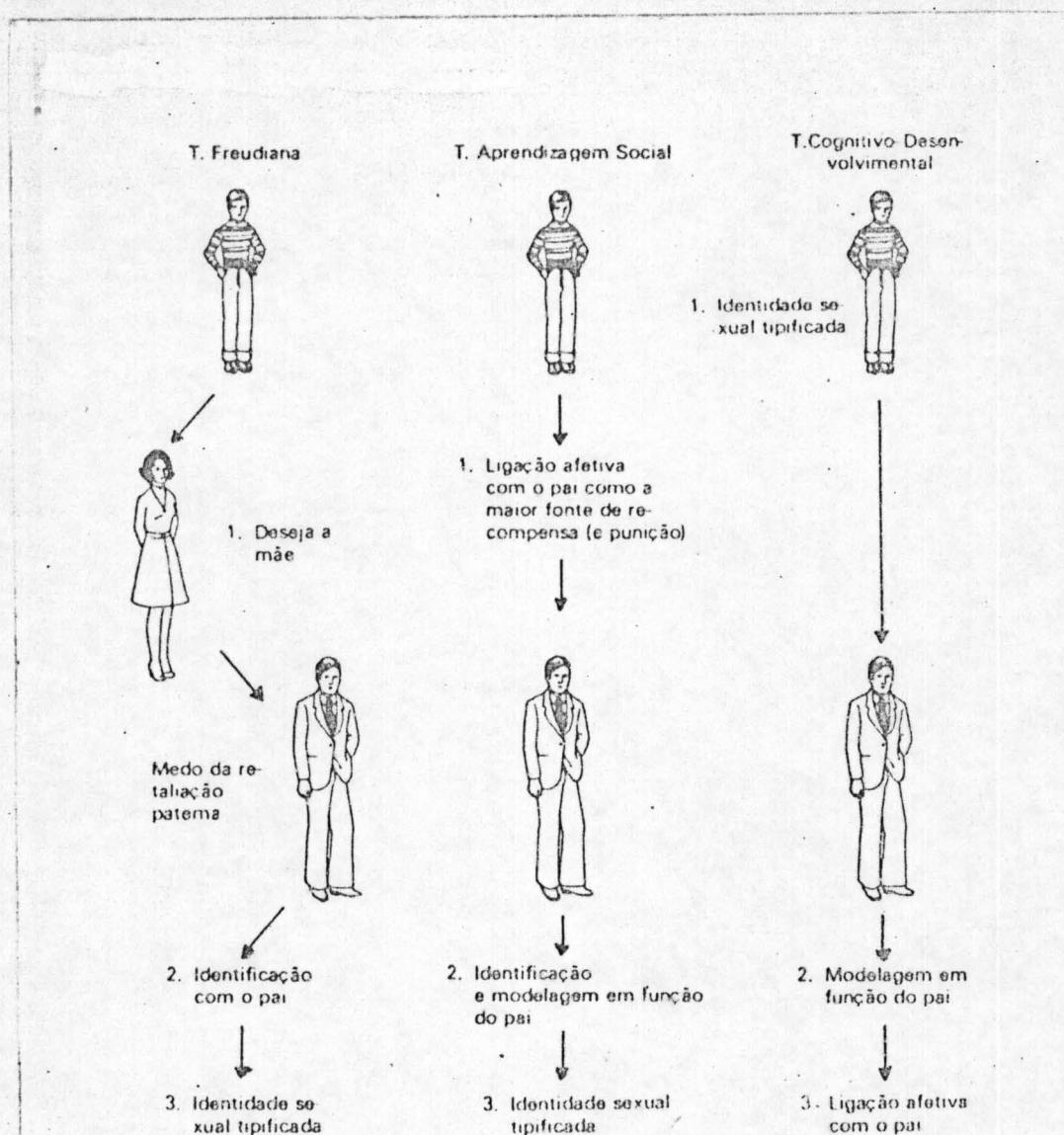


Diagrama esquemático das três teorias de identificação psicosssexual segundo Kohlberg. (FONTE: Adaptado de L. Kohlberg. A Cognitive-developmental analysis of children's sex-role concepts and attitudes. Em E. E. Maccoby (Ed), *The development of sex differences*. Stanford: Stanford University Press, 1966, figura 5)

Fonte: Bee (1978) p. 228.



A teoria de Kohlberg oferece um elo importante entre o desenvolvimento cognitivo e o desenvolvimento social. Kohlberg sugeriu que há uma ligação entre o desenvolvimento cognitivo e o de personalidade e que aquele vem a ser o elo fundamental. A formulação de Kohlberg se ajusta mais aos fatos desenvolvimentais do que às outras alternativas. Finalmente, sua teoria não requer um reforçamento diferencial sistemático para os comportamentos masculinos ou femininos antes de cerca de 5 ou 6 anos. É necessário que o sexo da criança lhe seja "rotulado" e, certamente, tal rotulação ocorre, mas não necessita outro tratamento diferencial sistemático.

Kohlberg não rejeita a noção de imitação ou o papel de reforçamento. Ele concorda que eles ocorrem e que são importantes no desenvolvimento do papel sexual, mas argumenta que não desempenham um papel importante, a não ser depois que a criança tenha desenvolvido um sentido de identidade sexual constante. Ele também não rejeita completamente o conceito de identificação. A criança pode se identificar com o genitor do mesmo sexo, incorporando atitudes e valores, bem como comportamentos, mas, novamente, só depois que ela tiver alcançado a realização cognitiva de uma identidade sexual constante.

Segundo Kohlberg, a identidade sexual da criança e o seu autoconceito mais amplo, despontam de seu crescimento cognitivo geral, de suas experiências únicas de sucesso e fracasso e de suas experiências com avaliação dos outros em relação a ela. O núcleo do auto-conceito e da

identidade sexual parece ser fixado bastante cedo; aos 5 ou 6 anos de idade a criança tem uma noção bastante clara de seu sexo e um conjunto bem desenvolvido de expectativas a respeito de suas próprias habilidades e inaptidões.

### CAPÍTULO 3 - 1a. PARTE

#### AS BASES CULTURAIS DAS DIFERENÇAS SEXUAIS: ABORDAGEM TRANSCULTURAL

A Psicologia tende a considerar as diferenças sexuais como diferenças pessoais. Já a Antropologia, por sua vez, as concebe geralmente como instituições sociais e culturais. De acordo com este ponto de vista, não são simplesmente características individuais; são também padrões de conduta culturalmente transmitidos, determinados em parte pelo funcionamento da sociedade.

D'Andrade (1972) apresenta as diferentes maneiras como as quais foram instituídas culturalmente as ditas diferenças sexuais. Resumiu de forma clara os tipos de argumentos que são propostos para explicar a ocorrência de determinadas práticas numa sociedade. As explicações históricas procuram explicar uma prática como resposta a forças que ocorrem num determinado período da história e que será perpetuada pela cultura, mesmo que as condições históricas tenham mudado. As explicações estruturalistas descrevem a forma como os aspectos de uma sociedade estão correlacionados com outras práticas e instituições. *O ponto de vista* funcionalista focaliza o modo como a vida cultural de uma comunidade é promovida pela ocorrência da prática. Finalmente, *D'Andrade apresenta a concepção* reducionista que procura explicar um modo de conduta numa cultura em função de seu significado psicológico para o indivíduo, não em termos da relação entre o indivíduo e a sua sociedade. Esta



posição é a que ele enfatiza no trabalho que passamos a analisar.

Segundo D'Andrade, em todos os povos conhecidos, homens e mulheres diferem quanto aos caracteres sexuais primários e também em muitos secundários. Sendo que estes últimos incluem uma maior estatura, uma correlação músculos/gordura mais alta, um esqueleto mais maciço, mais pelos pelo corpo, etc. Não obstante, a maioria destas diferenças nos caracteres secundários não são absolutas - são certas somente para um povo em particular. Além disto, as diferenças médias entre os sexos variam de um povo para o outro.

D'Andrade cita como exemplos as diferenças de estatura entre homens e mulheres em duas tribos da costa noroeste dos Estados Unidos, os Klamath (onde a diferença é de menos de 2 polegadas) e os Motka (cerca de 5 polegadas) sendo que entre os Shiwek (grupo africano do leste de Sudão) essa diferença atinge quase 8 polegadas. A causa destas discrepâncias, acrescenta D'Andrade, é impossível de se tipificar com precisão a partir de caracteres sexuais secundários - a menos que se conheça os parâmetros do povo em questão. É bem provável que isto seja certo não só para os caracteres físicos, mas também para os da conduta.

Os caracteres sexuais secundários, segundo D'Andrade, não se encontram totalmente sob controle genético - podem ser influenciados por fatores culturais e ambientais. Ocorre, por exemplo, uma ênfase dada pela cultura a estes caracteres no que se refere à força física. A maior altu-

ra e estrutura muscular do homem, geneticamente determinadas, desembocam em uma diferença bastante grande de força física entre os sexos. Esta diferença aumenta a níveis significativos, em muitos casos, pela tendência a determinar que o homem desempenhe funções que requeiram rapidez e esforço - tendência esta encontrada na maioria das sociedades. Margaret Mead (1949) constatou que em Bali os homens envolvem-se pouco com trabalhos pesados e preferem, em vez disto, tarefas leves, continuadas, de muitos participantes, daí tanto homens como mulheres apresentarem tipos somáticos delgados. No entanto, os balineses que trabalham como estivadores desenvolvem a musculatura típica de um homem.

Geralmente, considera-se que as diferenças biológicas em caracteres sexuais primários e secundários são fatores essenciais para explicar os padrões culturais universais de definição dos papéis sexuais. D'Andrade cita La Barre (1954) que sustenta o ponto de vista de que a relação humana mãe-filho se baseia nas mútuas gratificações que envolvem o amamentar e a relação marido-mulher, na sexualidade feminina permanente. Para La Barre a família é um fenômeno fundamentalmente biológico, no entanto a maioria das explicações antropológicas das regularidades nas diferenças sexuais não se baseiam nas diferenças biológicas mas sim nas complexas interações das mesmas com fatores ambientais e tecnológicos.

Vejamos, portanto, o que têm a nos mostrar os trabalhos antropológicos.

Margaret Mead (1950) declara que, para a criança em desenvolvimento, não basta decidir que pertence ao seu próprio sexo, ou apresentar características anátomo-morfológicas de um homem ou de uma mulher com papel reprodutor, pois ela deverá enfrentar um outro problema: o de quão macho ou de quão fêmea ela é. A criança se vê diante dos mais variados modelos e procura avaliar-se por eles de tal forma que ela julgará a si própria e se sentirá orgulhosa e segura, preocupada, inferior e insegura, ou desesperada e pronta para desistir completamente da tarefa.

Para Mead (1950) em qualquer grupo, é possível dispor-se homens e mulheres numa escala de tal forma que entre o grupo mais masculino e o mais feminino haverá outros que se situarão no meio por demonstrar melhor quantidade dos traços que são mais característicos de um sexo do que de outro - seja a nível de características sexuais primárias ou secundárias.

Mead declara ter constatado na maioria dos grupos, de diferentes tamanhos um pequeno número de indivíduos que insistem em desempenhar papel do sexo oposto, seja em ocupação, em vestimenta ou atividades interpessoais sexuais. A possibilidade de ocorrência do travestismo parece ser uma questão de reconhecimento cultural. O "berdache", homem que se vestia e vivia como mulher, era uma instituição social reconhecida por muitas tribos norte-americanas, em contraposição à excessiva ênfase na bravura e virilidade dos homens. Ruth Benedict (1935) ficou particularmente impressionada pelo fato de que os "berdaches" ti



nham uma posição definida na estrutura social e levavam uma vida útil. Eles frequentemente superavam as mulheres nas tarefas consideradas tipicamente femininas; para muitos homens, era preferível a companhia de um berdache (auto-suficiente economicamente) à de uma mulher economicamente dependente.

Os Chuckchee, aborígenes siberianos, tinham também uma classe de homens-mulheres que gozavam de grande prestígio. Denominavam-se "shamans" a quem se creditavam poderes sobrenaturais. Viviam como "esposas" assumindo o papel passivo na sodomia. Permitia-se a seus "maridos" ter amantes do sexo feminino e, às vezes os "shamans", por sua vez, tinham amantes femininas e eram pais. Na sociedade Chuckches, o alto preço das noivas e a existência de uma grande população flutuante de trabalhadores solteiros eram responsáveis pela popularidade do shamanismo travestido como alternativa. Os antropólogos destacam o fato de que numa sociedade onde se espera que o homem sobreviva um ideal difícil, geralmente se encontra algum método institucionalizado de escape para aqueles que não conseguem atingir a esse ideal proposto.

Retomando os estudos de Mead (1950), veremos que muitas das características de temperamento popularmente definidas como "masculina" ou "feminina" são o resultado de treinamento cultural e não são distinções sexuais biológicas. Há grandes e consideráveis diferenças nas tradições da masculinidade e feminilidade. Como exemplo vejamos os Tchambuli (estudados por Mead), entre eles há acentuada di

ferença entre os papéis masculinos e femininos, mas, em marcante contraste com as sociedades complexas ocidentais, são as mulheres que fazem o trabalho produtivo, dominam a organização social, e tomam a iniciativa nas relações se xuais. Os homens têm uma função mais decorativa. Sustentados pelo trabalho feminino, eles passam o tempo com a arte e na produção de danças cerimoniais. A mulher Tchambuli ideal é eficiente, diligente, leal e companheira; mas para os homens Tchambuli é normal apresentar modos afetados, participar na captação e divulgação de boatos e serem acometidos de crises de ciúmes.

Entre os Mungudumores (também estudados por Mead) tanto homens como mulheres eram muito mais agressivos do que normal para o mais masculino em nossa cultura. Em sua sociedade não há lugar para tolerância e relação afetiva, e seus homens estavam em perpétuo estado de hostilidade por crimes, brigando e insultando-se uns aos outros numa batalha incessante para possuir a melhor mulher. O ideal de cada homem era uma vida em esplêndido isolamento numa casa confortável muitas mulheres para cuidar dele e apenas umas poucas e frágeis relações com homens que não desafiariam a sua supremacia. As mulheres eram apenas um grau menos hostis, discutiam entre elas e recusavam-se a ajudar umas às outras nos cuidados com seus filhos. Tanto homens como mulheres gostavam de contactos sexuais curtos porém calorosos nos quais as atividades de prelúdio consistiam em morder, arranhar, rasgar roupas e ornamentos.

A partir destas observações, Mead defende o pon

to de vista de que a dominação ou subserviência no comportamento social não são características ligadas a sexo e portanto, qualquer sociedade que tenha definido masculinidade e feminilidade em tais termos inevitavelmente terá um grande número de indivíduos com desajustes de temperamento. Alguns teóricos rotulam tais desajustados como "homossexuais latentes" o que é errado. A não conformidade de temperamento não implica necessariamente em impulsos que esses desajustados encontram em suas tentativas de estabelecer relações normais, o que faz com que alguns deles refugiem-se na homossexualidade.

Barnett (1960), estudou os Palauenses das ilhas Palaus no Pacífico (região conhecida dos antropólogos como Micronésia) e constatou que esta população vive num mundo de homens, onde a mulher desempenha destacado papel. Segundo os Palauanos, "As mulheres são fortes e os homens são fracos". Com esta expressão, que é repetida frequentemente pelos homens e entusiasticamente aprovada pelas suas mulheres eles têm em mente não tanto a força física - embora isto seja igualmente importante - mas o papel central que a mulher desempenha na consolidação do poder masculino. Elas são os canais através dos quais riqueza e influência fluem. Elas são a passagem por onde todo o dinheiro é encaminhado para o orçamento familiar e através do qual a liderança hereditária é transmitida. Além disto elas não são passivas na corrente política e social; elas aumentam as fortunas familiares pela sua competência e intriga feminina. A sua importância prende-se ao fato de que seus irmãos, pais e



tios são os que operam os controles do sistema e planejam as táticas para a sua manipulação. Os homens tendem a ser bastante generosos no seu reconhecimento do valor da mulher, contanto que este não altere a realidade fundamental da dinâmica masculina. Eles são capazes de reivindicar para as suas mulheres e permitem que suas mulheres também reivindiquem importantes direitos contanto que eles sejam nos seus próprios planos.

Segundo Barnett, um estrangeiro não terá dúvidas em cometer, o engano de classificá-los como uma sociedade matriarcal, engano este reforçado pelo fato de que a riqueza e a autoridade são canalizadas através da mulher. A existência de um sistema matrilinear que, segundo suas regras, uma criança nasce no clã de sua mãe e não no do seu pai. Isto é para fins de reconhecimento das responsabilidades e privilégios sociais nas bases de nascimento, uma pessoa em Palau está afiliada a sua mãe e irmãos desta e a sua mãe e seus irmãos, ao invés de seu pai e parentes correspondentes do lado materno. Esta forma de determinar parentesco existe em outras sociedades e nem sempre está relacionada ao exercício de autoridade.

Em Palau os homens detêm e desembolsam a riqueza familiar, são investidos de títulos familiares e das prerrogativas de governo e tem precedência sobre suas irmãs, mães e mulheres. Lá é evidente que o homem tem a última palavra, mesmo que tenha que recorrer à força física para fazê-la valer junto a sua mulher.

Lewis (1959) fez importante estudo antropológico

de antigo vilarejo mexicano: Tepoztlán. Ele pôde constatar que a divisão de trabalho de acordo com o sexo é claramente delineada, fazendo em muito lembrar as populações rurais latino-americanas em geral e brasileiras em particular.

Lá espera-se que o homem sustente a família fazendo a maioria dos trabalhos no campo; cuidados com o gado, preparo de carvão e da lenha e desempenhar todas as funções especializadas tais como: carpintaria, sapataria e construção são desempenhadas por homens. As mulheres cabem as funções domésticas, tais como: cozinhar, lavar, passar, cuidar das crianças, etc. Elas compram e vendem em pequena escala e controlam o orçamento da casa.

Não se espera que uma mulher tepozteca trabalhe no campo, as mulheres de vilarejos vizinhos que assim fazem são olhadas com desprezo pelas outras. Em geral, o trabalho feminino é menos definido que o masculino. Muitas mulheres especialmente as viúvas engajam-se a atividades masculinas sem qualquer censura. Em compensação, os homens quase nunca fazem trabalhos femininos - os poucos que fazem são ridicularizados. Somente no campo, onde não há mulheres, é que os homens farão o fogo para aquecer a sua comida, sem qualquer constrangimento. Quando uma mulher se encontra doente, o homem solicitará auxílio a uma parenta ou ainda, apesar de pobre, ele contratará os serviços de uma empregada. As mulheres que não têm ninguém para sustentá-las empregam-se como domésticas, lavadeiras, costureiras ou vendedoras ambulantes. A única profissão que po

de ser praticada por uma mulher educada do vilarejo é a de professora primária. As mulheres desempenham papéis pouco importantes da vida pública.

As relações marido-mulher se caracterizam pelo autoritarismo de mando, trata-se de família patriarcal onde o marido é como senhor e assim desfruta de alto status no seio da família e pelo comportamento dos seus membros e toma todas as decisões importantes. É sua prerrogativa receber obediência, respeito e serviço da mulher e dos filhos. A mulher deve ser submissa, fiel e devotada ao seu marido e deve pedir permissão a ele antes de participar de qualquer empreendimento (sempre pouco importante). Ela deve ser habilidosa e conseguir economizar o dinheiro do marido, não importa quão pequena seja a sua renda. Ela não deve ser crítica ou ciumenta das atividades do marido fora de casa e muito menos deve demonstrar curiosidade sobre elas.

Thompson e Joseph (1947) estudaram crianças Hopi. Durante a infância e adolescência para meninas e até cerca de seis anos para meninos o processo de aprendizagem está principalmente nas mãos da mãe e outras mulheres da casa auxiliadas pelo irmão da mãe quando maior disciplina se faz necessária e também pelo pai e avô materno. Todos estes parentes podem debochar e ridicularizar a criança toda vez que esta comete um erro - bater cabe somente à mãe e ao tio materno. Eles são auxiliados pelos "Kachinas" que presenteiam as crianças bem comportadas, reforçando assim padrões comportamentais, e, em raras ocasiões,



pelo "Kachinas" canibais, que aparecem à porta da casa e ameaçam comer ou levar as crianças más. Os Kachinas tem correspondentes em nossa cultura: fada (madrinha) boa e bi-cho-papão.

Foi constatado que a menininha nasce num grupo familiar no qual se espera que ela cresça, case e até, em muitos casos, continue a viver até a morte como membro de um grupo de mulheres, fechado e poderoso. Já o menino espera-se que ele rompa com o grupo no qual nasceu, começando aos quatro ou cinco anos, e ingresse num mundo instável e cheio de perigos, o mundo de "Kiva" (campo e pastagem) e permanecer pelo resto da vida numa posição marginal à sua família.

Enquanto os papéis para ambos os sexos exijam tenacidade, industriiosidade e paciência, o do homem Hopi, em contraste com as mulheres, requer constante vigilância e alto grau de adaptabilidade a fim de enfrentar as forças naturais, sobrenaturais e sociais do mundo masculino, menos restrito, menos seguro.

Aparentemente quase que a partir do nascimento a criança começa a se aperceber dessas expectativas sexualmente diferenciadas, que são constantemente impressas nela nas suas relações interpessoais. Os esforços da menininha são encorajados dizendo-lhe que ela crescerá para ser uma boa cozinheira, enquanto aos meninos, dizem-lhe que será um veloz corredor. Os Kachinas presenteadores, auxiliam na definição de papéis sexuais. Presenteando-se as meni-nas com imagens de Kachinas, que são símbolos de felicidade.

de, estas devem ser penduradas na casa e não usadas nas brincadeiras, são simbolicamente importantes e têm alto valor. De fato, todo o processo de treinamento é orientado para esses fins.

A menininha começa a sentir as restrições do papel feminino no seu quinto ano, idade em que o menino de mesma idade começa a romper com o grupo feminino da casa, a passo que a menina deve permanecer em casa auxiliando a mãe nos afazeres rotineiros domésticos ou cuidando de crianças menores.

Malinowski (1929) encontrou entre os Trobriandenses um sistema matrilinear, no qual a descendência e o parentesco são legalmente reconhecidos somente através da mulher e no qual a mulher tem participação considerável na vida tribal, até o ponto de assumir papel de liderança nas atividades econômicas, nas cerimônias e atividades mágicas - fato este que influencia profundamente todos os costumes da vida erótica assim como a instituição do casamento.

Malinowski considera primeiramente a relação sexual no seu aspecto mais amplo, começando por considerar alguns pontos importantes do costume e lei tribal que sustentam a instituição do direito da mãe, e os vários pontos de vista e conceitos que lhe servem de orientação. Ele também, de forma sucinta, examina cada um dos principais setores da vida tribal: doméstico, econômico, legal, cerimonial e mágico. Estes se combinarão para demonstrar as respectivas áreas da atividade do homem e da mulher entre esses nativos.

O fator mais importante do sistema legal dos Trobriandenses é a idéia de que a mãe, exclusivamente ela, é responsável pela formação do corpo da criança - o homem em nada contribui para isto. Eles vêem o processo de procriação, associado a certas crenças mitológicas e animísticas, sem qualquer dúvida ou reserva, como sendo a criança portadora da mesma substância da sua mãe - entre a criança e o pai não há ligação de natureza física.

Para os nativos, o fato de ser a mãe a única participante no processo procriativo é tacitamente aceito e pode ser observado através da forma como se expressam. Segundo eles, "A criança é feita a partir do sangue da mãe"; "A mãe alimenta a criança em seu corpo e então, quando ela vem à luz, a mãe a alimenta com o seu leite".

Esta atitude é também materializada, de maneira ainda mais convincente, nas regras que controlam descendência, herança, sucessão hierárquica; chefia, cargos hereditários e magia - em toda regulamentação que esteja relacionada a transmissão por parentesco. A posição social é passada matrilinearmente de um homem para a sua filha e esta concepção é de suma importância nas restrições e regulações do casamento e nos tabús do relacionamento sexual.

Esses nativos têm uma instituição matrimonial bem estabelecida, e, no entanto são absolutamente ignorantes no que concerne à paternidade de crianças. A palavra "pai" tem para os Trobriandenses definição clara, apesar de exclusivamente social: significa o homem casado com a mãe, que mora na mesma casa que ela e forma parte da família. A expres -



são "tomakava", que significa estranho, ou melhor forasteiro, é empregada sempre que se faz referência ao pai, seja em conversas informais ou discussões que envolvam herança, linha de conduta ou sempre que a posição do pai tivesse que ser minimizada.

O casamento é patrilocal nas Ilhas Trobriands, ou seja, a mulher muda-se para a comunidade do marido e mora na casa deste, o pai é um companheiro dos seus filhos; ele tem parte atuante nas atribuições que lhe são conferidas no que toca o cuidado pelas crianças, manifesta profunda afeição por elas e participa na sua educação quando estas estão mais velhas. A palavra "tama", usada pelos nativos para designar pai condensa, no seu significado emocional, um conjunto de experiências de pequena infância e expressa o sentimento típico existente entre um menino ou uma menina e um homem maduro e afetuoso que partilhe da mesma casa; ao passo que socialmente denota a pessoa de sexo masculino que se relaciona intimamente com a mãe e que é o senhor da casa. Todavia, quando a criança cresce a palavra "tama" assume para ela um outro significado. Ela aprende que não é do mesmo clã do seu "tama", que a sua designação totêmica é diferente e que esta é idêntica à da sua mãe. Ao mesmo tempo ela aprende que todos os tipos de deveres, restrições e preocupação com orgulho pessoal a une à mãe e a afasta do pai. Surge então o "Kadagu" (o irmão da minha mãe) que pode ou não morar no mesmo vilarejo, mas as crianças sabem que o local onde mora o "Kada" (irmão da mãe) é também seu. A medida em que elas crescem o "Kada" exerce uma

crescente autoridade sobre elas, enquanto a autoridade do "tama" (pai) torna-se cada vez menos importante.

A divisão de tarefas em casa é, de certa forma, bastante definida. A mulher cozinha uma comida simples que não requer muito preparo. Em algumas circunstâncias, o homem prepara e cozinha a comida: em viagens, expedições de caça e pesca e em outras circunstâncias; mas no dia a dia do vilarejo o homem nunca cozinha - lhe seria vergonhoso se isto ocorresse.

Há um número de atividades atribuídas pelos costumes tribais a um só sexo. A maneira de levar carga é interessante exemplo. As mulheres têm que carregar recipientes femininos, cestas em forma de sino, ou qualquer outro tipo de carga, na cabeça; os homens devem levá-las no ombro. O suprimento de água da casa é tarefa exclusivamente feminina, a mulher faz longas caminhadas até o poço, local onde as mulheres juntam-se para descansar e conversar, como se estivessem num clube feminino trocando idéias e segredos, que não podem ser do conhecimento dos homens, estes, por sua vez, têm os seus.

O marido trobiandense tem total participação no cuidado das crianças: ele as veste, prepara-lhe comida e cuida de sua higiene. De fato embalar a criança em seus braços ou prendê-la com os joelhos ("Köp'i") é um papel especial e dever do "tama". Os filhos de mães solteiras, isto é sem "tama", são considerados infelizes ou maus por não terem quem lhes acaricie e cuide deles.

O clima nas famílias Trobiandenses é de muita a-

fetividade e liberalidade. A mulher participa livremente das conversas, ela trabalha independentemente, sem encarar suas tarefas como pesadas e enfadonhos fardos - ela as desempenha como alguém que entende do que faz, não como uma serviçal ou escrava. Sempre que necessita, solicita ajuda do marido. O típico lar Trobiandense se fundamenta nos princípios da igualdade e independência de função: o homem é considerado o senhor, porque está na sua própria comunidade, na sua terra de origem, a casa lhe pertence, mas a mulher tem em outros aspectos, uma considerável influência; ela e sua família tem muito a fazer no que toca o suprimento de alimentos para a casa e ela, junto com o seu irmão, é o chefe legal da família.

Martin Yang (1945) fez um estudo sobre Taitou, um povoado de 720 habitantes ao norte da China, considerado, por muitos antropólogos norte-americanos das melhores descrições da comunidade chinesa que se tem.

Nesta comunidade o casal quando se casa vai morar com a família do marido e este, para provar ser um bom filho e bom irmão, deverá dispensar mais atenção à sua família do que à mulher.

Uma jovem mulher não deve demonstrar o amor que tem pelo seu marido. A atitude comum é que uma mulher decente deve amar o seu marido, mas não deve todavia permitir que o seu amor prejudique sua carreira ou seus compromissos com a sua família de origem.

Uma boa mulher deve fazer os seus trabalhos com a sogra e cunhadas durante o dia e a noite deve aguardar até



que todos os membros da família tenham se recolhido antes que vá para o seu quarto com o marido. Ela deve evitar sentar com o marido em reuniões sociais e deve agir como se não o conhecesse. Ela também não deve fazer com frequência referência ao marido; quando necessário for, ela não deverá citar o seu nome ou empregar a expressão "meu marido", mas sim tratá-lo pelo pronome "ele".

Na intimidade, o amor romântico perde em intensidade, a medida em que o senso de companheirismo aumenta. O tema da "conversa de alcova" é sempre a narração de um para o outro, do dia em que tiveram: ele fala do dia que teve no campo e ela do que se passou com os filhos, enfim ocupações e preocupações do dia. Mas fica vetado à mulher queixar-se sobre os demais membros da família. O marido, como bom filho, bom irmão e digno marido, não deve ouvir ou, pelo menos, não deve acreditar nessas queixas.

À medida que o casal se maturiza eles passam a morar na sua própria casa e a exercer autoridade, não partilhada com outros, sobre seus filhos. O companheirismo amadurece e agora a mulher assume a chefia (exclusiva) da família. Até mesmo faz arranjos de casamento dos seus filhos.

O marido supervisiona a fazenda e lida com todos os assuntos relacionados a ela, mas uma vez não havendo clara delimitação entre assuntos do lar e da família, e por outro lado, a cooperação e mútuo aconselhamento estando já bem estabelecidos na prática, esta divisão não enseja a separação. De acordo com a idéia de Confúcio: "O ma

rido manda e a mulher segue", mas na prática a mulher pode desempenhar a parte de condutora enquanto o marido segue, dependendo de quem seja mais capaz neste ou naquele assunto. A mulher pode ansiar por tomar para si crescentes responsabilidades, mas isto não significa que ela não mais lhe deva obediência e respeito ou que não mais o reconheça como o chefe da família.

Quando o casal atinge os 50 ou 60 anos, a mulher geralmente se torna a figura dominante na família. Ela é agora a sogra, a avó e supervisora da família. Os filhos de meia-idade, quase que invariavelmente, desenvolveram fortes ligações afetivas à mãe e não ao pai. O pai perde também a liderança no campo e, devido à velhice, o direito de conduzir os negócios, enfim a sua condição de chefe passa a ser tão-somente nominal.

Após a morte do pai, quem assume a chefia da família é o filho - a mãe passa a subordinar-se à sua autoridade. A posição de mulher fica bem definida por um provérbio local: "Na casa dos pais ela obedece ao seu pai; após o casamento, ao marido e após a morte deste ao filho. Em caso de venda de terra ou da casa, o favorecido é o filho mais velho, cabe à mãe tão-somente endossar o ato.

Vimos aqui as implicações da família de base linear: suas forças e fraquezas. Vimos também o casamento não realizado para satisfazer apenas ao casal, mas aos pais - ajudá-los no trabalho, servi-los, satisfazer os seus desejos de ter netos enquanto vivos, e continuar seu "incenso e fogo" quando mortos.

Um grupo de funcionários do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos compartilhou da vida diária da comunidade hispano-americana do Novo México, estado norte-americano. Suas anotações e narrações foram organizadas em interessante estudo, publicadas pela UNESCO (1955). Aqui, apenas apresentamos a parte que vai ao encontro da nossa proposta de estudo.

A disciplina das crianças hispano-americanas é centrada na figura do pai. As crianças não são chamadas à atenção para o que é bom ou mau com constância. Elas são repreendidas todas as vezes que se tornam incomodativas; e a mãe sempre as adverte para que ajam de maneira e não aborrecer o pai - é melhor que elas obedeçam em lugar de se oporem.

A mãe dita a disciplina de forma a ficar sempre ao lado da criança. Não é que ela esteja contra o que a criança esteja fazendo, mas o que aconteceria se o pai as pegasse? Ela sempre usa figuras ameaçadoras ("bichos-papões"). Esta identificação de interesses entre mãe e filhos tem réplica na maneira como os hispano-americanos pensam e invocam a Virgem Maria - sempre numa posição ao seu lado e pronta para interceder por eles. Não há "mundo infantil" na vida dos hispano-americanos. Brincadeira não é uma atividade à parte. As crianças não são vetadas as atividades de trabalho, mas não são forçadas a fazê-la. Estas crianças, desde muito cedo, tomam parte nos trabalhos domésticos sem a permissão da mãe; mas com uma real contribuição. Não há antecipação nem retardo de ingresso na vi-



da adulta.

Os relacionamentos menino-menina são estritamente controlados e altamente formais. Não há namoro, tal como conhecemos. Os adultos não fornecem modelos de relacionamento entre sexos opostos, enfatizando que o seu papel é de pai e mãe, não de marido e mulher. Não há educação sexual. Meninas e mulheres adultas vão juntas aos bailes e se sentam nas laterais do salão. Os rapazes e homens ficam em pé próximos à porta. O rapaz aproxima-se da moça, sem olhá-la diretamente e a conduz pela mão. Da mesma maneira, a moça, sem olhar o seu par diretamente lhe dá a mão. Quando a dança termina, o par se separa. Assim rapazes e moças resolvem o problema de estarem juntos ignorando-se uns aos outros.

Este padrão de segregação de sexos é característico de muitos aspectos da vida hispano-americana. O sexo pré-marital é proibido por estes padrões, a proibição é mantida não por sanções morais, mas por retaliação. Não há problema para quem quiser praticá-lo, mas que não seja pego!

## 2a. PARTE

### A CULTURA SEXISTA NO BRASIL: UMA VISÃO HISTÓRICO-CULTURAL

#### O discurso sexista na Europa: séculos XVIII e XIX

A tese da existência de diferenças inatas entre os dois sexos é muito antiga, remonta ao Velho Testamento, todavia o problema assumiu maior significado nas discussões filosóficas e políticas dos séculos XVIII e XIX. De um lado a idéia central do Romantismo que consiste na distinção entre masculino e feminino, consideradas duas qualidades radicalmente diferentes tanto no domínio orgânico quanto no psíquico, espiritual e intelectual e do outro o Iluminismo que afirmava não haver distinção entre os sexos (L'âme n'a pas de sexe) - as diferenças porventura existentes eram condicionadas pela educação (o que modernamente poderia denominar-se diferenças centrais).

Segundo Fromm (1967) ambas essas posições tinham uma implicação política: os filósofos do Iluminismo - em especial os franceses - queriam ressaltar a igualdade social e, até certo ponto, também política, entre homem e mulher. Acentuaram a falta de diferenças inatas como argumento a seu favor. A exigência era a emancipação da mulher, a sua igualdade intelectual, social e política. Em contrapartida, os românticos eram reacionários políticos, é Fromm (1967, p. 88) quem afirma:

*"... usaram a análise da essência (Wessen) da natureza do homem como prova da desigualdade política e social. Embora atribuíssem qualidades admiráveis à mulher, insistiam em*

*que suas características a tornavam incapaz de participar na vida social e política em pé de igualdade com os homens."*

A posição do Iluminismo desempenhou importante papel na era da revolução burguesa - a igualdade política da mulher (questão central para o Iluminismo) significava que ela era o mesmo que o homem na sociedade burguesa, o que nas palavras de Fromm (1970, p. 112):

*"A emancipação "humana" da mulher significou, realmente, a emancipação dela para tornar-se um varão burguês."*

O Romantismo (2º período) surgiu com mais força no momento em que a sociedade burguesa, tendo consolidado as suas conquistas, abriu mão das suas posições políticas progressistas, deixando, portanto, de precisar da noção de igualdade entre os sexos. Necessitava agora de uma teoria que propusesse as diferenças naturais entre os sexos, a fim de possuir uma base teórica para a imposição de desigualdade social entre homens e mulheres.

A concepção romântica admitia que a diferença entre os sexos não é visto como algo socialmente condicionado ou que se tenha desenvolvido gradualmente na História - era considerado um fato biológico imutável.

No primeiro período do Romantismo, o significado da palavra "mulher" significava sua qualidade como amante e a união com ela a experiência de "humanidade" autêntica; já entre os últimos românticos, passou cada vez mais a significação "mãe" e o vínculo com ela um retorno à "natureza" e à vida harmoniosa em seu ventre. Isto trouxe um aprofundamento ao conceito de mãe, que lançou luz aos estudos



sobre a sociedade matriarcal empreendidos por Bachafen (Fromm, 1970).

E é Fromm (1970, p. 114) quem diz:

"... a "bem-aventurada" sociedade matriarcal de Bachofen contém muitas características que revelam um estreito parentesco com o socialismo. Por exemplo a preocupação com o bem-estar material e a felicidade terrena do homem é apresentada como uma das idéias centrais das sociedades matriarcais."

E concluimos ainda com Fromm (1970, p. 127):

"Essa mudança na imagem da mãe representa uma distorção socialmente condicionada das relações mãe-filho. Uma consequência adicional dessa distorção - e também uma expressão do Complexo de Édipo - é a atitude em que o desejo de ser amado pela mãe é substituído pelo desejo de protegê-la e colocá-la num pedestal. A mãe deixa de ter a função de proteger; agora ela é protegida e mantida "pura". Essa formação de reação (desvirtuando as relações originais do filho com sua mãe) estende-se também a outros símbolos maternos como a pátria, a nação e o solo; e desempenha um papel importante nas ideologias patriarcalistas dos dias atuais. A mãe e seus equivalentes psicológicos não desaparecem nessas ideologias, mas mudaram de função, passando de figuras protetoras a figuras em necessidade de proteção."

Acreditamos que tanto o discurso Iluminista quanto o Romântico tiveram importante papel na estrutura cultural sexista do Brasil. São os efeitos desta realidade que passaremos a avaliar, num enfoque histórico-cultural.

## CULTURA BRASILEIRA: A ESTRUTURA FAMILIAR NO BRASIL

Brasil Colonial

Nos domínios rurais a família era organizada segundo as normas clássicas do velho direito romano-canônico, mantidas na Península Ibérica através de inúmeras gerações que prevelecia como base e centro de toda organização. Os escravos das plantações e das casas, e não somente escravos com os agregados ampliam o contexto familiar e, com ele a atividade imensa de pater-famílias. Este núcleo bem característico, em tudo se comporta como seu modelo da antiguidade, em que a própria palavra "família", derivada de *familus*, se acha estreitamente vinculada à idéia de escravidão, em que mesmo os filhos são apenas os membros livres do vasto corpo, inteiramente subordinado ao patriarca, os "liberi".

Dos vários setores de nossa sociedade colonial, foi sem dúvida a esfera de vida doméstica aquela onde o princípio de autoridade menos acessível se mostrou às forças corrosivas que de todos os lados o atacavam. Sempre imerso em si mesmo, não tolerando nenhuma pressão de fora, o grupo familiar mantém-se imune de qualquer restrição ou abalo. Em seu recatado isolamento pode desprezar qualquer princípio superior que procure perturbá-lo ou oprimi-lo.

Nesse ambiente, o pátrio poder é ritualmente limitado e poucos freios existem para a sua tirania. Sérgio Buarque de Hollanda (1981, p. 49) cita o caso de Bernardo Vieira de Mello, que suspeitando da nora de adultério, con

denou-a à morte em conselho de família e mandou executar a sentença, sem que a justiça desse um único passo no sentido de impedir o homicídio ou de castigar o culpado, a despeito de toda a publicidade que deu o fato o próprio criminoso.

Nizza da Silva (1981, p. 57) cita, para ilustrar a situação da mulher na organização familiar nos fins do século XVIII, o caso de D. Bárbara, mulher de um próspero negociante de nome Costa Aguiar. Esta senhora recebia muitos presentes de seu marido, tais como jóias compradas no Rio de Janeiro ou em Lisboa (claro está que isto é muito mais uma forma de entesouramento, tão típico nas famílias ricas da época do que um agrado do marido), no entanto jamais acompanhou o marido nas viagens que este fazia. O seu lugar era no lar e durante ausência prolongada do marido este encarregava uma pessoa, que no caso de D. Bárbara foi o seu próprio irmão, um padre, para zelar pelo bom nome e reputação da mulher que ficara só com filhos menores numa casa anexa a uma loja e na qual habitavam dois empregados.

No início do século XIX o filho primogênito de um negociante sucedia naturalmente o pai. O aprendizado de um futuro negociante fazia-se na loja paterna, o pai não destinava verba especial à instrução do primogênito, isto era feito com os filhos (homens). O filho, residindo em propriedade de família, pagava o aluguel do imóvel ao pai, a preço de mercado.

O quadro familiar era assim tão poderoso e exigente que sua sombra persegue os indivíduos mesmo fora do



recinto doméstico, A entidade privada precede sempre, nelas a entidade pública. A nostalgia dessa organização compacta, única e intransferível, onde prevalecem necessariamente as preferências baseadas em laços afetivos, não podia deixar de marcar nossa sociedade, nossa vida pública, enfim toda nossa vida pública. Segundo Sérgio Buarque de Holanda (1981, p. 50)

"... a família colonial fornecia a idéia mais normal do poder, da responsabilidade, da obediência e da coesão entre os homens. O resultado era predominarem, em toda vida social, sentimentos próprios à comunidade doméstica, naturalmente particularista e antipolítica..."

### Brasil de hoje

Parece-nos fundamental que aqui incluamos Marilena Chauí (1984, p. 227).

"No caso do Brasil arriscaríamos as seguintes hipóteses para compreendê-lo e ao seu avesso complementar; em primeiro lugar, a repetição, no interior da casa, do que se passa na sociedade e na política como um todo, isto é, a privatização e pessoalização das formas de autoridade; em segundo lugar, também a reiteração do mecanismo sócio-político de transformação da assimetria (no caso homem-mulher, pais-filho) em hierarquia, a diferença sendo simbolizada pelo mando e pela obediência; em terceiro lugar, a compensação pela falta de poder real no plano sócio-político, o machismo funcionando como racionalização assim como a feminilidade ("atrás de todo grande homem, há sempre uma mulher"), indicando que há um poder ou autoridade femininos que se exercem sob a condição de serem dissimulados e ocultados pela obediência e pelo recato. Afinal, se a vontade do rei tem força "rainha do lar" - filhas, noras e empregadas que o digam, não é mesmo?; em quarto lugar, porque, uma vez in

teriorizado, surge na forma de expectativa e da atitude desejada por homens e mulheres. Um pequeno exemplo dessa interiorização: a condenação e ridicularização de mulheres cujos parceiros sejam mais novos... e o elogio dos homens cujas parceiras sejam mais novas. Também é exemplo da manutenção da expectativa a divisão dos homossexuais em ativos e passivos, reproduzindo não só a divisão heterossexual, mas, se nos lembrarmos dos ideais guerreiros ou agonísticos de velha Roma, também estigmatizando os "passivos". A rua virginal e falocrática de que falava Herbert Daniel".

### O papel da educação formal nos papéis sexuais: uma visão histórico-cultural

Nizza da Silva (1981) faz interessante estudo comparativo da educação masculina e feminina baseado em livros de matrícula dos estudantes. A autora encontra referências a eles nos "Estatutos do Recolhimento de Nossa Senhora da Glória do lugar, da Boavista de Pernambucanos", "Estatutos do Seminário Episcopal de Nossa Senhora das Graças da Cidade de Olinda de Pernambuco, documentos redigidos por José Joaquim da Cunha de Azevedo Coutinho, em 1789. Através de análise destes estatutos a autora opõe-se em contato com as normas de aceitação dos educandos. O "Recolhimento de Nossa Senhora da Glória" recebia educandas pobres e exigia que apresentassem os seguintes requisitos:

- "1º) Que são filhas de pais brancos e havidas de legítimo matrimônio
- 2º) Que têm sete anos de idade, e não padecem enfermidade grave, ou mal contagioso
- 3º) Que são naturais do mesmo bispado, órfãos

ao menos de pais, e verdadeiramente pobres

4º) Que apresentem licença Ordinário para lugares que pretendem".

Eram feitas as mesmas exigências (com exceção do 3º item) em relação às educandas oriundas de famílias que tivessem meios de sustentá-las. Concluímos daí que a sociedade colonial criava obstáculos às crianças negras e às filhas de concubinato.

A educação das meninas pobres era feita entre os sete e os dezesseis anos: "serão sustentadas e vestidas à custa do Recolhimento, até os dezesseis anos, se antes disso não tomarem estado, ou outro honesto modo de vida, em que possa estar seguras de sua honra e estado".

No Seminário Episcopal de Olinda observa-se idêntica divisão entre os seminaristas pobres e os que pagavam o suficiente para a sua sustentação. Nestes Estatutos nada é dito quanto à idade que deveriam ter os colegiais para ser admitidos, nem há qualquer referência ao número de anos que frequentariam a instituição. Exigia-se dos seminaristas pobres que soubessem ler e escrever bem, isto nos leva a crer que a idade exigida para o seu ingresso fosse superior a 7 anos exigidos das meninas do Recolhimento. Quanto às crianças de posses, a alfabetização era feita no próprio seminário.

Comparando-se os dois estatutos, elaborados pela mesma pessoa, no mesmo ano, para a mesma capitania, leva-nos a observar as diferenças básicas entre a educação masculina e feminina no Brasil colônia.



Segundo Nizza da Silva (1981), as idéias do bispo de Pernambuco sobre a educação das moças não difere daquelas expressadas por Molière ("Les femmes Savantes") ou Fénelon ("Traité sur Education des Filles") e têm apenas como objetivo principal o aprimoramento e a maior rentabilidade das funções básicas de mulher: guardiã da economia doméstica, mentora dos filhos.

Esta mesma autora relata ser Azevedo Coutinho, tal como Fénelon, um opositor daqueles que não visam a necessidade de uma educação feminina. A autora então cita a página dois dos Estatutos por eles escritos.

*"Aqueles que não conhecem o grande influxo, que as mulheres têm no bem, ou no mal das sociedades, parece que até nem querem que elas tenham educação; mas isto é um engano, um erro, que traz o seu princípio de ignorância. As mulheres ainda que se não destinem para fazer a guerra, nem para ocupar o ministério das coisas sagradas, não têm contudo ocupações menos importantes ao público. Elas têm uma coisa que governar, marido que fazer feliz e filhos que educar na virtude".*

As meninas eram colocadas em instituições que lhes garantissem uma educação que as protegesse dos "graves danos que resultam no descuido dos pais de família na educação de suas filhas" (p. 2). No fim do século XVIII o Recolhimento surge como uma destas instituições. Ele diferia do convento (mais escassos no Brasil colonial) na medida em que não exigia votos das recolhidas - todavia, nelas o estilo de vida era absolutamente conventual.

Nizza da Silva (1981, p. 71) sobre a simplicidade no vestir cita a página 29 dos Estatutos:

"As recolhidas, quanto ao hábito, se vestir o de cor honesta, e do traje o mais s m - ples que puder ser, tanto na matéria como na forma; e assim o vêm, trabalha e tudo o mais, que for do vestido exterior, será de l , ou de algodão, em que se veja o asseio e a limpeza; mas não o enfeite nem a afeta o que desminta o modo de vida que elegeram; e esta mesma simplicidade se praticar  no calçado, onde não deve aparecer ouro, ou prata, nem outra coisa, que encontre a pobreza e a uniformidade com que todas devem vestir e calçar".

Evita-se ao máximo o contacto das recolhidas com o mundo exterior, as meninas viviam num típico ambiente de clausura, de fechamento numa pequena sociedade de pessoas do seu sexo, suas cartas são eram entregues após serem lidas pela Regente.

Restam-nos saber se os jovens viviam também enclausurados, sem qualquer acesso ao mundo exterior. No Seminário Episcopal de Olinda os colegiais, podiam, segundo os Estatutos, usar roupas diferentes quando no Seminário ou fora dele; podiam também receber certas visitas na portaria, com autoriza o do Reitor.

Nizza da Silva (1981) faz uma análise da segunda parte dos Estatutos na qual Azevedo Coutinho parece seguir fielmente, dadas as muitas coincidências entre os dois textos e a tradu o por vezes literal do original francês, "Traite de Education de Filles", de Fénelon". Azevedo Coutinho muitas vezes suprime muitas passagens do "Traite" de Fénelon, mas quando o utiliza, o traduz literalmente. Ele faz grande esforço e de certa forma bem sucedida, para adaptar um texto francês do século XVII   sociedade pernambucana do século XVIII.

Segundo o bispo de Pernambuco, a educação feminina tradicional, ministrada em casa apresentava os seguintes inconvenientes: ausência de ocupações, ociosidade que leva a moça a dormir por mais tempo do que deve para se ter uma saúde perfeita e, deste sono demasiado, surgem do exacerbado interesse por novelas e aquisição do hábito de falar muito. Visto isto, ficam-nos fácil entender o porquê de uma educação conventual: afastar a menina de tu do isto.

No Recolhimento as mestras encarregavam-se de — instruir as meninas nos primeiros princípios de religião e preservá-la "dos defeitos ordinários do sexo". Nizza da Silva cita a página 84 dos Estatutos no qual a dupla Fénelon-Coutinho dá largas às suas considerações sobre a "natureza" feminina: "por qualquer coisa, um susto ou timidez indivisível"; a "simulação e o artifício"; "o costume de falar muito"; e, finalmente, a vaidade. "Elas nascem com uma propensão violenta de agradar, ao que logo se segue o desejo de serem vistas; os homens procuram pelas armas, ou letras, conduzir-se ao auge da autoridade e da glória; as mulheres procuravam o mesmo pelo espirito e do corpo".

A educação feminina era, até aqui, uma formação, vejamos a instrução propriamente dita. Entre as mulheres, somente as que se destinavam à religião deveriam aprender latim e música, pois as que iriam viver para o marido, os filhos e a gerência da casa se limitavam a aprender a ler, escrever e contar, coser e bordar (atividades tipicamente



femininas).

Até na alfabetização encontramos diferenças entre a maneira de instruir as meninas e aquela destinada aos meninos, dava-se àquelas uma instrução de caráter lúdico: uma atividade que tornasse mais leve a atividade de estudo.

Já para os alunos do Seminário Episcopal a instrução era bem mais complexa. Era imprescindível para eles o aprendizado da arte do canto, assim como de gramática latina (que era o estudo básico da sociedade colonial, tal como o era da sociedade metropolitana), Retórica Poética, História, Geografia, Lógica, Metafísica, etc.

Com isto vemos a erudição que os jovens adquiriram no seminário, o contacto com poetas latinos tais como Cícero, Ovídio, Tito Livio e muitos outros, preparava-os para cada vez mais, assumir um papel de domínio - com isto eles aprendiam a fazer elogios dos grandes homens. A mulher romana não discutia as leis, tomava conhecimento delas para cumprí-las. Este discurso foi pregnante na sociedade colonial brasileira. Podemos dizer que a educação feminina tinha normas estabelecidas pelo Bispo de Pernambuco, que eram uma adaptação e uma simplificação do "Traité sur L'Education des Filles", de Fénelon. Quanto à Educação masculina, nota-se considerável enriquecimento curricular, cujo principal objetivo era o preparo do jovem para o poder, para a privilegiada condição de homem. Se comparados os dois estatutos, iremos verificar que a educação feminina era encarada basicamente como uma formação, uma preparação para

as tarefas próprias da condição feminina, reduzindo a instrução a aprender a ler, escrever, contar, coser e bordar.

A autora fez um exaustivo levantamento dos anúncios da "Gazeta do Rio de Janeiro" e verificou existirem neste período no Rio de Janeiro 15 cursos ou colégios femininos e 19 masculinos. Concluindo-se que havia nítida separação entre a educação feminina e masculina, através de análise e simultaneamente quantitativa e qualitativa. Havia 15 aulas diferentes, incluindo os colégios propriamente ditos, e o número de cursos que ensinavam as diferentes matérias, todos privados, era: coser - 11; bordar - 11; ler - 10; escrever - 10; contar - 7; falar português - 5; falar inglês - 4; música - 4; marcar - 4; dançar - 3; gramática portuguesa - 3; fazer enfeites - 3; cortar e fazer vestidos - 2; fazer renda - 2; engomar - 2; língua francesa - 2; fazer flores - 2.

A sociedade carioca, pelo que acabamos de ver, considerava como matérias básicas para a educação feminina saber por um lado ler e escrever e por outro coser e bordar. Ensinavam-se as prendas domésticas e as sociais, tais como: música, dança, canto e desenho artístico.

Concluimos com palavras da autora:

*"O abismo entre a educação feminina e masculina no Brasil colonial afigura-se-me por tanto mais profundo do que em Portugal, onde pelo menos, na Educação aristocrática, moços e moças recebiam cuidados semelhantes nas mãos dos preceptores. Tudo se passa como se a situação colonial agravasse ainda mais a situação de mulher." (1981, p. 81)*

## A Educação formal da mulher brasileira de hoje

Vimos que, para a mulher brasileira no período colonial, a oportunidade de educar-se era escassa e, quando existente, reduzida à formação religiosa e ao desenvolvimento de habilidades manuais.

Vejamos o que ocorre em nossos dias no que se relaciona à mulher e a educação formal.

Segundo dados do IBGE (Censo Demográfico 1970; PNADs 1976, 1978) terminando o 2º grau em maior número que seus colegas masculinos, as mulheres freqüentam a Universidade em menor proporção, mas, há uma clara tendência a equipararem-se as taxas de participação feminina e masculina.

Segundo Barroso (1982, p. 67):

*"Apesar das tendências que prenunciam mudanças podemos concluir como Mello: "Pode-se supor que os mecanismos de seleção sócio-econômica responsável pela pirâmide de matrícula no nosso ensino não somente operam de modo diferente para os dois sexos, mas que, no caso da mulher, são reforçados por obstáculos representados pelos valores associados ao papel subordinado que lhe reserva cultura. Se o momento crucial de seleção do homem é a passagem do 1º para o 2º grau, provavelmente por ser ele obrigado a trabalhar, isso também ocorre com a mulher, mas não de maneira tão acentuada, o que explica sua predominância quantitativa no 2º grau. Não encontrando alternativas de trabalho e não estando ainda em idade de casar, a jovem permanece na escola (Mello, 1977:3)."*

Para a captação da importância destes dados, no intuito de compreender a condição feminina, deve-se tentar apreender, para além das taxas, aspectos significativos desta escolaridade. Em outras palavras, rastrear, através do



que é possível e acessível, a permanência ou o desaparecimento de padrões diferenciais e discriminatórios na educação regular.

Nota-se grande divergência entre rapazes e moças na distribuição pelos diversos ramos de ensino que lhes são propostos, desde a puberdade (ensino de 2º grau) e que se estende pela juventude (vestibular e curso universitário): os ramos de ensino seguidos preferencialmente por homens e mulheres são nitidamente dicotonizados entre aqueles que têm preponderância masculina e outros feminina. A especificidade do masculino e do feminino é principalmente percebida nos ramos técnico e normal (formação de professores). A escola normal continua a absorver grande proporção de mulheres, refletindo atitudes e valores de famílias mais tradicionais que consideram este programa apropriado às mulheres, tanto no plano profissional quanto doméstico, ingressando no magistério de 1º grau (1a. à 4a. série), mercado mal distribuído (carente e saturado) e mal remunerado.

Nota-se, porém, um decréscimo gradual da importância do curso normal nas matrículas de mulheres que frequentam o 2º grau, em privilégio do curso de formação propedêutica. Modificações internas ao próprio 2º grau, a expansão do ensino superior, bem como a enorme insatisfação gerada pelas condições salariais do magistério primário (1a. a 4a. série) são responsáveis por esta procura dos ramos propedêuticos que constituem a melhor via de acesso ao curso superior. Segundo Lewin (1980), o que parece estar realmente ocorrendo é apenas um deslocamento destas mulheres pa

ra o magistério de 1º grau (5a. a 8a. série) e 2º grau através do acesso à Universidade. Barroso e Mello (1975) mostraram que, apesar da expansão da participação feminina no ensino superior, houve um aumento de concentração em determinadas carreiras, em especial as que preparam para o magistério secundário. Fato muito bem descrito por Lewin, (1980, p. 56):

*"De um modo geral, pode afirmar-se que quanto mais mulheres ingressam nas nossas Universidades, tanto maior a probabilidade de se tornarem professoras, de exercerem atividades assistenciais ou funções técnico-administrativas de escalão intermediário, dentro de suas áreas de graduação, decorrentes do tipo de tomada de decisão pessoal adotada frente à escolha profissional e do grau de condicionamento que a estrutura social impõe sobre essa tomada de decisão, no que se refere às oportunidades de trabalho, os requerimentos do mercado e do sistema econômico e, fundamentalmente, à garantia de reprodução das relações vigentes."*

Tanto na graduação, quanto na pós-graduação universitária, as mulheres são minoritárias nas Ciências Agrárias, nas Ciências Exatas e Tecnológicas. Em 1974, o trinômio Ciências Humanas, Letras e Artes é responsável por 70% das matrículas femininas no ensino superior (graduação). A situação da pós-graduação não apresentava, em 1975, divergências quanto às "preferências" masculinas e femininas, ocorrendo aqui também a maior participação feminina no trinômio Ciências Humanas e Letras e Artes (ver tabela, reproduzida de Barroso, 1982, p. 69).

Apesar das grandes dificuldades que vem enfrentando o egresso da Universidade para encontrar trabalho compatível com sua formação escolar, a dicotomização mascu

lino-feminina corresponde também a carreiras consideradas mais privilegiadas (engenharia, por exemplo) e menos privilegiadas (ramos da filosofia, enfermagem, serviço social). Além disso, as mudanças observadas em algumas carreiras, que de masculinas se transformaram em mistas, ocorreram paralelamente à transformação da natureza e queda de prestígio dessas carreiras. Segundo Miranda (1979), se em 1940 havia uma estudante de medicina para 17,4 homens, em 1970 a proporção já chegava a 1 para 3,6. No vestibular da Universidade de São Paulo, em 1977, de acordo com Dias e Martelli (1978), havia mais candidatas do que candidatos ao curso de Medicina. Esta entrada maciça de mulheres na Medicina ocorre simultaneamente aos baixos salários do médico, que vem progressivamente perdendo seu prestígio de profissional liberal.

Num nível de desagregação mais fino, Lewin (1980) mostra que, de 52 carreiras incluídas no vestibular unificado do Rio de Janeiro, no período de 1973 a 1977, apenas 1/4 são carreiras mistas, isto é, não têm mais que 60% de candidatos de um dos sexos. Todas as demais se dicotomizam entre as que têm predominância masculina ou feminina.



TAXA DE PARTICIPAÇÃO FEMININA NAS MATRÍCULAS,  
POR RAMOS DO ENSINO SUPERIOR  
— BRASIL

Ramos de Ensino	Graduação		Pós-graduação	
	1974 <sup>1</sup>		1975 <sup>2</sup>	
	N	%	N	%
Total	897 670	47,0	17 260	39,5
Ciências Biológicas e Profissionais de Saúde	116 626	47,5	3 149	42,9
Ciências Exatas e Tecnológicas	190 736	27,4	5 757	22,0
Ciências Agrárias	19 667	13,8	1 025	14,7
Ciências Humanas	477 721	50,7	5 828	51,1
Letras	65 121	85,5	1 409	71,7
Artes	27 799	49,8	92	65,2

Fontes: 1. IBGE. *Anuário Estatístico do Brasil* — 1975 (1975).

2. SEEC-MEC. *Sinopse estatística do ensino superior* — 1975 (1977).

Fonte: Barroso (1982, p. 69).

Pode-se portanto concluir que o ensino formal, em seus diversos níveis, apesar da igualdade constitucional de oportunidades educacionais entre homens e mulheres e da co-educação teórica e legal das escolas vem atuando no sentido de separar os sexos por ramos e áreas de conhecimento.

No Brasil, as pesquisas que visam identificar a existência de uma cultura sexista na escola têm-se dedicado principalmente à análise dos textos didáticos. E os resultados brasileiros têm sido idênticos aos denunciados pelas pesquisas norte-americanas e européias: o material didático utilizado na escola veicula uma imagem bipolarizada dos papéis sexuais, valorizando o sexo masculino, apresentando-o como o representante da espécie humana; em seu lado, a mulher (principalmente adulta) é tida como ser passivo, dependente do homem, restringindo sua vida à esfera do doméstico.

Pinto (1981) analisando 48 livros de leitura, aprovados por uma comissão de leitura vinculada à Secretaria de Educação de São Paulo, empreendeu uma descrição bastante complexa do universo ocupacional aí descrito. Em tais livros, para um total de mais de 2000 personagens masculinos, 57% são descritos como profissionais, enquanto apenas 19% das personagens femininas (para um total de 577) encontram-se na mesma situação. A taxa de feminilidade nos livros analisados (uma personagem feminina para quatro masculinas) poderiam indicar o androcentrismo dos livros escolares.

Interessante também é notar que a gama de diferentes profissões exercidas pelas personagens masculinas é muito mais rica que a das femininas: de um lado aparecem 137 profissões diferentes e de outro apenas 26. Não constitui surpresa que nesta população simbólica as profissões ou cargos masculinos mais frequentemente descritos se relacionam com o exercício do poder (rei, imperador) e que a ocupação feminina mais frequente é professora primária (26% das personagens femininas ocupadas).

A escola vem reproduzindo valores tradicionais também por omissão, ao não discutir internamente a questão feminina.

Segundo Barroso (1982), com exceção de alguns cursos ministrados em instituições de nível superior no Rio e em São Paulo, a instituição escolar não tem aberto espaço para uma análise crítica sobre o modo de existência feminino no plano social, econômico, cultural, político e nem mesmo educacional.

A menos que se desenvolva uma ação também no plano escolar, que vise à transformação de condição feminina, as reformas preocupadas com a expansão do ensino poderão contribuir para reforçar os papéis tradicionais de homens e mulheres.

Linguagem e sexismo: a ideologia do duplo valor e de submissão

Leitão (1979) faz um estudo do que o uso da lin-



guagem mostra sobre a desigualdade dos papéis masculino e feminino.

Limita-se a levantar somente dados usados tanto por homens quanto por mulheres para referirem-se às mulheres; não estuda a diferença dialetal que há entre o modo de falar do homem e da mulher.

Neste trabalho, a autora faz referências à invisibilidade da mulher na estrutura gramatical da língua através do uso do masculino como forma de gênero não-marcada, isto é, como base do sistema nas descrições linguísticas. Ou seja, em nível morfológico o feminino é indicado pela desinência "a" em oposição à desinência zero do masculino. Desta forma, esta é uma forma não marcada, ao passo que aquele é uma forma marcada.

Quando a concordância nominal é necessária o adjetivo concorda em gênero e número com o nome substantivo. Por exemplo: aluno estudioso e aluna estudiosa. Todavia quando ambas as formas estão presentes e a concordância faz-se necessária, observamos que o adjetivo é empregado em sua forma masculina, por exemplo: alunos e alunas estudiosos, excessão feita apenas, quando é uniforme, exemplo: camisas e sapatos verdes.

Segundo a autora, embora tal posicionamento não inferiorize a mulher, prova sua invisibilidade, sua rejeição.

Os indefinidos de referência à pessoa - ninguém, alguém, outrem, por sua forma, não podem ser considerados nem masculinos nem femininos, por não fazerem marca de gê-

nero. No entanto, a concordância nominal, quando se faz necessária, é feita com o adjetivo em sua forma masculina.

Exemplos:

- Ninguém *conhecido* foi à festa
- Garanto que só alguém *despreparado* será reprovado

Outro bom exemplo do predomínio da forma masculina sobre a feminina encontra-se nas léxias usadas para sintetizar substantivos de gêneros diferentes. Seguem alguns exemplos:

- irmão mais irmã igual a irmãos
- rei mais rainha igual a reis
- ator mais atriz igual a atores
- professor mais professora igual a professores
- filhos mais filha igual a filhos

Em se falando do predomínio acima apresentado, podemos exemplificar ainda mais com o uso do pronome pessoal masculino de terceira pessoa do plural, quando temos nomes masculinos e femininos juntos, exemplo:

*Maurício e Sandra* viajaram

ou

*Eles* viajaram

Da mesma maneira, se um professor tiver em sua classe vinte e nove alunas e um só aluno, ele deverá referir-se aos seus *alunos*.

### Linguagem e objetificação da mulher

Através do uso da linguagem vamos também constatar as expressões que reforçam os esteriótipos de submissão,

passividade e futilidade - atributos creditados a mulher dita feminina. A mulher deve ser bonita, enfeitar-se ou embonecar-se.

Segue algumas frases que ilustram este ponto de vista:

"Mulher bonita não precisa ser inteligente"

"Você é muito bonita para ter tanto talento"

"Mulher feia não dá palpite"

"Mulher feia é como sucata, não tem lugar no mercado"

E porque não Vinicius em sua "Receita de Mulher" (1976, p. 50)

*"As muito feias que me desculpem, mas beleza é fundamental. É preciso que haja qualquer coisa de flor em tudo isto."*

Quanto aos homens não há relevância no seu aspecto físico, este é apenas um dado a mais, valorizam-se sua inteligência e seu desempenho sexual. O homem pode ser feio, mas sendo inteligente é o bastante - o mesmo já não ocorre com a mulher.

Agradaremos a uma mulher se lhe dissermos que ela é linda, "gata", "gracinha", etc.

Mas se quisermos elogiar um homem basta que se lhe chame de machão, viril, bom de cama, etc.

O uso da língua coisifica as mulheres, elas são julgadas, quase que exclusivamente, pelos dotes físicos. Isto é resultado da concretização da concepção que o homem faz da mulher.



Cabe-nos aqui citar Heloneida Studart (1975, p.

18)

"A mulher é um objeto sexual; ao dizer isso, Betty Fridan recebeu como resposta uma onda de injúrias. Feia! Frustrada! sem dúvida a escritora americana é muito feia. Freud também era, Einstein tinha uma cara horrível, mas ninguém se recusou nunca, a ouvir suas idéias por causa disso. Não se está querendo comparar Betty Fridan com esses dois gênios, o que seria ridículo. Mas uma coisa é verdade: a mulher é o único ser racional que precisa abonar as suas teorias com um rosto bonito, com um belo par de pernas."

Examinaremos agora algumas dicotomias surgidas das metáforas zoomórficas.

Vejamos:

GALO - GALINHA

galo - gênero de aves galináceas de cristas carnudas e azas curtas e longas.

- o macho da galinha doméstica
- ser um galo = ter (o homem) o orgasmo demasiadamente rápido.

galinha - a fêmea do galo

- mulher que se entrega com facilidade, a aquela que aceita qualquer forma de relação sexual.

TOURO - VACA

touro - boi bravo

- homem fegoso e robusto

vaca - fêmea do touro

- mulher fácil, que aceita qualquer homem

PIRANHA

- designação comum a várias espécies de peixe teleostros, caraciformes, da família

dos caracídeos.

- mulher que, sem ser necessariamente prostituta, leva vida licenciosa.

Concluimos que nas palavras referentes às mulheres há sempre um sema (sinal) negativo à atividade sexual, enquanto nas referências ao homem, por lhe ser liberada a prática sexual, o mesmo não ocorre, as palavras vêm marcadas por sema positivo.

Na língua portuguesa não há equivalências masculinas para palavras ou expressões tais como: "piranha", "galinha", puta, mulher da zona, mulher de vida fácil, etc. As palavras gigolô e cafetão, depreciativas, referem-se simplesmente ao homem que viva da exploração do lenocínio. Poderíamos argumentar que "bicha" e "veado" completariam esse hiato de sentido, mas isto não se verifica, que tais termos têm como equivalentes femininos: "machuda", "sapatão", "fanchona", etc.

A ideologia do duplo valor tem seu ponto culminante no conceito de virgindade. É absolutamente correto o emprego da palavra virgem, para ambos todavia, em português é raramente usada sem relação ao sexo masculino. Virgindade é atributo tipicamente feminino.

Exemplo igualmente interessante é a expressão senhorita, pessoa do sexo feminino solteira (conotando virgindade) que não tem correspondência semântica masculina.

Da mesma maneira, não se encontra expressões para designar o início da vida sexual dos homens, independe de

ser ou não através do casamento. Já com a mulher solteira as palavras usadas dentro deste contexto semântico tem conotações negativas: perder-se, perder a honra, dar um mau passo, ser maculada. Em sujeito masculino, o uso de qualquer uma dessas expressões é motivo de piada.

Existem também expressões de insulto, para homens e mulheres, envolvendo a mulher: a mãe. Como exemplo temos: *é a mãe, filho(a) da mãe, filho(a) da puta, etc.*

Substituíssemos a palavra *mãe* pela palavra *pai*, as expressões acima não constituiriam uma ofensa, pois que a conduta moral do pai (homem) não é levada em conta - ao homem tudo é permitido.

Vejamos agora os termos usados com referência ao homem e à mulher que se envolvem de forma intensa à prática sexual. Para o homem, esta atitude é perfeitamente normal e as palavras ou expressões relativas ao seu desempenho tem semas positivas, constituem um elogio: ele é um garanhão, ele é muito macho, ele na cama é uma festa, etc.; na mulher só o procedimento é encarado como patológico: ela é ninfomaníaca, tem furor uterino e as palavras usadas tem semas negativos e são insultantes, por exemplo galinha, piranha, puta, putona, histérica, etc.

E aqui citamos Leitão (p. 44):

*"A moral do duplo valor ultrapassa o campo sexual e estende-se também no campo social. Basta a mulher comportar-se mais espontaneamente que a sociedade já a marginaliza. A ela não é permitido falar alto na rua, encontrar-se em botequins, frequentar certos locais sozinha, dirigir-se a qualquer homem ou convidá-lo para sair ou dançar, pois lo-*



*go ouvirá frases do tipo: se fosse uma mulher direita/honesta não faria isto."*

Tentamos de forma sucinta, pois o tema é vasto, requerendo mais espaço e tempo para que dele se tenha uma visão profunda, mostrar que as relações linguísticas revelam igualdades e desigualdades sociais. Daí ser-nos, de certa maneira, fácil comprovar que o léxico da língua portuguesa está impregnado de distinções sexuais.

### Os estereótipos de papéis sexuais na literatura: a poesia e o machismo

O corpo feminino ocupa lugar de destaque no discurso literário (sobretudo na poesia), já o corpo masculino é silenciado. De forma reveladora, o corpo masculino apesar de ausente, a voz que fala pela mulher é a masculina. Apesar de óbvia, esta constatação tem consequências graves quando falamos de cultura e seu papel no desenvolvimento de estereótipos de papéis sexuais. O poeta, tal como um xamã, ao empregar o seu imaginário, faz com que, através dele, toda a coletividade reviva seus fantasmas. O texto é um sonho coletivo, um mito: suas imagens e metáforas passam a ser de utilidade pública. Se traçarmos um paralelo com as comunidades primitivas, vamos verificar que nestas os mitos serviam para expressar seus temores, anseios e perplexidade, o texto poético, entre outros, desempenha este papel no nosso contexto social: expressam atitudes, sentimentos e ideologias.

A ausência do corpo masculino durante muitos séculos, salvo raríssimas excessões que, por serem tão ex-

cepcionais, só confirmam a regra, pode ser explicado pelo fato de que o homem sempre se considerou sujeito do discurso - a mulher é tão somente o objeto. Os seres fantasmas são projetados sobre o corpo feminino - o homem se escamoteia. O que aqui observamos é um preconceito histórico, segundo o qual o homem se caracteriza pela razão, pelas qualidades do espírito, enquanto a mulher é só instinto e forma física. Há uma múltipla consequência disso: o corpo da mulher torna-se objeto e um campo de exercícios do poder masculino. O homem, assim fala sobre a mulher pensando falar por ela, tal como um ventríloquo: o corpo pertence a outro, mas a voz é sua. Resulta de tudo isso a impressão do discurso masculino (na maioria das vezes machistas) sobre o silêncio feminino. Indubitavelmente houve nestas últimas duas décadas significativa mudança desse quadro, podemos até dizer que o discurso feminino e feminista tem o seu lugar em nosso contexto cultural, graças às produções de Clarice Linspector, Marina Colassant e tantas outras.

#### As origens da misoginia: a mulher como ser amaldiçoado

"Mulher é coisa medonha,  
faz do rico, um homem pobre  
E do pobre, um sem-vergonha."  
(Domínio Popular)

A História, a Sociologia e a Antropologia mostram-nos como a misoginia (medo às mulheres) é atitude comum desde as sociedades mais simples às sociedades mais complexas e industrializadas. Examinando-se os textos mais

antigos assim como os mais modernos, nos deparamos com o mito da mulher castradora, com o mito da vagina dentada, da mulher serpente e da mulher aranha.

O mito da vagina dentada diz respeito à imagem negativa da mãe. Os animais devoradores, todos eles, surgem como representação destes mitos. No Egito o abutre necrófago é símbolo da mãe.

Augras (1967, p. 123) cita Nunes Pereira que recolheu uma lenda amazônica que descreve as atribuições do Pronominário, grande fornicador, tentando unir-se à Mãe Jaburu, cuja vagina contém caranguejos, aranhas, escorpiões e outros insetos venenosos.

Nunes Pereira (ap. Augras, 1967, p. 123) também transcreveu outra lenda, do ciclo de Macunaíma, que mostra o herói indo a procura de uma árvore maravilhosa e perigosa, descrita como planta carnívora: a fabulosa árvo-re-do-sexo-de-mulher. A lenda conta como Macunaíma, após descobrir, numa clareira, a árvore seca, transformou-se em formiga para subir nos galhos e chegando à beira do sexo de mulher, é engolido pela planta voraz.

Na Grécia iremos encontrar a Esfinge, sufocando os impotentes; Echidna, metade serpente, metade mulher; Onifalo, como Deusa Terra matava seus amantes. As hárpias eram as mulheres demônio. Medusa era uma das Górgonas castradoras de homem. Já na tradição hebráica, Lilith é a mulher serpente, demônio terrível, foi a primeira esposa de Adão, antes de Eva (que supera os aspectos negativos).



A poesia: o mítico e o simbólico (a literatura reencontra o mito)

Para melhor encaminharmos nosso estudo, permitimo-nos aqui retornar o tema do mito, que é uma representação coletiva transmitida através de várias gerações e que propõe uma explicação do mundo.

Do ponto de vista linguístico, podemos dizer que há uma conexão entre linguagem e mito.

Segundo Cassirer (1946) linguagem e mito são manifestações originárias de uma mesma base. Para ele, no entanto estas manifestações rumam em direções opostas: a linguagem tende ao mágico. A medida em que a linguagem passa por expansão lógica, progressivamente afasta-se das suas raízes mágicas. Certas línguas permanecem ainda ligadas às suas raízes simbólicas - o chinês, por exemplo. Cada conceito em chinês é formado de símbolos de objetos concretos. Daí ser o chinês uma língua que se presta muito bem à poesia e pouco para metafísica - o confucionismo é antes uma ética (regras de vida). Já a poesia chinesa é das mais ricas.

No afastamento progressivo das origens míticas, a linguagem poética é a única que mantém o elo mágico e simbólico. A busca do estético em si é uma tendência desesperada de se reencontrar as fontes mágicas, no momento em que a sociedade as perdeu.

A poesia produz símbolos intencionais. O poeta surge como mediador: as imagens elaboradas no seu sistema

simbólico individual estão sintonizadas com o pensamento coletivo. As denominadas "intuições poéticas" nada mais são do que a capacidade de exprimir os símbolos latentes no grande corpo social.

Aqui citamos Affonso Romano de Sant'Anna (1984, p. 12):

"... já que a literatura é o mito revisitado aí estão as mulheres fatais como Salambô (Flaubert), Carmem (Merimée), Hero-diade (Mallarmé), Cleópatra (Gauthier), Salomê (Wilde), Kali (Swinburne) e tantas outras que o imaginário grego-cristão construiu esquizofrenicamente para dramatizar o temor de Eva e o amor de Maria. Portanto, a história da metáfora amorosa é, em grande parte, a história do medo de amar e da incapacidade de vencer fantasmas arcaicos e modernos. É claro que essa história é a história contada por homens. E, posto que o homem se elegeu como redator da história, escolheu para a mulher o papel do "outro" colocando nela a imagem do mal e da desagregação."

E ainda:

"Uma coisa me fascinou entre outras coisas neste estudo: ver como cada época organiza literalmente seu imaginário erótico: É como se fosse colocada uma moeda em circulação e, de repente, todos começam a expressar os seus fantasmas dentro daquele código. Como se organiza essa linguagem, dentro, acima ou a despeito dos conhecidos "estilos de época" é matéria de meditação..."

E para concluir:

"E nisso o poeta está expressando os traços neuróticos de sua comunidade. Ele dramatiza e metaforiza um conflito social. (...) a poesia problematiza a ideologia de uma época."

O Marianismo no Brasil: sua influência sobre a produção literária sexista

As duas grandes religiões que muito se empenhavam para conquistar o mundo, o Mitraísmo e o Cristianismo, nenhuma teve, em tempo algum, uma divindade feminina, mesmo secundária.

O século XIX foi o período da recuperação mítico-religiosa da Virgem Maria: A posição da Igreja era diversa até o século IV, mas no século V (em 431) a Igreja a confirma como "Theotokos" (mãe de Deus). No século VI a Madona e o Menino são tema preferido de pintores e escultores. No século XIX (1859), Pio X decreta o Dogma da Imaculada Conceição e no século XX (1950), Pio XII assina o dogma da Assunção.

No Brasil o marianismo deixou marcas na produção literária, não só nos trabalhos dos simbolistas como nos dos parnasianos. Além deste flanco religioso surge o ideológico, representado pela divulgação, entre nós, do Positivismo que tomava feições filosófica-religiosas enfatizando a função mediadora da esposa e incentivou o culto da santa mãe.

O parnasianismo insere-se num contexto de valorização da imagem da mulher. A mulher aqui surge como um ser superior, mas portadora de uma superioridade ambígua. Neste quadro o homem se faz de fraco e articula um discurso de dominação a partir de um simulacro, tal como o positivismo em cujo discurso esposas e mães substituem a Virgem. Tudo isto representa um esforço de escamoteamento de



uma prática de controle e submissão da mulher. Modernamente, Manuel Bandeira e Vinicius de Moraes utilizaram muito bem o discurso da dominação da mulher através do simulacro do endeusamento.

O positivismo ortodoxo no Brasil colocava a mulher num pedestal, a mulher foi elevada por meio do que se poderia considerar a transfiguração da Virgem. A feminilidade como um todo devia ser adorada e colocada a salvo de um mundo perverso. A mulher era assexuada, tornava-se tão somente mãe e esposa. O homem tem sua vida balizada por duas mulheres. A mulher é considerada superior, mas num contexto ambíguo, onde o fraco é forte e o forte é fraco.

#### Machismo e racismo: a figura da mulata

O estereótipo da mulata nas músicas carnavalescas é algo bastante comum desde o início do século. Destaca-se nas músicas o racismo falocrata do homem branco escamoteado em inteligente jogo de palavras poéticas ambíguas. Vale aqui destacar que essas músicas apenas atualizam um discurso já empregado na poesia romântica de mais de um século. A cultura popular, contrária à melhor literatura, ainda não se desvencilhou de preconceitos estratificados. Assim, o carnaval - exercício desreprimido de nossa ideologia - ratifica um violento preconceito contra a mulher de cor, disfarçado numa linguagem irônica e aliciadora.

Tentaremos aqui apresentar partes de algumas mu

sicas de amplo conhecimento popular com a finalidade de ilustrar o nosso ponto-de-vista:

"O teu cabelo não nega mulata,  
Porque és mulata na cor,  
Mas como a cor não pega, mulata  
Mulata, quero o teu amor."

"Olha, essa mulata quando dança,  
É luxo sô,  
Quando todo o seu corpo se balança,  
É luxo sô!"

"Oh, mulata assanhada,  
Que passa com graça,  
Fazendo pirraça,  
Fingindo inocente,  
Tirando o sossego da gente."

"Branco é branco,  
Preto é preto,  
Mas a mulata é a tal  
É a tal.  
Quando ela passa todo mundo grita,  
Estou aí, nessa marmitta."

Enfim, surge a mulata como figura não só para ser pintada (a grande paixão de Di Cavalcanti), mas para ser sentida, não para ser esposável, mas para ser comida (daí a marmitta). Tudo isso reflete uma realidade social (escravocrata e falocrática), é uma relação de poder. A mulata é posta como intermediária entre o elemento branco e a prostituta.

E é Chauí (1984, p. 228) quem diz:

"... essa rede autoritária de relações vem desembocar no racismo: "a cor que não pega", o "preto de alma branca", a frase gravada nas paredes das escolas de polícia: "Carioulo parado é suspeito, correndo é culpado."

Machismo e racismo se entrecruzam numa forma muito peculiar: o elogio da sensualidade rítmica dos negros e das mulatas é a forma acabada e perfeita do duplo não: elogia-se aquilo mesmo que a sociedade "infe-

*rioriza e condena."*

Freyre (p. 634, 1961) fala-nos do mito da "moura encantada", que vem a ser a raiz internacional para o mito da mulata no Brasil:

*"O longo contato com os sarracenos deixara idealizada entre portugueses a figura da "moura encantada", tipo delicioso de mulher encatada", tipo delicioso de mulher morena e de olhos pretos envolta em misticismo sexual, sempre de encarnado, sempre penteando os cabelos ou banhando-se nos rios ou nas águas das fontes mal-assombradas, que os colonizadores vieram encontrar parecido, quase igual, entre as índias nuas e de cabelos soltos no Brasil."*

A este respeito, parece-nos válido citar Romano de Sant'Anna (p. 31, 1984):

*"... evidentemente, a boa vontade de Freyre não explica pela mitologia um fato econômico e social."*

E ainda este mesmo autor (p. 31):

*"Ela é o espaço mestiço onde a ideologia também mestiça, exercita ambigualmente o jogo de sedução e da dominação erótica."*

Os inúmeros "shows" de mulatas, que fazem parte do roteiro turístico da cidade do Rio de Janeiro. A existência de "slogans" como "mulatas que não estão no mapa" e até mesmo o surgimento de "experts" (brancos, na sua maioria) denominados "mulatólogos", leva-nos a crer que no mundo dos requebros, das plumas e dos paetês, a mulata deixa de ser categoria da variável raça para se tornar categoria profissional que, pelo que podemos constatar tem grande valor no mercado dos "shows".

Resta-nos apenas saber se por trás de todo esse



"Oba-oba", brilho e esplendor não está bem montado. todo um sistema que envolve a exploração econômica dessas mulheres.

O estudo dos mitos e lendas brasileiras: a Antropologia simbólica e os padrões sexuais nos cultos afro-brasileiros

Ramos (1935) distingue os mitos relativos ao "ciclo da Mãe" e ao "ciclo do Pai".

No "ciclo da Mãe" incluem-se todos os mitos das águas: água salgada, de Iemanjá, água doce de Oxum ou, segundo a tradição indígena, de Iara.

Na mitologia africana, Ubatalã (Oxalá), o grande Deus, uniu-se Odudua, a terra. Nasceram desta união Aganjú (a terra) e Iemanjá (a água) de cujo casamento nasceu um filho, Orungan. Na idade adulta, Orungan apaixonou-se pela mãe e, aproveitando-se da ausência de seu pai, Aganju, violenta a sua mãe Iemanjá. Ao fugir da perseguição de seu filho, Iemanjá já tem o seu ventre rompido e dele saem todos os deuses. Dos seios partidos nascem todos os nós. Desta maneira, constatamos que os deuses nascem do incesto. Nesta versão africana do complexo de Édipo, a mãe é que sofre castigo. Ramos faz uma interpretação psicanalítica declarando que a morte da mãe é um deslocamento de culpa do filho.

Já nos mitos indígenas da Iara, o filho sofre a punição: morre por ter-se unido à Mãe-d'Água. Iara apresenta-se como um símbolo de mãe terrível e como hermafrodita. Tem a capacidade de transformar-se em rapaz para

seduzir as poucas moças para seduzir os rapazes. O castigo do filho de Iara é tornar-se água de rio, dissolvendo-se na própria mãe.

Oxalá, chefe dos Orixás tem um caráter bissexual. Representa na mitologia bantu a energia da natureza, a libido psicanalítica. Sua dupla natureza é evidenciada num "ponto" de candomblé: "Oxalá Rei ô Mãe de Deus."

Logunedê, filho de Oxum tem uma definição mais racionalizada, ele é, durante seis meses homem, vivendo na terra, caçando e comendo carne e outros seis meses mulher, em meio as águas e comendo peixe.

Ao "ciclo do Pai" pertencem todos os Orixás fálicos. Xangô, segundo Ramos, é um deus terrível porque encerra todos os componentes edipianos. Na lenda de Xangô o incesto é dirigido às suas irmãs (Oyá, Oxum e Obá) e não à sua mãe. Xangô, príncipe de uma tribo de Niger, recebeu do pai o falo ("encanto poderoso"), Oyá consegue roubá-lo e toma o poder - vemos aqui o desejo do pênis postulado por Freud. Xangô reúne os seus exércitos, mas é derrotado (castrado) e esconde-se nas entranhas da terra (volta ao útero materno), não morre e torna-se orixá (após o retorno ao útero materno, consegue sublimar a fixação e integrar a libido).

Xangô apresenta também um aspecto ambíguo, devido à sua castração simbólica, sua companheira, Iansã, deusa da tempestade e do rio Niger é o único orixá que enfrenta os espíritos dos mortos, manda no raio e no trovão, tal como Xangô. Tem um caráter bissexual e os seus emble

mas são fálicos. Pode-se até admitir que houve transferência em Iansã dos aspectos bissexuais de Xangô: na Igreja católica Iansã corresponde a Santa Bárbara, há cerca de setenta anos atrás Santa Bárbara era considerada encarnação de Xangô, reforçando assim a sua ambiguidade.

### Cultura sexista no Rio Grande do Sul: a figura do "matcho"

Lima (1978, p. 73) apresenta matéria jornalística não publicada pela revista "realidade" (que deixou de circular). Trata-se de interessante entrevista do escritor Érico Veríssimo, sobre o machismo (a "matcheza") gaúcho, vejamos alguns trechos:

"O machismo tem - parece-me - pelo menos duas conotações importantes: uma é a hombriedade, da bravura pessoal e a outra a da potência sexual. Costumam aparecer juntos nos homens que proclamam seu machismo, mas não raro encontramos casos em que um sujeito se gaba de sua coragem física ('quebrei a cara de fulano', 'enfrentei a facção dois bandidos ao mesmo tempo e levei a melhor'; não levo desaforo para casa, etc.) não raro para esconder alguma fraqueza de natureza sexual. E vice-versa."

"O Rio Grande do Sul tem sido, de acordo com a história escrita e oral (ambas impuras, com grande conteúdo mítico) um viveiro natural de machos. Até que ponto isto é verdade? Do ponto-de-vista sexual, não é fácil responder a esta pergunta, se a queremos atualizada. Ainda não temos estudos do tipo "Relatório Kinsey" entre nós. Quanto ao lendário "centauro dos pampas", bom, só agora se começa a contar a história do nosso Estado sem os mitos tradicionais que tendiam a dar a entender ao resto do Brasil que nós, os gaúchos mantemos o monopólio da coragem e que gaúcho é sinônimo de bravo, forte e impetuoso."

"Nosso Estado é uma fronteira. Foi durante mais de cem anos o mais sangrento dos campos de batalha do Brasil. Em setenta e se-



te anos tivemos no mínimo onze guerras e revoluções. Era natural que se formasse aqui uma sociedade em que só podiam sobreviver os fortes, os bravos."

"A literatura encarregou-se do resto, romanizando o tipo e trabalho de exportá-lo para o resto do país. Esses 'causos' exaltavam outras qualidades que passaram a pertencer - acredito que na maioria dos casos por motivos legítimos - ao gaúcho, a saber: cavalheirismo, lealdade, desprendimento, repúdio à emboscada, à traição, insistência em atacar o inimigo de frente, de cara. Mas a verdade é que, postas todas estas qualidades e defeitos no caldeirão do tempo e mexidas e remexidas, obtinha-se uma mistura final cuja característica se definia numa palavra: macho. Na nossa Campanha (região do Rio Grande do Sul onde estão situadas grandes estâncias) alguns, até por ênfase, pronunciavam-na à maneira castelhana: 'matcho'."

"Quanto às proezas sexuais creio que quem se gabava delas e a proclama com mais frequência é o orgulho (e também com espírito estatístico) é o gaúcho urbano. O do campo é muito discreto e 'casual' nesses assuntos."

"Na minha opinião, o machismo não deixa de ser uma espécie de neurose, uma medalha em cujo verso se pode descobrir um homossexual latente."

O machismo ou a "matcheza" recebe um tratamento de refinado humor na obra do gaúcho Luiz Fernando Veríssimo: "O Analista de Bagé" (1980). A história de um veterinário que se apaixona pelo discurso freudiano, tornando-se um "psicoterapeuta" que adota um método sincrético resultante da combinação de técnicas de lavagem cerebral com a "matcheza" dos cavaleiros de Bagé. Ele atende de calças bombachas, bota e espora, chapéu, lenço e tomando chimarrão. Em seu "consultório" estão lado a lado a fotografia de Freud, o relho (chicote de couro torcido) as boleadeiras (aparelho para laçar os animais, constituído por três bolas revestidas por couro espesso) e o facão. Todos úteis

instrumentos "clínicos"!

A partir de tão interessante trabalho, podemos concluir que o machismo é muito mais do que uma característica do comportamento sexual do homem gaúcho, em particular, e do brasileiro em geral - ele caracteriza o seu comportamento social.

## CONCLUSÃO

Ao concluirmos este trabalho, acreditamos ter sido fiéis à nossa proposta de efetuar um estudo multidisciplinar sobre as possíveis origens dos papéis sexuais e dos seus estereótipos.

O estudo dos papéis sexuais tem implicações de ordens as mais diversas, não se esgota no bio-psico-social (no seu sentido restrito), mas sim no mais amplo dos sentidos, atingindo vertentes políticas, econômicas e tantas outras.

Acreditamos, no entanto, termos dado ao nosso trabalho a suficiente abrangência, sem que com isto pretendêssemos esgotá-lo. Fomos suficientemente humildes para delimitarmos o assunto, mas, ao mesmo tempo, criteriosos no sentido de não resumi-lo excessivamente; em outras palavras, tentamos garantir para nós um espaço neste vasto campo de estudo, mas com suficiente lucidez para ver que ainda há muito por fazer. Isto nos conforta.



## BIBLIOGRAFIA

- ADLER, A. Sex. In: Jean B. Miller (ed.). *Psychoanalysis and women*. Penguin, Baltimore, 1973.
- ARIES, P. *História social da criança e da família*. Zahar Editores, 1978.
- AUGRAS, M. *A dimensão simbólica*. Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1967.
- . *O duplo e a metamorfose: a identidade mítica em comunidades Nagô*. Editora Vozes, Petrópolis, 1983.
- BANDURA, A. *Principles of behavior modification*, Holt, Rinehart and Winston, New York, 1969.
- BARNETT, H.G. *Being a Palanan*. Holt, Rinehart and Winston, New York, 1964.
- BARROSO, C. *Mulher, sociedade e estado no Brasil*. Unicef e Editora Brasiliense, São Paulo, 1982.
- BEACH, Frank A. *Sexo y conducta*. Siglo Veintiuno, México, 1974.
- BEAUVOIR, S. *The second sex*, Jonathan Cape, London, 1949.
- BEE, H. *Social issues in developmental psychology*. Harper and Row Publishers, New York, 1978.
- . *A criança em desenvolvimento*. Harper and Row do Brasil, São Paulo, 1977.
- BEE, H. and MITCHELL, S. *The developing person: a life-span approach*. Harper and Row Publishers, New York, 1984.
- BEIGUELMAN, B. *Citogenética humana*. EDART, São Paulo, 1967.
- BEM, S.L. Sex-role adaptability: One consequence of psychological androgyny. *Journal of Personality and Social Psychology*, 1975, 31, 134-143.
- . *The measurement of psychological androgyny*, *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 1974, 42, 153-162.

- BENEDICT, R. *Patterns of culture*. Routledge, London, 1935.
- BEZERRA, F. *Problemas de antropologia*. Gráfica Ouvidor Editora. Rio de Janeiro, 1976.
- BOOTH, T. *Psicologia do crescimento em sociedade*. Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1976.
- BRANDÃO, J. *Teatro Grego: Tragédia e comédia*. Edição Independente, Rio de Janeiro, 1978.
- BROVERMAN, I.K., BROVERMAN, D.M., CLARKSON, F.E., ROSENCRATZ, P.S. and VOGEL, S.R. Sex-role stereotypes: a current appraisal. *Journal of Social Issues*, 1972, 28, 59-78, in BEE, H. *Social Issues in Developmental Psychology*, Harper and Row, New York, 1978.
- CHAUÍ, M. *Repressão sexual*. Editora Brasiliense, São Paulo, 1984 (6a. ed.).
- D'ANDRADE, R.G. *Diferencias sexuales y instituciones culturales*, in MACCOBY, E.E. (ed.). *Desarrollo de las diferencias sexuales*. Ediciones Marova, Madrid, 1972.
- DAVID, A.H. and LUNDE, D.T. *Las hormonas sexuales en el desarrollo de las diferencias sexuales en la conducta humana*, in MACCOBY, E.E. (ed.), *Desarrollo de las diferencias sexuales*, Ediciones Marova, Madrid, 1972.
- DIAS, J.A. e MARTELLI, A.F. *Caracterização dos candidatos do vestibular*. FEUSP, São Paulo, 1978.
- ELIADE, M. *Mito e realidade*. Editora Perspectiva, São Paulo, 1972.
- ERIKSON, Erik E. *Infância e sociedade*. Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1971.
- FORDHAM, F. *An introduction to jung's psychology*. Penguin Books, Middlesex, 1970.
- FREUD, S. *O futuro de uma ilusão, o mal-estar da civilização e outros trabalhos (1927-1931)*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Freud, vol. XXI, Imago Editora, Rio de Janeiro, 1976.

- FREUD, S. *Algumas consequências psíquicas das diferenças anatômicas entre os sexos*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Freud, vol. XIX, Imago Editora, Rio de Janeiro, 1976.
- . *Novas conferências introdutórias à psicanálise* (1933). Conferência XXXIII: feminilidade. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Freud, vol. XXII, Imago Editora, Rio de Janeiro, 1976.
- GEWIRTZ, J.L. *Mechanisms of social learning: Some roles of stimulation and behavior in early human development*. In: D. Goslin (ed.), *Handbook of socialization theory and research*. Rand MacNally, Chicago, 1969.
- GOLDSCHMIDT, W. (ed.). *Exploring the ways of mankind*, Holt, Rinehart and Winston, New York, 1964.
- GOSLIN, D. In: D. Goslin (ed.). *Handbook of socialization theory and research*, Rand McNally, 1969.
- HOLLANDA, S.B. *Raízes do Brasil*. José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1981, 14a. ed.
- JUDD, M. (org.). *A inversão sexual*. Imago Editora, Rio de Janeiro, 1973.
- JUNG, C.G. *Tipos psicológicos*. Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1967.
- . *El hombre y sus símbolos*. Aguilar, Madrid, 1966.
- KAGAN, J. *Personality development*. Harcourt Brace Jovanich, New York, 1971.
- KOHLBERG, L. *Análisis de los conceptos y actitudes relativos al papel sexual desde el punto de vista del desarrollo cognitivo*, in MACCOBY, E.E. (ed.). *Desarrollo de las diferencias sexuales*, Ediciones Marova, Madrid, 1972.
- KOLODNY, R.C.; MASTERS, W.H.; JOHNSON, V.E. *Manual de medicina sexual*. Editora Manole, São Paulo, 1982.
- LEE, P.C., and GROPPER, N.B. *Sex-role culture and educational practice*. Harvard Educational Review, 1974, 44, 396-410.



- LEITÃO, E.V. *A mulher na língua do povo*. Achiamê, Rio de Janeiro, 1981.
- LEVINE, S. *Diferenças sexuais no cérebro*. In: *Psicobiologia*, EDUSP, São Paulo, 1970.
- LEWIS, O. *Tepotzlān-village in Mexico*. Holt, Rinehart, and Wiston, New York, 1964.
- MACCOBY, E.E. and JACKLIN, C.N. *The psychology of sex differences*. Stanford University Press, Califórnia, 1974.
- . *Diferencias sexuales en las funciones intelectuales*. In MACCOBY, E.E. (ed.). *Desarrollo de las diferencias sexuales*. Ediciones Marova, Madrid, 1972.
- MALINOWSKI, B. *The sexual life of savages in north-western of Melanesia*. Routledge and Kegan Paul Ltd., London, 1929.
- . *Sexo e repressão na sociedade selvagem*. Vozes, Petrópolis, 1973.
- MEAD, M. *Sexo y temperamento*. Editorial Paidós, Buenos Aires, 1961.
- . *Male and female*. Penguin Books, Middlesex, 1970.
- . (ed.). *Cultural patterns and technical change*. UNESCO, 1955.
- . *Coming of age in Samoa*. Mentor Books, New York, 1949.
- MIRANDA, G.V. *A educação da mulher brasileira e sua participação nas atividades econômicas em 1970*. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, (15):21-36 (dez), 1975.
- MISCHEL, W. *Las diferencias sexuales en la conducta desde el punto de vista del aprendizaje social*. In MACCOBY, E.E. (ed.). *Desarrollo de las diferencias sexuales*, Ediciones Marova, Madrid, 1972.
- MONEY, J. e TUCKER, P. *Os papéis sexuais*. Editora Brasiliense, São Paulo, 1981.
- MONTEIRO DE LIMA, D. *Comportamento sexual do brasileiro*. Livraria Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1978.

- MORAES, V. *Poesia completa e prosa*. Nova Aguilar, Rio de Janeiro, 1976.
- MULLAHY, P. *Édipo: mito e complexo*. Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1969.
- MUSSEN, P.H. *Early sex-role development*. In D.A.Goslin (ed.), *Handbook of socialization theory and research*. Rand McNally, Chicago, 1969.
- MUSSEN, P.H.; CONGER, J.J.; KAGAN, J. *Desenvolvimento e personalidade da criança*. Editora Harper and Row do Brasil, São Paulo, 1977 (4a. ed.).
- NIZZA DA SILVA, M.B. *Cultura do Brasil Colonia*. Editora Vozes, Petrópolis, 1981.
- PHOENIX, C.H.; GOY, R.G.; RESKO, J.A. "Psycho-sexual differentiation as a function of androgenic stimulation. In BEE, H., *Social Issues in Developmental Psychology*, Harper and Row, New York, 1978.
- PINTO, R.P. *Pesquisa sobre literatura didática*. FFLCH-USP, São Paulo, 1981.
- RAMOS, A. *O negro brasileiro*. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1934.
- . *O folclore negro no Brasil*. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1935.
- REICH, W. *A revolução sexual*. Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1977.
- . *Character analysis*. Farrar, Strauss, and Cudahy, New York, 1949.
- ROBERT, M. *A revolução psicanalítica*. Moraes Editores, Lisboa, 1968.
- ROSEMBERG, F. *A escola e as diferenças sexuais*. Cadernos de Pesquisa; São Paulo, 1975, (15):78-85, dez.
- SANT'ANNA, A.R. *O canibalismo amoroso*. Editora Brasiliense, São Paulo, 1984.
- SCIENTIFIC American (periódico). *Psicobiologia: as bases biológicas do comportamento*. EDUSP, São Paulo, 1970.

- SEARS, R.R. *Personality*. Annual Review of Psychology, 1950, 1, 105-108.
- SEARS, R.R.; MACCOBY, E.E. and LEVIN, H. *Patterns of child rearing*. Harper and Row, New York, 1957.
- SEARS, R.R.; RAU, L.; ALPERT, R. *Identification and child rearing*. Stanford University Press, Stanford, 1965.
- SILVA, M.B. *A cultura no Brasil colônia*. Editora Vozes, Petrópolis, 1981.
- SLABY, R.G. e FREY, K.S. *Desenvolvimento da constância de gênero e atenção seletiva para os modelos do mesmo sexo*. In BEE, H. *Psicologia do desenvolvimento*. Interamericana, Rio de Janeiro, 1978.
- STORR, A. *A agressão humana*. Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1970.
- THOMPSON, L. and JOSEPH, A. *The education of the Hopi child*. In GOLDSCHMIDT, W. (ed.). *Exploring the ways of mankind*. Holt, Rinehart and Winston, New York, 1964.
- THOMPSON, S.K. *Gender labels and early sex-role development*. Child Development, 1975, 46.
- TOLEDO, R.A.G. et al. *A dominação da mulher; os papéis sexuais na educação*. Editora Vozes, Petrópolis, 1981.
- VANDER, A.J.; CHERMAN, J.H.; LUCIANO, D.S. *Fisiologia humana*. Mc Graw-Hill do Brasil, São Paulo, 1981.
- VERÍSSIMO, L.F. *Analista de Bagé*. L & PM Editores, Rio Grande do Sul, 1983, 72a. ed.
- WEST, D. *Homosexuality*. Penguin Books, Middlesex, 1971.
- WILLIAMS, J.E.; BENNET, S.M. and BEST, D.L. *Awareness and sex stereotypes in young children*. Developmental Psychology, 1975, 11, 635-642.
- WILSON, E.O. *Da natureza humana*. EDUSP, São Paulo, 1981.
- YANG, M. *Intrafamilial relationship of a Chinese village: Taiton, Shantung Province*. Columbia University Press, New York, 1945.



Tese apresentada aos Srs.:

Nome dos  
Componentes da  
banca examinadora

Eliezer Schneider  
Eliezer Schneider  
Mirian P. S. Zippin Grinspun  
Mirian P. S. Zippin Grinspun  
Stefan Kucharski  
Stefan Kucharski

Visto e permitida a impressão

Rio de Janeiro, 30 / 06 / 1987

Nilton Lucipira  
Coordenador Geral de Ensino

Maria Inete Costa Colgan  
Coordenador Geral de Pesquisa